

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
BRASILEIRA/ MESTRADO
NÚCLEO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO**

SAMMIA CASTRO SILVA

**PROTAGONISTAS NO ENSINO DA CAPOEIRA NO
CEARÁ: relações entre lazer, aprendizagem e formação
profissional**

**FORTALEZA (CE)
2013**

SAMMIA CASTRO SILVA

**PROTAGONISTAS NO ENSINO DA CAPOEIRA NO
CEARÁ: relações entre lazer, aprendizagem e formação
profissional**

Dissertação submetida à
Coordenação do Programa de Pós-
Graduação em Educação Brasileira,
da Universidade Federal do Ceará,
como requisito parcial para obtenção
do título de Mestre em Educação.
Área de concentração: História e
Memória da Educação.
Orientador: Prof. Pós-Dr. José
Gerardo Vasconcelos.

**FORTALEZA (CE)
2013**

Silva, Sammia Castro, 1984-

Protagonistas no ensino da capoeira no Ceará: relações entre lazer, aprendizagem e formação profissional.- 2013.

123 f.: il. color; 31 cm

Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (Ce), 2013.

Orientação: Prof. Pós-Dr. José Gerardo Vasconcelos.

1- JOGO DA CAPOEIRA. 2- HISTÓRIA ORAL. 3- CAPOEIRA NO CEARÁ. 4 - EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS. I- Vasconcelos, José Gerardo (Orient.). II- Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. III- Título.

SAMMIA CASTRO SILVA

**PROTAGONISTAS NO ENSINO DA CAPOEIRA NO
CEARÁ: relações entre lazer, aprendizagem e formação
profissional**

Dissertação submetida à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de mestra em Educação. Área de concentração: História e Memória da Educação. Orientador: Prof. Pós-Dr. José Gerardo Vasconcelos.

Aprovada em: _____ / _____ / _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos (Orientador)
Universidade Federal do Ceará- UFC

Prof. Dr. Rui Martinho Rodrigues
Universidade Federal do Ceará- UFC

Prof. Dr. Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior
Universidade Estadual do Ceará- UECE

Prof. Dr. Robson Carlos da Silva
Universidade Estadual do Piauí- UESPI

*Fecha-te, corpo,
Guarda-te, irmão,
Na santa arca de São
Salomão.
(Oração de São Salomão)*

AGRADECIMENTOS

A Deus, cuja onipotência e onipresença tudo movem.

Ao amor, a exu, ao axé, à alegria, obrigada Senhor!

À família, minha base.

A todos os professores que contribuíram para minha formação, seja na graduação, especialização ou no mestrado.

Ao meu orientador, Professor Pós-Dr. José Gerardo Vasconcelos, por me mostrar a direção certa.

Aos grandes mestres de capoeira do Brasil, cuja trajetória de luta é fonte de inspiração para a mandinga de superar os obstáculos da vida.

Aos grandes mestres de capoeira do Ceará, em especial àqueles que acreditam na potencialidade da educação na capoeira.

Aos mestres participantes desta pesquisa. Obrigado pela confiança, apoio e generosa contribuição. Digo mestre Zé Renato, mestre Paulão Ceará, mestre Zé Ivan, mestre João Baiano, mestre Everaldo Ema, mestre Jorge Negão, mestre Bebezão e mestre Haroldo.

Aos capoeiristas antigos da orla marítima de Fortaleza, entre eles Luciano Negão, Fábio do Cavaco, Alfredo Montenegro e Carlos Augusto, que rememoram com alegria e entusiasmo a época em que respiravam capoeira.

Ao grupo de capoeira Água de Beber, liderado por mestre Ratto, por contribuir com minha inspiração e inserção no universo da capoeira. Obrigado por proporcionar um ambiente em que seja exercitada a cooperação, a amizade, a vadiação e a “mandigagem”.

Aos amigos de infância, das faculdades, dos trabalhos e os da vida. Obrigado.

RESUMO

A capoeira como patrimônio cultural imaterial brasileiro está presente em todas as regiões do Brasil e em cerca de 150 países. Apesar de a tradição oral se referir ao início dessa prática em épocas anteriores, os primeiros registros históricos foram encontrados a partir do século XVI, e em maior quantidade a partir do século XVIII nas cidades do Rio de Janeiro, Bahia e Recife. A prática da capoeira em território cearense é recorrente, com mestres reconhecidos local, nacional e internacionalmente pelo trabalho desenvolvido. Registrar a história de vida daqueles que protagonizaram o ensino da capoeira em instituições formais de ensino do Ceará foi o objetivo central deste estudo. Objetivos específicos: contribuir com o debate da educação na capoeira e da formação profissional na capoeira, além de levantar dados sobre a história da capoeira no Ceará. Os selecionados para participar desta pesquisa foram José Renato de Vasconcelos Carvalho (mestre Zé Renato) e os quatro mestres que formou durante experiência pedagógica no Centro Social Urbano Presidente Médici, na década de 1970- José Ivan de Araújo (mestre Zé Ivan), João de Freitas (mestre João Baiano), Everaldo Monteiro de Assis (mestre Everaldo Ema) e Jorge Luiz Natalense de Sousa (mestre Jorge Negão). Foi utilizado o aparato metodológico da história oral e, mediante a história de vida dessa primeira geração de mestres, pôde-se reconhecer que a intensidade da vivência prática do lazer, do esporte e da arte na prática da capoeira constituiu um significado determinante na vida dessas pessoas, que passaram a desempenhar atividades pedagógicas em distintos locais da cidade de Fortaleza e a formar outros grandes capoeiristas do Estado. Pôde-se, então, reconhecer personalidades e instituições importantes que promoveram a evolução e perpetuação da capoeira no Estado.

Palavras-chave: Educação; Capoeira; História oral; Lazer; Formação Profissional

ABSTRACT

Capoeira Brazilian as intangible cultural heritage present in all regions of Brazil and in over 150 countries. Although the oral tradition to refer to the beginning of the practice in earlier times, the first historical records were found from the seventeenth century, in Rio de Janeiro, Bahia and Recife. The practice of capoeira in the territory of Ceará is recurrent, with teachers recognized locally, nationally and internationally for their work. Record the history of life of those who staged teaching capoeira in formal educational institutions of Ceará was the central goal of this study. Specific Objectives: To contribute to the debate on education and vocational training capoeira capoeira, and collect data on the history of capoeira in Ceará. Individuals selected to participate in this research were José Renato Carvalho de Vasconcelos (Master Zé Renato) and the four teachers who graduated during teaching experience in Social Urban Center President Medici in the 1970s, Ivan José de Araújo (Master Ze Ivan), John de Freitas (master John Baiano), Everaldo Monteiro de Assis (master Everaldo Ema) and Natal's Jorge Luiz de Sousa (master Jorge Negão). We used the apparatus and methodology of oral history through the life story of this first generation of teachers, we recognize that the intensity of the practical experience of leisure, sport and art in the practice of capoeira was a decisive meaning in their lives, who now play educational activities in different locations around the city Fortaleza and train other great capoeiristas state. In this scenario we could recognize important personalities and institutions that promoted the development and perpetuation of poultry in the state.

Keywords: education; capoeira; oral history; leisure; professional training

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1- Zé Renato em 29 de outubro de 2012.

FIGURA 2- Notícia jornalística relacionando José Renato ao teatro de bonecos.

FIGURA 3- Participação de Zé Renato na reinauguração do Theatro José de Alencar em 1996.

FIGURA 4- Adeptos da gafeira desde a década de 1950.

FIGURA 5- Foto antiga com a presença de Zé Renato, ex-alunos do Médici, Esquisito, entre outros capoeiristas antigos de Fortaleza.

FIGURA 6- Folclorista Maristela Ataíde Holanda, em entrevista realizada em 24 de janeiro de 2013.

FIGURA 7 – Mosaicos desenvolvidos por José Renato.

FIGURA 8- Trabalhos em couro de mestre Zé Renato.

FIGURA 9- Restauração da fachada do prédio da Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, em Fortaleza.

FIGURA 10- Certificado do Prêmio Viva Meu Mestre em 2011. Fonte: Arquivo pessoal de José Renato.

FIGURA 11- Documentos que comprovam homenagens recebidas por Luciano.

FIGURA 12- Dona Rita e Virgílio Távora.

FIGURA 13- Luciano surfando na Praia de Iracema.

FIGURA 14- Luciano Negão aos 17 anos de idade.

FIGURA 15- Luís Luciano do Nascimento na quadra da casa do governador Virgílio Távora.

FIGURA 16– Local de treinamento da capoeira vista por outro ângulo e em momento de festa da comunidade.

FIGURA 17- Finado Macaúba.

FIGURA 18- Luciano Negão treinando o aú.

FIGURA 19- Luciano Negão com mestre Haroldo à esquerda, Carlos Augusto e Fábio na sequência

FIGURA 20– Certificado recebido em 1977.

FIGURA 21- Certificado de reconhecimento no pioneirismo da capoeira no Ceará.

FIGURA 22- Carteira de sócio-artista concedida aos primeiros integrantes do grupo de capoeira do Presidente Médici.

Figura 23- Alguns alunos do CSU Presidente Médici em confraternização já no início da década de 2000: mestre Zé Renato, José Ivan, João Baiano, Jorge Negão e Demóstenes. Fonte: Arquivo pessoal de João Baiano.

FIGURA 24- Mestre Jorge Negão e participantes da aula em homenagem às mulheres e à lua cheia na rua Crateús em Fortaleza. Fonte: Karine Amaro.

FIGURA 25- Documento comprobatório referente à contratação de Everaldo Ema como professor de capoeira em 1979, no Colégio Júlia Jorge. Fonte: Arquivo pessoal de Everaldo Ema.

FIGURA 26- Capoeiristas, utilizando-se de faixas de graduação, e um grande público no Centro Social Urbano César Cals, no início da década de 1980. Fonte: Arquivo pessoal de Josenir Almeida.

Figura 27- Capoeiristas no Colégio Júlia Jorge, no início da década de 1980, com os seguintes mestres: Wlisses, Lula, China, Everaldo, Jorge Negão, Espirro Mirim e Aluisio Ceará. Fonte: arquivo pessoal de Josenir Almeida.

LISTA DE ABREVIATURAS

ABHO- Associação Brasileira de História Oral.

CND- Conselho Nacional de Desportos.

CSU- Centro Social Urbano.

CTCAF- Círculo dos Trabalhadores Cristãos Autônomos de Fortaleza.

CNFCP- Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular.

IBECC- Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura.

INDESP- Instituto Nacional do Desporto.

IOHA- Associação Internacional de História Oral.

IPHAN- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

MEC- Ministério da Educação.

ONG- Organização não governamental.

PNC- Programa Nacional da Capoeira.

SPHAN- Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

UNESCO- Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
I. Ferramenta educacional peculiar.....	13
II. O objeto de pesquisa.....	14
III. Considerações sobre o método.....	16
IV. Subjetividade, memória e história de vida.	19
V. Aspecto geral dos capítulos.	21
CAPÍTULO 1- AS DIFERENTES FACES DA CAPOEIRA NA HISTÓRIA BRASILEIRA.....	22
1.1 Sobre a origem da capoeira	22
1.2 Sobre a ludicidade, o jogo e a malandragem.....	25
1.3 Marginalização da prática	28
1.4 Folclorização e esportivização da capoeira.....	37
1.5 Gestão pública cultural brasileira relacionada à capoeira.	44
1.5.1 O estudo da cultura popular e o início das políticas culturais	44
1.5.2 Da noção de patrimônio cultural no contexto pós Segunda Guerra Mundial ao decreto 3.551/2000.....	46
1.5.3 Documentos relevantes à capoeira no início do século XXI.....	49
1.5.4 Projetos públicos relacionados à política cultural da capoeira.....	50
CAPÍTULO 2- SOBRE A HISTÓRIA DA CAPOEIRA NO CEARÁ	52
2.1 Horizonte a ser desbravado	52
2.2 Zé Renato, trajetória de vida.....	55
2.2.1 Experiência com a prática da capoeira em Crateús e na Bahia	57
2.2.2 A passagem pelo Rio de Janeiro e pelo Maranhão	60
2.2.3 Experiências profissionais em instituições de ensino de Fortaleza: o primeiro professor de capoeira.	61
2.2.4 O ensino da capoeira no Centro Social Urbano Presidente Médici	64
2.2.5 Reminiscências da folclorista Maristela Ataíde Holanda sobre a capoeira no Médici	65
2.2.6 Viagem a Brasília e a outros estados... A capoeira não pode morrer !.....	67
2.2.7 Da década de 1980 aos dias atuais	69
2.3 Considerações sobre a relação do mestre Zé Renato com a história da capoeira do Ceará	71
2.3.1 Quem ensinou capoeira à galera que jogava na praia?	72
2.4 Luciano Negão e a casa do governador Virgílio Távora	73

2.4.1 Alguns relatos sobre os estudantes de Medicina ex-alunos de Bimba	75
2.4.2 A roda de capoeira na casa do Governador	76
2.4.3 Considerações sobre acadêmicos cearenses que foram alunos de mestre Bimba ...	82
CAPÍTULO 3- HISTÓRIA DE VIDA DOS PROTAGONISTAS NO ENSINO DA CAPOEIRA NO CEARÁ	83
3.1 Mestre Zé Ivan.....	84
3.1.1 Entre o lazer e a trajetória profissional	86
3.1.2 Conflitos... ..	89
3.1.3 Uma tentativa de unificação da capoeira cearense	91
3.2 Mestre João Baiano	92
3.2.1 O aspecto profissional do capoeirista João Baiano	95
3.3 Mestre Jorge Negrão	98
3.4 Mestre Everaldo Ema	103
3.4.1 A inserção de Everaldo na capoeira	104
3.4.2 Novos professores de capoeira em Fortaleza	107
3.4.3 Um professor de capoeira com carteira assinada.....	108
3.4.5 O início do sistema de graduação de capoeiristas em Fortaleza	110
3.4.6 Os troféus de mestre Everaldo Ema e o Grupo Favela de Capoeira	112
3.4.7 Conflitos... ..	116
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
REFERÊNCIAS	123

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

I. Ferramenta educacional peculiar

A prática da capoeira pode ser uma ferramenta educacional multidisciplinar dentro do sistema formal de ensino, inclusive lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, conhecida por Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDB. De acordo com Brasil (1996), no artigo 26-A da LDB, incluído pela lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003, os conteúdos relacionados à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas nacionais serão contemplados em todo o currículo escolar, especialmente nas áreas de Educação Artística, Literatura e História.

O ensino de Arte-Educação, substituindo à antiga Educação Artística, sugere que o professor trabalhe as diferentes linguagens artísticas, em especial a Música, a Dança e o Teatro. Segundo Brasil (2003), há um direcionamento metodológico para esse componente curricular denominado *Proposta Triangular* que prevê a integração entre fazer artístico, apreciação e contextualização histórica. Música, dança e teatralização constituem elementos vivenciados dentro das inúmeras rodas de capoeira que se desenvolveram informalmente no seio da sociedade brasileira e hoje é um dos expoentes máximos representativos da cultura popular do nosso povo, até mesmo internacionalmente.

Dentre os princípios que regem o ensino formal de História existe um que orienta para um diálogo entre diferentes culturas e etnias, principalmente africana, indígena e europeia. Segundo os PCNs, a investigação histórica, em contato com as demais Ciências Humanas, direciona ao entendimento da diversidade de vivências culturais em diferentes linguagens, como oral, gestual, figurada, musical e rítmica, além da convencional leitura e escrita. Dentre as inúmeras possibilidades de conexão da capoeira com as diferentes disciplinas, é possível também averiguar que na Educação Física ela também é fortemente estimulada. A prova disso é que nos Parâmetros Curriculares do Ensino Fundamental dessa disciplina, a palavra capoeira é citada em doze momentos do texto. Os instantes em que o uso desse vocábulo ocorrem são na discussão sobre a abordagem crítica da Educação Física desde a década de 1980, no

debate sobre trabalho, consumo e reflexão acerca da transformação da produção cultural, sendo citada também no bloco de conteúdos da Atividade Rítmica e Expressiva e, por fim, como um exemplo de luta.

Sobre a possibilidade de conexão da cultura afro-brasileira e indígena com a Literatura, mais especificamente com a prática da capoeira, é possível sugerir obras de grandes autores que relataram essa prática nos próprios trabalhos, tais como Jorge Amado, Manoel Antônio Almeida, Edson Carneiro e Gilberto Freire, entre outros. A importância desse elemento educacional é comprovada, também, em meio às políticas públicas culturais, pois, em 2008, a arte da capoeiragem foi reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro e, em 2012, como elemento fundamental na composição histórica do frevo, manifestação cultural brasileira reconhecida como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO. O contexto histórico da noção de patrimonialismo e políticas de preservação cultural será discutido mais adiante. Inicialmente, relataremos apenas que, após as emendas aos artigos 215 e 216 da Constituição Federal de 1988, a cientificidade, a multidisciplinaridade e o estreitamento, ou mesmo fim, das barreiras tradicionalmente existentes entre o erudito e o popular ganham destaque no aparato legislativo de maior hierarquia no País.

II. O objeto de pesquisa

A veracidade do início da prática da capoeira em território cearense, assim como acontece no Brasil, é imprecisa e merecedora de maior levantamento de dados. Esta dissertação tem como objetivo principal registrar a história de vida daqueles que protagonizaram o ensino dessa arte-luta-dança em instituições formais de ensino do Ceará. Especificamente, pretendemos contribuir com o debate da educação na capoeira e da formação profissional na capoeira, além de levantar dados sobre a história da capoeira no Ceará. Os selecionados para participar desta pesquisa foram José Renato de Vasconcelos Carvalho (mestre Zé Renato), José Ivan de Araújo (mestre Zé Ivan), João de Freitas (mestre João Baiano), Everaldo Monteiro de Assis (mestre Everaldo Ema) e Jorge Luiz Natalense de Sousa (mestre Jorge Negão). O período em que foi demonstrado esse protagonismo permeia a década de 1970. Compostos o local e o

período, devemos descrever o cenário, os personagens e principalmente as experiências de vida, mediante o recurso metodológico da História Oral.

O recurso da história oral mostra-se coerente como proposta metodológica para o estudo das experiências dos primeiros professores de capoeira do Estado, incluindo situações de aprendizado, lazer e atitudes estratégicas que lhes conduziram também a uma atividade profissional pioneira e fundamental na composição genealógica da capoeira cearense. No dossiê elaborado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional- IPHAN, que concede o título de patrimônio imaterial à capoeira, foram reconhecidas as possíveis variações regionais e locais dessa prática e reforça a relevância de estudos que abordem as respectivas singularidades históricas. É importante ressaltar que a história contada da capoeira cearense é relativamente recente, com eventos que datam da década de 1960 e uma eminente propagação da prática na década de 1970, havendo atualmente a possibilidade de acesso direto às pessoas que contribuíram para perpetuação dessa manifestação cultural educativa.

O engajamento a esse estudo em nossa trajetória acadêmica inicia-se ao terminar uma especialização em Arte-educação e Cultura Popular na Faculdade de Tecnologia Darcy Ribeiro, nessa ocasião nos interessamos inicialmente por pesquisar os mestres da cultura do Estado do Ceará, amparados pela lei nº 13.842, de 2006, especialmente aqueles envolvidos com danças e folguedos cearenses. A participação em um laboratório de pesquisas em cultura folclórica aplicada- Mira Ira, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, contribuiu de grande maneira com a paixão a essa temática. Durante os estudos sobre as políticas culturais patrimonialistas brasileiras, detectamos a capoeira como parte desse patrimônio e com uma discussão acerca desse folgado não ser considerado um patrimônio cultural cearense pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará. O fato de a referida Secretaria não conferir o título de mestre da cultura ao capoeirista Zé Renato, nos fez vivenciar polêmicas entre capoeiristas e a Secretaria, entre os próprios mestres de capoeira e entre estudiosos da cultura em geral. Entre essas polêmicas constatamos como seria relevante contribuir com o estudo histórico da capoeira cearense, bastante popularizada na contextura local, nacional e internacional.

Apesar de algumas experiências com a capoeira na pré-adolescência, podemos considerar que nos iniciamos na capoeira em julho de 2012, momento em que já vivenciáramos diferentes manifestações artísticas dentro das práticas do grupo folclórico supracitado. Consideramos que o reencontro com a capoeira ocorreu em uma época de maior maturidade para o entendimento do valor de uma manifestação deveras complexa do ponto de vista psicomotor, cognitivo, afetivo e cultural.

III. Considerações sobre o método

Utilizamos neste estudo, fundamentalmente, o método da história oral, mais especificamente técnicas da história de vida. A pesquisa documental e iconográfica também se fez presente por todo o segundo e terceiro capítulos, enriquecendo e ilustrando as diferentes narrativas expostas. Com relação ao método que norteia esta pesquisa e segundo Meihy (1998), existem três modalidades de História Oral, a história de vida, história temática e tradição oral. A pesquisa da história de vida se refere à técnica de obtenção de dados referentes às experiências de uma pessoa em torno de ações sociais e sob a perspectiva histórico-cultural, possibilitando um resgate de trajetórias individuais. O entendimento da elaboração, metamorfose e assimilação de valores de determinados grupos e pessoas, bem como a narrativa do conjunto de experiência de vida, fazem parte dessa técnica. Sobre a História temática, o autor deixa claro o compromisso com o esclarecimento e/ou opinião dos entrevistados sobre um assunto específico, exemplificando com uma pesquisa temática acerca do samba com os dirigentes da velha guarda da Portela. Por fim, a tradição oral vem sob o reflexo do que anteriormente poderia ser chamado de estudo folclórico, pois essa modalidade da história oral trabalha com a permanência dos mitos e com a óptica holística de sujeitos e comunidades assegurados em valores perpetuados via gerações, configurando o que se entende por tradição.

Para Alberti (2005), existem inúmeros campos de pesquisas que se utilizam da História Oral, tais como a História do cotidiano, ¹História política, História de

¹ Não apenas como história dos grandes homens e grandes feitos, mas sim diferentes formas de articulação de atores e grupos, verificando a importância das ações dos indivíduos e suas estratégias; Reconstituir redes de relação, formas de socialização e canais de ingresso na carreira, bem como investigar estilos políticos específicos a indivíduos e grupos

comunidades, História de instituições, Biografias, ²História de experiências, Registro de tradições culturais e a História de memórias. Conforme Barros (2011, p.197) há três critérios que dividem os diferentes campos do saber histórico. Entre esses, há o ³critério da abordagem, que representa os modos de fazer história, onde estão situadas a História Oral, Serial, Quantitativa, Imediata, Local, Regional, Micro-História e Biografia. A temática da subjetividade e da hermenêutica, da inteligibilidade do discurso em oposição à história ficcional, do conceito de memória e da valorização do sujeito, são recorrentes entre os historiadores que se pronunciam em prol da formulação do conceito da História Oral.

Contrariando a ideia de essa prática ser considerada um simples recurso metodológico, existem defensores da História Oral como campo disciplinar. Segundo Guarinello (1998 p. 62), *uma disciplina voltada para o passado, para produção de memória a partir dos vestígios do pretérito existente no presente*. As fronteiras que a separam das demais Ciências Humanas é explicada pela compreensão do próprio termo, já que a palavra *história* remete a um campo científico vasto, cheio de vertentes eminentemente emancipatórias e amplamente discutido no último século. O termo *oral* revela uma aproximação com Sociologia, Antropologia e mesmo a Psicologia. Seria mais do que uma zona de fronteira entre diferentes campos disciplinares. Esse interstício seria entre a própria academia científica e o mundo real. O autor ressalta a importância do oralista na produção dos próprios vestígios, bem como na escolha de como e para que será submetida a memória individual e/ou grupal coletada. Há a opção da submissão aos ditames e regras do universo científico e mesmo a que grau isso poderia ser feito, sem escapar a possibilidade da contemplação à espontaneidade e autenticidade do material produzido. Na análise do autor, é necessário o caráter público da documentação, clara explicitação da técnica e precisão das questões, para que possam atender às necessidades de memória das gerações futuras.

² O estudo de como pessoas efetuaram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas, combina-se com a ideia de mudança de perspectiva para questionar interpretações generalizantes de determinados acontecimentos. História dentro da história. mudança de perspectiva./// pesquisa9representações do passado, a constituição da memória é interessante pq está atrelada à constituição da identidade. Pollack a memória resiste a alteridade e à mudança e é essencial na percepção de si e dos outros, constituição de memórias não é o mesmo que construir histórias

³ Para Barros (2011), os campos históricos geradores de divisões da História seguem três critérios: dimensões, abordagens e domínios. O primeiro enfatiza perspectivas da vida social por exemplo, economia, política e cultura. O critério da abordagem refere-se ao tipo ou tratamento de fontes e ao campo de observação. O terceiro critério relaciona-se a campos temáticos, como História da arte, da mulher, da loucura, do direito, enfim vários domínios surgem e mesmo desaparecem do horizonte desse saber.

A oralidade tem grande importância em torno do conceito de cultura tradicional popular e foi amplamente utilizada pela história africana e outras comunidades iletradas, na perpetuação da memória coletiva das comunidades. O recurso da oralidade passa a ser utilizado, após a invenção do gravador nos Estados Unidos, por volta de 1950, pelas ciências políticas e biógrafos interessados na construção da imagem de heróis e líderes ianques. Para Joutard (1998), essa forma de utilização do recurso da fonte oral caracteriza o que seria a primeira geração de *historiadores orais*, citando também o exemplo do Instituto Nacional de Antropologia Mexicana que, em 1956, registrou os depoimentos dos líderes da Revolução Mexicana. A segunda geração da história oral, iniciada nos fins da década de 1960 e situada à margem da universidade, teria sido influenciada pela Antropologia, no aspecto de dar voz aos povos sem história, iletrados, vencidos, marginais, minorias, negros e mulher.

O caráter militante de proteger um método histórico que valorize a verdade do povo difundiu-se pela Inglaterra e América Latina e invadiu posteriormente o espaço acadêmico. Joutard (1998) cita uma mesa redonda intitulada *A história oral*, em 1975, no XIV Congresso Internacional de Ciência Histórica de San Salvador, e o 1º Colóquio Internacional de História Oral, em 1976, com o tema *Antropologia e História: Fontes Oraís*. A formação de grupos de estudo e congressos são marcas da terceira geração. Como exemplo, pode ser citada a Associação Francesa de Arquivos Sonoros, em 1979, e a Fundação Getúlio Vargas no Brasil, em 1975, interessada inicialmente nos depoimentos de líderes políticos brasileiros a partir da década de 1930. Na Costa Rica, de 1976 a 1978, foi realizado um concurso de autobiografias dos camponeses.

Por fim, na década de 1990, é iniciada 4ª geração, ancorada na discussão da subjetividade e da memória como reveladora de mentalidades. Dessa forma, há um reencontro da História Oral com a História Geral, especificamente com a escola historiográfica francesa de Annales, aspirante à produção de uma História Total. A consolidação da História Oral em meio acadêmico, a criação da Associação Brasileira de História Oral- ABHO- em 1994 e da International Oral History Association (IOHA), em 1996, são marcas dessa década. Os associados são estudiosos e pesquisadores das áreas de História, Ciências Sociais, Antropologia, Educação e demais disciplinas das ciências humanas.

IV. Subjetividade, memória e história de vida.

A subjetividade, apontada inicialmente como fraqueza metodológica, ganhou força nas últimas décadas pela capacidade de captação de crenças e valores dos diferentes sujeitos que compõem a sociedade e que expressam as próprias histórias de vida como um aparato da realidade vivida. Cabe ressaltar que a compreensão da subjetividade neste estudo se aproxima do sentido bergsoniano. Deleuze (1999) p. 19 e 20 assim se expressa:

Eis-nos, assim, em presença de uma nova linha, a da subjetividade, na qual se escalonam afetividade, memória-lembrança, memória contração: cabe dizer que esses termos diferem por natureza daqueles da linha precedente (percepção-objeto-matéria). Em resumo, a representação em geral se divide em duas direções que diferem por natureza, em duas puras presenças que não se deixam representar: da percepção, que nos coloca de súbito na matéria; e da memória, que nos coloca de súbito no espírito[...] A intuição nos leva a ultrapassar o estado da experiência em direção às condições da experiência[...] Mas essa ampliação, ou mesmo ultrapassamento, não consiste em ultrapassar a experiência em direção a conceitos, pois estes definem somente, à maneira kantiana, as condições de toda experiência possível em geral. Aqui, ao contrário, trata-se da experiência real em todas suas particularidades. E se é preciso ampliá-la, e mesmo ultrapassá-la, é somente para encontrar as articulações das quais essas particularidades dependem. Desse modo, as condições da experiência são menos determinadas em conceitos do que nos perceptos.

As relembrações exploram significados subjetivos da experiência vivida, bem como a natureza da memória coletiva e individual de determinado período. Nesse sentido, história e memória se entrecruzam, respaldando a História Oral como campo elementar de recuperação e de ressignificações das situações passadas. Histórias de vida podem revelar diferentes formas de aprendizagem, elementos formuladores de uma pedagogia da experiência por meio de um discurso que não reforce a comum dissociação entre educação e vida. O lugar da subjetividade confere destaque, pois, na exploração das reflexões, percepções, desejos e sentidos de experiências vivenciadas. Relativamente à evocação da memória sob o compasso social do tempo,

A força da evocação pode depender do grau de interação que envolve: eventos de repercussão restrita diferem, em sua memorização, dos que foram revividos por um grupo anos a fio. [...] Conhecemos a tendência da mente de remodelar toda a experiência em categorias nítidas, cheias de sentido e úteis para o presente. [...] Um desejo de explicação atua sobre o presente e sobre o passado, integrando suas experiências nos esquemas pelos quais a pessoa

norteia sua vida. [...] O empenho do indivíduo em dar um sentido à sua biografia penetra nas lembranças como um desejo de “explicação”. (BOSI, 1994, pág. 419).

Razão, memória e imaginação combinam-se no delinear da capacidade intelectual do homem. A intensidade da vivência oferece um ponto de apoio para que o sujeito enxergue na própria história o sentido da aprendizagem, baseada na experiência de vida.

“ Quão frágil é a memória, se confrontada com fontes escritas e, também quão pobre é a escrita no que se refere às emoções, sentimentos e lembranças muito pessoais, que brandas guardamos em nosso íntimo. Dessas lembranças não pode abdicar a autobiografia, mesmo a intelectual, fecundando-se o recurso aos documentos pelas recorrências mais cuidadosamente guardadas. Por isso, a autobiografia assume a forma de ensaio em sua vocação de criticidade posta a meio caminho entre a sistematicidade do discurso científico ou filosófico e a busca mais pura da forma, como na poesia e na literatura, mantendo-se mais próxima do horizonte de vida de quem escreve.”(MARQUES, 1996, p.10).

Maurice Halbwachs (1990), sob intensa influência de Durkheim, concebeu o estudo dos quadros sociais da memória, compreendida por muitos como uma teoria psicossocial sobre a memória. É evidente a preocupação do autor em analisar a influência dos quadros sociais que norteiam a evocação da memória. Narrativas são criadas para dar conta de uma fantasia imaginária, fruto de uma memória coletiva, onde as pessoas se identificam com acontecimentos relevantes ao grupo a que pertencem. Em oposição a esse conceito, Pollack (1989) vê na memória coletiva uma forma específica de dominação ou violência simbólica às memórias individuais. A fronteira entre o dizível e o indizível recai num conceito de memória subterrânea de grupos ou indivíduos, que ameaçam o sentido de identidade do próprio grupo e também a imagem que desejam passar aos demais. Dessa forma o autor se interessa por atores que intervêm nesse processo. Seria uma análise dos excluídos, objetos de pesquisa que competem e conflitam com memórias concorrentes. De acordo com Le Goff (2012), é preciso “Trabalhar para que a memória coletiva sirva para libertação e não para servidão dos homens”.

V. Aspecto geral dos capítulos

Diante desses preceitos, elaboramos esse texto dissertativo, explanando primeiramente, mediante ampla pesquisa bibliográfica, a contextualização histórica da capoeira no Brasil, abordando as diferentes versões acerca da origem da capoeira, o aspecto lúdico do jogo, bem como o período de marginalização da prática. Em seguida, discorreremos sobre o período da “folclorização” e “esportivização”, além de uma síntese da gestão pública cultural brasileira relacionada à capoeira, do período varguista ao século XXI.

No segundo capítulo, que trata da história da capoeira no Ceará, trazemos uma exposição de algumas produções acadêmicas que se referem a essa temática, e iniciamos uma investigação aprofundada sobre aspectos já mencionados nos trabalhos acadêmicos. O aparato metodológico da história oral tornou-se necessário já no segundo capítulo em razão da inexistência de outros tipos de fontes que tratam da capoeira cearense. Os vestígios encontrados ampliaram o conhecimento e lançaram os questionamentos que necessitam de uma elucidação mais aprofundada em um trabalho acadêmico que trate especificamente da genealogia da capoeira cearense.

Sobre a origem da capoeira no Ceará partimos da premissa de que, desde os períodos coloniais, possam ter passado adeptos da capoeira em solo cearense, porém averiguamos que, a partir da década de 1960, surgem relatos de um rudimentar jogo da capoeira ter sido visto pela orla marítima de Fortaleza, enquanto mestre Zé Renato inicia o aprendizado nessa mesma década em solo cearense. O atleta e surfista Alfredo Montenegro aprende capoeira com um *diskey jockey* baiano de uma antiga boate da Praia de Iracema e começa a ministrar alguns treinos para alguns colegas. Luciano Negão, na casa do ex-governador Virgílio Távora, representa outro foco de prática da capoeira ainda na década de 1970. Para alguns frequentadores da casa de Luciano Negão, o primeiro ponto de ensino da capoeira em Fortaleza foi no antigo Círculo de Trabalhadores Cristãos de Fortaleza, liderado por um ex-aluno de Zé Renato.

Portanto, os seres selecionados a participar desta pesquisa se mostram de enorme relevância na questão do protagonismo no ensino da capoeira, já que, além de serem os primeiros professores a serem contratados para lecionar em instituições

formais, foram os pioneiros no estabelecimento do conceito e da relação de professor-aluno, ou mesmo mestre-discípulo.

O terceiro capítulo é dedicado à investigação da história de vida dos protagonistas no ensino da capoeira cearense, considerados os quatro ex-alunos de Zé Renato, da época em que este teve a oportunidade de lecionar no Centro Social Urbano Presidente Médici. A relação entre lazer e aprendizagem desencadeou uma formação profissional como professor de capoeira num momento que a sociedade desconhecia essa prática e o mestre de capoeira não tinha a visibilidade social de atualmente, pelo fato de a capoeira ter sido considerada patrimônio imaterial cultural brasileiro. As histórias de vida de mestre João Baiano, Zé Ivan, Everaldo Ema e Jorge Negão são de alçada relevância no debate sobre o ensino da capoeira no Estado do Ceará.

1- AS DIFERENTES FACES DA CAPOEIRA NA HISTÓRIA BRASILEIRA

1.1 Sobre a origem da capoeira

Dissertar sobre capoeira requer debater inicialmente sobre as ⁴divergências entre diferentes teorias relacionadas ao *locus* do surgimento dessa prática. De acordo com Brasil (2007), há três mitos vinculados à origem da capoeira, repassados por mestres das diferentes regiões brasileiras. Primeiramente, há o mito de essa prática ter sido trazida por africanos escravizados da África Central, ou seja, a origem da capoeira seria majoritariamente africana. A segunda teoria difundida pelo País assinala que a capoeira foi uma criação de escravos quilombolas no Brasil. Desse modo, é uma manifestação cultural de origem brasileira. Existe o terceiro mito, com menor índice de aceitação, que propaga a teoria da capoeira ter origem indígena.

A primeira teoria é respaldada em Hebeisen (1951), ao assinalar que, no século XVI, chegaram à Bahia os primeiros capoeiristas, oriundos de Angola e adeptos de um jogo que prioriza a utilização de pés e cabeça. Em razão da eficácia da luta africana nos

⁴ Sobre as divergências relacionadas à etimologia da palavra capoeira, é interessante consultar Rego (1968) pág. 27. Alguns significados: Cesto feito de varas, carruagem velha, tipoia, peça de moinho, mato que foi cortado, ave que também é conhecida pelo nome Uru e jogo atlético.

combates corporais com europeus, teria sido proibido no Brasil no tempo da Colônia, Império e mesmo na República. Segundo Bola Sete (2001), em Angola, existia um ritual de grande agressividade que se chamava *N'Golo* ou *Jogo da Zebra*, uma espécie de luta que marcava o início da puberdade das moças. Os homens disputavam a posse das mulheres aos coices, pontapés e cabeçadas, semelhante às zebras em períodos de cio. Ambos os autores assinalam a teoria da necessidade de disfarce da luta em dança em virtude da repressão de alguns feitores e proprietários de terras, assim como admitem também a admiração e o consentimento da prática em momentos de folga por alguns desses.

No cativeiro, os negros tiveram que disfarçar a luta em dança, com a introdução de instrumentos musicais e movimentos cadenciados, para poderem praticá-la sem suspeitas, embora alguns senhores permitissem aos senhorinhos, como eram chamados os filhos dos senhores de engenho, o aprendizado da luta. (BOLA SETE, 2001 p.20).

[...]mas não demoraram os negros em encontrar uma solução: da mesma maneira que camuflaram sua religião com a de seus senhores, camuflaram a luta da capoeira com pantomimas, mímicas e danças, acompanhadas de música.[...] O feitor passava, apreciava os negros brincando de Angola. Achava bonito, e os jogadores continuavam suas pantomimas, jogavam-se ao chão, olhavam-se de cabeça para baixo, riam e dançavam uma dança esquisita de gingados e pulos, ou rolavam no chão que nem cobras. Os senhores e as sinhás gostavam de ver. Os negros não perdiam a oportunidade de exercitar-se e se pilavam milho, punham-se de cócoras e as mãos dos pilões desciam numa pancada só acompanhando seu canto. (HEBEISEN, 1951 p. 4).

A hipótese do disfarce da luta em dança é bastante popularizada, porém é contestada por Capoeira (1998) e Rego (1968). Esses autores são contundentes ao defenderem a teoria de a capoeira ter sido criada no Brasil, em decorrência da integração entre diferentes modos de luta e jogos provenientes de várias etnias africanas. Apesar da rivalidade e diferenças culturais existentes entre tribos africanas, após certo período de convívio, no Brasil muitos estabeleceram laços entre si, promovendo a permuta de costumes e a luta em prol da liberdade. Rivalidades eram fomentadas pelos administradores coloniais e pela ínfima possibilidade de ascensão social. Segundo Cavalcanti (2004), os negros eram tratados como mercadorias, cujos valores variavam conforme a condição de boçal, ladino ou crioulo. Os boçais, africanos recém-chegados e não favoráveis à integração pacífica, custavam um menor valor em relação ao ladino e ao crioulo, representando, respectivamente, o africano integrado e em seguida o negro ou mulato nascido no Brasil. O crioulo era o mais valorizado e, quanto mais branco

fosse, maior valor lhe era atribuído. Houve, contudo, uma valorização da comunidade negra ao boçal em vez do crioulo, pois boçais fortificavam os ideais de libertação e a valorização da própria cultura.

De acordo com Capoeira (1998), entre 1816 e 1831, o Brasil foi amplamente documentado por Debret e, mesmo com as proibições e repressões à capoeira promovidas pela Guarda Real, fundada em 1808, após a vinda da Família Real ao País, o disfarce da luta da capoeira como dança não foi retratado. O disfarce teria ocorrido após 1831, o que não tem a menor lógica, já que todas as manifestações negras, incluindo as danças, estavam nesse período legalmente proibidas. A mescla de luta e dança teria ocorrido para uma possibilidade de conquista de espaço e território mediante a cultura em um momento posterior, mais precisamente no século XX, portanto esse seria mais um argumento que provaria que a capoeira, no formato em que conhecemos hoje, é de fato uma prática afro-brasileira de acordo com a segunda teoria mencionada no parágrafo introdutório deste capítulo.

A terceira teoria, que versa sobre a capoeira ser originária da cultura indígena, é respaldada por um menor número de estudiosos desse assunto. Geralmente argumentam baseados no fato de a palavra capoeira proceder do tupi-guarani, além de citarem ocorrências dessa palavra em cartas de jesuítas enviadas a superiores europeus ainda no século XVI. O caráter lúdico da cultura indígena possui semelhança com o mostrado em algumas manifestações africanas, tomando como exemplo a formação da roda em diferentes rituais e o treinamento para batalha, que utiliza movimentos imitativos de animais, como o pulo do macaco, a dança da aranha e o rolar da cobra. Segundo Pires (1996), o folclorista general Couto de Magalhães foi um dos defensores da origem indígena da capoeira, o que seria uma causa ideológica na tentativa de valorização dessa raça para formação da identidade nacional. Lussac (2004) apud Silva (1995) argumenta essa teoria baseado no livro *A arte da gramática da língua mais usada na costa do Brasil*, do padre José Anchieta em 1595. Nesse estudo, ele teria relatado que os índios tupis-guaranis divertiam-se jogando capoeira. Em cartas de Jesuítas foram descritas lutas em que se utilizavam fundamentalmente pés e cabeçadas. Exemplo de luta que utiliza esses golpes é o Maraná, original dos índios tupis. Uma dificuldade na comprovação dessa teoria é a destruição dos sítios arqueológicos no litoral brasileiro, desde a colonização.

Neste estudo, partiremos da premissa de que é inoportuno definir uma só gênese da capoeira para todos os estados brasileiros, pois as diferentes teorias fazem parte da identidade dos vários grupos. Consequentemente, seria demasiadamente superficial e tendencioso atribuir para todos os grupos uma só origem, assim como estabelecer apenas um estado brasileiro como *locus* do surgimento da capoeira, até porque as distintas formas de prática em diferentes períodos históricos dificultaria essa atribuição.

Apesar de admitirmos que a prática da capoeira pelas regiões brasileiras é marcada pelas singularidades locais e históricas, é interessante mencionar que as regiões portuárias da Bahia, Recife e Rio Janeiro possuem os registros históricos mais antigos e considerável número de relatos relacionados com a primeira e a segunda teoria. A transmissão oral de conhecimento foi por muito tempo a principal fonte de informação da história da capoeira. Os registros criminais, jornalísticos e cartas oficiais também são indícios analisados por pesquisadores da atualidade, o que prova de fato que Ruy Barbosa, ministro da Fazenda no governo de Deodoro da Fonseca, não teria conseguido apagar a mancha negra da escravidão da história brasileira ao queimar documentos referentes a esse período.

1.2 Sobre a ludicidade, o jogo e a malandragem.

A ludicidade está relacionada ao brincar, ao jogo e à fantasia, em que as funções cognitivas superiores são estimuladas pelo divertimento. É possível encontrar estudos sociológicos, históricos, biológicos, psicológicos, e mesmo filosóficos, com o objeto de pesquisa centrado no aspecto lúdico do jogo. Huizinga (1999) sugere que tão importante quanto a racionalidade e a lógica produtivista neoliberal é o jogo, pois, para o autor, é no jogo e pelo jogo que a civilização surge e se desenvolve. É interessante verificar o questionamento e desmistificação do conceito de *Homo sapiens* e *Homo faber* à medida que o *Homo ludens* é elucidado pelo autor.

O primeiro é caracterizado pela exagerada devoção ao racionalismo do século XVIII, afirmando que a sapiência é uma condição final do estado evolutivo da raça humana. Posteriormente, foi conceituado o *Homo faber*, no contexto da Revolução Industrial, que se propagou pela Europa durante o século XIX; no entanto a importância do jogo no surgimento e evolução da civilização está relacionada tanto com o desenvolvimento da cognição como com a capacidade produtiva dos seres. Essa teoria

parece estreitar o significado das palavras jogo e cultura, admitindo o primeiro termo como um fenômeno cultural de suma importância à sociedade, que muitas vezes foi negligenciado pelos estudos antropológicos.

Aproximamo-nos de uma definição de jogo que não implica basicamente uma prática caracterizada primordialmente por uma competição exacerbada, pois nele deverá haver essencialmente espontaneidade e mistério. No jogo há surpresa e um caráter estético, que não é alvo de censura, nem de limitações, mas que provoca uma reinterpretação da realidade. Tarefa difícil é definir e conceitualizar a palavra jogo, termo polissêmico e banalizado pela mídia, motivo pelo qual a compreensão do caráter educacional e cultural desse elemento da natureza do ser humano não é alcançado.

Não errará jamais quem buscar o ideal de beleza de um homem pela mesma via em que ele satisfaz seu impulso lúdico. A razão afirma que o homem deve somente jogar com a beleza, e somente com a beleza deve jogar. Pois para dizer tudo de vez, o homem joga somente quando é homem, no pleno sentido da palavra, e somente é homem pleno quando joga. (SCHILLER, 2002 p. 80).

O exercício do jogo educa não apenas e unicamente o desenvolvimento cognitivo de um, mas esse elemento educacional teria conferido, na óptica de Huizinga (1999), as habilidades necessárias para resolver e superar os grandes desafios da humanidade, na interpretação de valores e na resposta às provocações do caos, elemento básico no mundo do homem produtivo. A vontade de poder relaciona-se ao que Nietzsche chama de jogo do mundo, essencialmente formado de acasos e acidentes, como um jogo de dados. O jogo do mundo caótico é visto não como uma falta e deficiência, mas carente de bons jogadores. É condição inerente ao homem envolver-se e afeiçoar-se ao jogo do mundo, como vontade de poder, aceitando que como loucos-artistas precisamos aprender a jogar.

O louco-artista [*Narr*] não fica amuado com o jogo tangente de metas do mundo, mas encontra vantagem em estar à parte, sentindo e meditando o sentido [*besinnen*] do acontecimento de mundo. Os loucos-artistas, aqueles desdenham de agradar e esquecem de convencer, se aproximam do grande estilo de sua existência-intérprete, levando a sério o jogo henológico dos afetos da vontade de poder. Para eles, o mundo se mostra como um jogo de interpretação, como uma provocação ao jogo henológico de possibilitação de sua existência-intérprete. O louco-artista ambiciona se aproximar do grande estilo, daquele estilo que dá configuração de unidade às suas múltiplas expressões afetivas (obras), ele quer “sentir de maneira cósmica” sua própria existência-artística, quer sentir-se como um broto na árvore de sua criação de

mundo, quer jogar como criança um jogo inocente de vir-a-ser o que é. (MEES, 2011 p.219).

A concepção filosófica da vontade de poder e da necessidade de ressignificar o corpo reprimido e violentado por um corpo que sinta prazer e brinque diante do caos do homem produtivo relaciona-se, no primeiro momento histórico, com a filosofia do jogador de capoeira. Há também uma relação do jogo da capoeira com o jogo protagonizado, bastante elucidado pelas teorias pedagógicas e caracterizado pela representação lúdica de papéis e habilidades necessárias à sociedade em um momento posterior. No caso do jogo da capoeira, essa futura necessidade é o recurso das habilidades físicas, da malícia, malandragem, e até mesmo da proteção divina, que, para o jogador de capoeira, é a mandinga, nos desafios e injustiças de uma realidade social desfavorável.

As situações do cotidiano nos colocam em situações às quais devemos optar por caminhos e deveremos procurar aqueles que nos facilitarão a conquista dos objetivos. Sabemos que existem regras a serem respeitadas, ou seja, são princípios éticos que nós mesmos e nossos antagonistas (alguém ou algo) deveremos respeitar. Avalio que tais considerações são de fundamental importância para a apresentação de um jogo que tenha a intenção de promover momentos de reflexão educativa das pessoas como fundamento. Tais discussões aprofundam a ideia de sociedade e padrões de comportamento. É elemento sempre presente e consistente na prática da capoeira, e daí então entenderemos seu processo histórico de inserção na sua expressão como jogo [...] Reconhecemos a ideia de que a ação de jogar se assemelha ao chamado “jogo da vida”. (REIS, 2001 p. 82, 83).

De acordo com Elkonin (2009), o jogo protagonizado, aparentemente supérfluo e repleto de inocência, é o que melhor representa e explica a origem histórico-cultural do jogo na sociedade, bem como ressalta a importância da relação desse elemento cultural para a educação. As circunstâncias sócio-históricas e culturais permitiram um desenvolvimento na abrangência da gestualidade, hábitos, costumes, valores e ideologias no jogo da capoeira. A representação dos papéis na capoeira é um misto de franqueza ou dissimulação, desafio e esperteza, cooperação e disputa, assim como todo jogo, palavra originária do latim *jocus*, que significa zombaria, gracejo. Os grandes mestres de capoeira ressaltam a importância da protagonização e da malícia por meio da transmissão oral de conhecimento, utilizando exemplos de lendários heróis da capoeira, além de narrar fatos da época da colonização, de guerras, do folclore, de religião, ou mesmo de simples fatos corriqueiros por meio de cantigas e diálogos com discípulos-ver cantigas 1,2 e 3.

Cantiga 1-Louvor a Pastinha (Tony Vargas, s/d)

Certa vez, perguntaram a seu Pastinha o que era a capoeira.
Mestre velho e respeitado, ficou um tempo calado, revirando a sua alma,
se virou e respondeu com calma em forma de ladainha,
A capoeira é um jogo, é um brinquedo,
é se respeitar o medo e dosar bem a coragem.
É uma luta, é manha de mandingueiro,
é o vento no veleiro,
é lamento na senzala.
Um berimbau bem tocado.
O riso de menininho.
A capoeira é voo de um passarinho.
É bote de cobra coral.
Sentir na boca,
todo o gosto do perigo
e sorrir para o inimigo,
apertar a sua mão.
É o grito de Zumbi
ecoando no Quilombo
é se levantar de um tombo,
antes de tocar o chão.
É o ódio
e a esperança que nasce.
O tapa que explodiu na face, foi arder no coração. É enfim
aceitar o desafio
com vontade de lutar,
capoeira é um pequeno navio,
solto nas ondas do mar.

Cantiga 2- Tamos na escola (Folclore)

Viva meu Deus!
coro: Yê, viva meu Deus camarada
Viva meu mestre!
coro: viva meu mestre camarada
Que me ensinou!
coro: que me ensinou camarada
A malandragem !
coro: a malandragem camarada
Da capoeira!
Coro: da capoeira camarada
Tamos na escola!
Coro: tamos na escola camarada!
Para aprender!
Coro: para aprender camarada
Carta de ABC!
Coro: carta de ABC camarada
Volta do mundo!
Coro: volta do mundo camarada
Que o mundo deu !
Coro: que o mundo deu camarada
Que o mundo dá!
Coro: que o mundo dá, camarada

Cantiga3- É defesa, é ataque (Folclore)

Capoeira/É defesa ataque/é ginga de corpo/é malandragem
O maculelê é a dança do pau
Na roda de capoeira quem comanda é o berimbau
Capoeira/É defesa ataque/é ginga de corpo/é malandragem

1.3 Marginalização da prática

Apesar do posicionamento democrático de admitir as três possíveis teorias sobre a origem desse jogo, reconhecemos a importância da população negra dos séculos XVII e XVIII em disseminá-lo nas principais capitais econômicas brasileiras, em especial, Rio de Janeiro, Recife, Salvador. A cultura brasileira assimilou e popularizou vários elementos culturais das diferentes etnias africanas em território brasileiro, havendo indícios de que até mesmo a linguagem popular falada nesse País foi disseminada pelos escravos. Segundo Darcy Ribeiro (1995), em *O povo brasileiro*, em razão das diferentes linguagens dos escravos, esses começaram a prestar atenção nas falas dos capatazes, que era o *nheengatu*, uma mescla do tupi com o Português, com o tempo a população afro-brasileira começou a se comunicar falando Português.

Para Rego (1968), a capoeira era um folguedo, uma brincadeira dos negros, não só para divertirem a si mesmos como também a expectadores, tornando-se eficaz forma de combate corporal, quando fosse necessário. Esse evento será denominado mais adiante como vadiação, instante de relaxamento e esquecimento da condição de escravo, acontecia nas praças e festas de largo. Segundo Gomes (2007), os negros tinham o hábito de se encontrar aos domingos, em praças e chafarizes para batucar, jogar capoeira, prosear.

Das três raças que povoaram o Novo Mundo, nenhuma conservou tanto quanto o negro o segredo do riso e da alegria interior. Sob este aspecto, o que é de admirar não é que o negro conheça profundas crises de tristeza, o espantoso é que, tendo todas as razões deste mundo e do outro para viver na mais espessa melancolia, haja podido preservar por tanto tempo a sua capacidade de rir. (MOOG, 1974 p.72).

O processo da disseminação e transformação da capoeira ocorre nas cidades desde o século XVIII, quando havia um número considerável de negros libertos. Desse século em diante, ter acesso aos primeiros registros que atestam o elemento cultural da capoeira na sociedade brasileira. A capoeira emerge de um esboço misto de marginalidade e heroicidade até ser considerada Luta Nacional Brasileira, pelo governo de Getúlio Vargas. Depois desse fenômeno, a capoeira se tornou espaço para artista, atleta e, no início do século XXI, patrimônio imaterial.

O fato é que existem muitas considerações a se fazer ante tantas fases e faces da capoeira. Nesse momento, contudo, dialogaremos sobre a fase da marginalidade. Consoante Brasil (2007), o registro mais antigo da capoeira é um texto jornalístico que noticia a libertação de um escravo chamado Adão, em 1789, preso nas ruas do Rio de Janeiro por prática de capoeiragem.

O mulato Adão, escravo de Manoel Cardoso Fontes, comprado ainda moleque, tornou-se um tipo robusto, trabalhador e muito obediente ao seu senhor[...] Até ocorrer o que já o preocupava: Adão não mais voltou para casa [...] Manoel foi encontrar Adão por trás das grades da cadeia da Relação. Havia sido preso junto a outros desordeiros que praticavam a capoeira. Naquele dia ocorrera uma briga entre capoeiras e um deles fora morto [...] constatou-se que Adão era inocente quanto ao assassinato, mas foi confirmada sua condição de capoeira, sendo por isso condenado a levar 500 açoites e a trabalhar 2 anos em obras públicas. Seu senhor, após Adão cumprir alguns meses de trabalho e ter sido castigado no pelourinho, solicitou ao rei em nome da Paixão de Cristo, perdão de resto da pena, argumentando ser um homem pobre e, portanto muito dependente da renda que seu escravo lhe dava. Comprometeu-se a cuidar para que Adão não mais voltasse a

conviver com os capoeiras, tornando-se um deles. Teve o pedido homologado pelo Tribunal em 25.4.1789 (CAVALCANTI, 2004, p. 201 e 202).

Apontados como fator degenerativo da sociedade, e inicialmente à margem da possibilidade de usufruir direitos sociais, a raça negra é uma das bases étnicas formadoras da sociedade brasileira. No fim da era colonial, precisamente com a chegada da Corte Portuguesa ao Brasil, em 1808, a população negra africana, associada a índios e mestiços apresentava vantagem numérica em relação às famílias e dirigentes brancos da colônia. Segundo Prado Júnior (1974) em um território composto por 8 milhões e meio de km² não havia mais que 3 milhões de habitantes, situados pela faixa costeira. Os maiores núcleos populacionais e também de maior importância econômica era Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro e em segundo plano Pará e Maranhão. O tráfico de escravos, no período de 1796-1804, era a atividade de maior importância no comércio de ⁵importação.

É relevante mencionar que segundo Karasch (2000), no início do século XIX, o Rio de Janeiro tinha a maior população escrava urbana das Américas. Levando em consideração dados da autora citada e do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, Florentino (2002) chega à conclusão que em 1799, em cada três habitantes livres um já havia sido escravizado e que a maioria da população dessa região, cerca de 60%, era composta por cativos e alforriados.

A numerosa corte do rei D. João VI, composta por cerca de 10.000 pessoas, causaram mudanças estruturais e culturais na colônia. Uma das medidas tomadas foi a criação da Guarda Real e contratação de artistas renomados, por exemplo, a missão francesa no Brasil em 1816. Por ocasião dessas contratações que foram feitos os primeiros registros iconográficos da capoeira, que são as obras de Augustus Earle, entre 1821e1824, intitulada *Negros Combatendo* e de Johann Moritz Rugendas em 1835, com as obras *San Salvador e Dança da Guerra*.

⁵ Segundo Prado Júnior (1974) p.116, representava mais de 1/4 do valor total de importação, um valor acima de 10.000.000 de cruzados e o restante dos produtos não chegava aos 30.000.000. Para Capoeira (1998) p.31, em 1850, no momento anterior à publicação da Lei Euzébio de Queiroz, o tráfico negreiro rendia até 7.000% de lucro líquido e a maior parte disso ia para o pagamento do dízimo da Igreja Católica e para o Estado Português.

Diante da numerosa população negra que se mostrava no país, é possível presumir o receio que D. João VI e a elite branca brasileira tinha desses encontros culturais urbanos negros tornarem-se espaço de disseminação dos ideais de igualdade e liberdade. A revolução haitiana de cunho radical revolucionário, iniciada em 1791, alimentava tal receio nas colônias portuguesas e espanholas.

Sobre a Guarda Real de D. João VI podemos considerá-la uma grande perseguidora da cultura afro-brasileira, batuques, danças e capoeiras, na figura do major Miguel Nunes Vidigal. O Major tornou-se conhecido pelas incessantes perseguições à malandragem e vadiagem carioca, empregando de duzentos a trezentos açoites naqueles que fossem pegos jogando capoeira e realizando saques em ⁶quilombos. Segundo Rego (1968) o romance *Memórias de um sargento de milícias*, escrito por Manuel Antônio de Almeida em 1854 foi à primeira obra literária que abordou a capoeira e narra as façanhas do famigerado major da Guarda Real de D. João VI.

Segundo Soares (1998) inicialmente as maltas se formaram em torno dos chafarizes onde escravos iam buscar água aos senhores, a repressão aos encontros noturnos que acabavam por perturbar a ordem social do império era voraz e com castigo em pelourinho. Os jornais noticiavam motins iniciados em dias santos e feriados, havia sistemas de ajuda na fuga de quilombolas presos, o que prova a comunicação dos escravos urbanos e rurais e uma movimentação política, assim como o medo da população para com a possibilidade de uma rebelião negra.

Após o Código Criminal do Império do Brasil de 1830, chefes de polícia passaram a enquadrar capoeiristas desordeiros no capítulo que tratava dos vadios e mendigos. Qualquer roubo, assassinato ou briga dentro da cidade do Rio de Janeiro era registrado como ato de capoeiras. A organização em maltas faz parte das origens da formação de quadrilhas nas favelas do Rio e ocorre numa etapa posterior à formação de pequenos grupos, a maioria de negros fugitivos e alforriados, que se defendiam e lutavam contra as forças repressoras provenientes da monarquia. Segundo Soares (1998) até metade do século XIX o castigo físico foi a principal punição aos capoeiras

⁶ De acordo com Soares (1998) e recebendo dos monges como recompensa um terreno ao pé do Morro Dois Irmãos, que hoje é a conhecida favela do Vidigal.

capturados e, devido ao falecimento de muitos desses, ficou instituído no período regencial de Diogo Antônio Feijó o máximo de 50 açoites por dia.

A persistência do fenômeno, mesmo diante das fases de maior perseguição aponta para complexos mecanismos de reprodução que se moviam no subterrâneo daquela cidade. Infelizmente nossos olhares, são sempre os olhares do perseguidor, pois, parafraseando Carlos Ginzburg, olhamos por cima do ombro do inquisidor. Assim, com certeza, perdemos muito da linha cultural que unia homens e rapazes, e por que não, a comunidade negra da cidade, pois o flash da nossa luz só acende nos momentos infaustos da prisão e do castigo. (Soares 1998, p.121)

A disputa entre diferentes maltas não tardou a se evidenciar, assim como o aumento da criminalidade, reflexo das injustiças sociais que sempre se mostraram presentes na história brasileira. Para aumentar a insatisfação da população negra, após a vinda da corte portuguesa ao Brasil em 1808 evidenciaram-se com mais afinco forças repressoras aos elementos da cultura negra, tais como o candomblé e a capoeira. É interessante mencionar a criminalização da maconha já em 1830, hábito comum para a comunidade negra da época. De acordo com Freire (1951) e (1961) a maconha foi utilizada para diferentes fins econômicos. O consumo da erva era evidente, tanto nas zonas rurais como em comunidades negras da metrópole. Segundo Brasil (2007) uma tradição rebelde foi ganhando forma e admiração, com representantes das classes baixa, média e até da elite, tendo em comum o fato de não concordar com a imposição dos governantes e admitindo a transgressão como opção de liberdade.

A situação econômica, política e financeira do país é de fato conturbada por todo século XIX. A transformação da colônia em império, a renúncia do imperador, o período regencial, lei áurea, passagem do império à república, revoltas contra a hegemonia do poder latinfundiário, tais como Balaiada, Sabinada, Farroupilha, Praieira, Malês, e a Guerra do Paraguai em 1865 são alguns exemplos das inquietações político-sociais desse período. Em todas as inquietações sociais do século houve a participação do negro, como sinônimo de força e luta, alternando entre o estereótipo de herói e o de marginal.

Exemplificando atos heroicos de capoeiristas, Rego (1968) descreve uma grande balbúrdia cometida por militares estrangeiros, de 9 a 13 de junho de 1829 nas ruas da capital do império. Uma parte do contingente estrangeiro encarregado de suprir o exército brasileiro na guerra da Cisplatina, que perdurou de 1825 a 1828, encontrava-se acuartelado no Rio de Janeiro e somavam cerca de duas mil praças, espalhados pelo

Campo de Santana, o Campo de São Cristóvão e na Praia Vermelha. Esses batalhões estavam descontentes e cometiam vários atos de indisciplina, até que o comandante de São Cristóvão deu ordens para castigar alguns soldados, o que provocou uma grande rebelião, pois de armas em punho os estrangeiros prenderam o major encarregado do castigo e saíram pela cidade assassinando pessoas e saqueando os lugares, à medida que os outros contingentes somavam a esse batalhão.

Conforme Rego (1968) a repressão à sanguinolenta rebelião dos militares estrangeiros, armados com espingardas, ocorreu por iniciativa dos capoeiras, que com a força dos braços e armados de pedras e paus conquistaram a vitória. Apesar deste ato ter causado grande admiração da sociedade brasileira, não cessaram os violentos castigos e aprisionamento de negros e pardos capturados em desordens ou nas manifestações culturais de rua. Com a implantação do Código Criminal do Império do Brasil de 1830, os chefes de polícia passaram a enquadrar capoeiristas desordeiros no capítulo que tratava dos vadios e mendigos. Daí o surgimento do termo vadiação ser empregado ainda hoje para designar a participação na manifestação cultural do jogo da capoeira.

No episódio da renúncia do imperador D.Pedro I, em 1831, também foi reconhecida a importância da força e habilidade da população negra e parda, liberta ou cativa, e popularmente chamada de *cabras*. Em meio às pressões sociais, geradas pelo descontentamento com a política empregada, atos de tirania e soberba de D.Pedro I, os cabras reagiram contra as forças armadas lusitanas, *os pés-de-chumbo*, em lutas travadas pelas ruas do Rio de Janeiro, em meio a uma festa de recepção do imperador após o retorno de uma viagem às minas. Essas movimentações levaram o imperador abdicar do trono e retornar à terra natal.

Os portugueses foram detidos próximos ao Largo de São Francisco e obrigados a retroceder. O impasse- que era procurado pelas forças policiais que tentavam acalmar os ânimos- tinha sido quebrado. Em contragolpe, um grupo de homens de pés no chão, de negros, de pardos vestidos de jaqueta e armados de pau avançaram para a Rua da Quitanda, que foi retomada dos chumbos. Inebriados pela vitória se espalharam pela Rua do Piolho e da Cadeia. Gritavam pela *Constituição*, *Independência* e pela *Causa do Brasil*. A mesma causa alegada pelos presos da Ilha das Cobras, no Arsenal de Marinha, muito próximo, quando justificarão seu levante, já no mês posterior, no dia da deposição do Imperador. (Soares, 1998 p.283)

Após esse episódio a perseguição policial aos capoeiras não cessou e o recrutamento militar forçado, em caso de serem abordados vadiando pelas ruas, era constante. O fato é que tais acontecimentos propiciaram o intercâmbio ideológico entre

militares, policiais, capoeiras, e mesmo senhores-de-escravos, por vezes na comunhão de uma mesma causa e outrora se digladiando. De acordo com Soares (1998) p. 177 e 178, há um relato em um ofício encaminhado no ano de 1841 ao inspetor do Arsenal de Guerra informando os liames de camaradagem entre membros do Corpo de Artífices e capoeiras. Esse ofício teria sido enviado por Euzébio de Queiroz Coutinho Matoso Câmara, chefe de polícia da corte desde 1833.

Euzébio de Queiroz teria alardeado também aos subordinados, em comunicação interna, sobre o retorno dos capoeiras à sociedade carioca e sobre infiltrações dos mesmos em corporações da corte, comprometendo a própria cadeia hierárquica das forças armadas. Devido os maus tratos dentro dos quartéis e o recrutamento forçado dos vadios e capoeiras capturados pelas ruas, era de se esperar futuros conchaves de militares com as diferentes maltas. O nível organizacional das maltas no Rio de Janeiro atinge o ápice com o apoio de militares e políticos ao longo do segundo império.

A verdade é que estava solidificada a imagem de herói perante parte da sociedade e das organizações militares após os episódios de 1828 e 1831, narrados anteriormente. No ano de 1835 teremos a rebelião Farroupilha no sul e a Revolta dos Malês em Salvador. E por ocasião da Guerra do Paraguai, que ocorreu no período de 1864 a 1870, mais uma vez mostrou-se evidente os atos heroicos do jogador de capoeira em combate na guerra.

O Brasil entrou em conflito direto com o Paraguai, arregimentando forças populares para a formação de um exército cujos principais quadros de infantaria eram negros vindos dos canaviais e cafezais em decadência: pagava-se ao proprietário uma indenização e ao escravo um soldo e a promessa de alforriamento no fim da guerra, promessas essas que, aliás, nem sempre foram cumpridas. Entre estes salientava-se o Batalhão de Zuavos, formados exclusivamente por capoeiristas [...] uma espécie de fuzileiros, tropas de ponta-de-lança preparadas para invadir, travar combate corpo a corpo e conquistar as trincheiras inimigas (Capoeira, 1998, p.36)

O retorno vitorioso da guerra não garantiu para muitos a liberdade pretendida, contudo a folclorização da luta brasileira atingiu todo o império. Os serviços dos capoeiras passaram a ser contratados para diversas finalidades. Segundo Sousa Reis (2010) a eficiência da organização das maltas de capoeiras possibilitava-lhes atuarem no período das eleições como capangas políticos. Os dois grandes grupos de maltas eram

os Guaiamus e os Nagoas, o primeiro estava ligado ao Partido Liberal, representando nativos e mestiços, com o comando da área central da cidade. Os Nagoas estavam ligados ao Partido Conservador, que representavam a tradição africana e possuía o comando das freguesias periféricas da cidade.

Com o advento da abolição dos escravos, em 13 de maio de 1888, foi criada a Guarda Negra que segundo Rego (1968) nasceu sob inspiração de José do Patrocínio e verbas secretas da polícia do governo de João Alfredo, diretor do jornal *A cidade do Rio*. Segundo o autor era uma associação de fanáticos, que faziam juramento em frente à imagem de Cristo e proclamava devoção à redentora princesa Isabel. A exploração do sentimento de gratidão dos negros é evidente assim como a incorporação de grande número de desordeiros e delinquentes, o que a todo o momento é confundido pelo termo *capoeira* em alguns registros policiais. O fato é que o grande acontecimento promovido pela Guarda Negra ocorreu no comício público dos republicanos no dia 30 de dezembro de 1888, na Sociedade Francesa de Ginástica.

Embora o comício estivesse marcado para as 12 horas, já às 11 a Guarda Negra com os seus capoeiras se concentraram no Largo do Rossio, armados de unhas e dentes. Mal Lopes Trovão foi saudado e Silva Jardim começou a falar o local se transformou numa praça de guerra, com grande número de mortos e feridos. [...] *Os republicanos falam abertamente em matar negros como se matam cães. Eu nunca pensei que tivéssemos no Brasil a guerra civil depois, em vez de antes da abolição. Mas havemos de tê-la. O que se quer hoje é o extermínio de uma raça e como ela é a que tem mais coragem, o resultado será uma luta encarniçada.* (Rego, 1968 p. 314).

Não se tem registro de atuação direta da Princesa Isabel para beneficiar a Guarda Negra. Mas sua determinação na defesa dos interesses dos escravos ficou comprovada. Do apoio econômico direto à causa evolucionista, passando pela transformação do Palácio Imperial de Petrópolis, numa espécie de quilombo acolhedor de negros fujões, há farta documentação comprobatória. Por si só, este fato já justificaria a verdadeira devoção dos escravos a Regente. Da mesma forma, seu envolvimento direto provocava a indignação de vários setores sociais, principalmente os latifundiários do Vale do Paraíba e Norte Fluminense. (Matos, 2006 p.110).

Para Matos (2006) não há consenso na definição institucional da Guarda Negra, sendo por vezes tratada como partido político, outrora como instituição religiosa ligada à monarquia e até como milícia. Nenhuma dessas instituições oficializou-se, chegando à conclusão que essa organização mostrava-se à sociedade com diferentes faces. A

primeira face delineada por José do Patrocínio era a mais politizada e visava defender os interesses dos ex-cativos. Outra face foi visualizada através da violência descarregada pelas ruas da cidade, pela grande gama de marginalizados do sistema vigente aliados à devoção extrema. Uma terceira era a atribuição da culpabilidade de todo caos que se encontrava na cidade à referida Guarda. Segundo o autor havia ainda uma quarta face, a dos monarquistas que acreditavam que a Guarda podia conter o avanço dos ideais republicanos.

Em 15 de novembro de 1889 ocorreu a proclamação da República Federativa e Presidencialista do Brasil derrubando a Monarquia Constitucional Parlamentarista. Os capoeiras foram considerados inimigos políticos e conforme Sousa Reis (2010) é publicado uma notícia no jornal *Diário de Notícias*, em 10 de dezembro de 1889, que o nomeado chefe do Corpo de Polícia, Sampaio Ferraz, havia tomado medidas para extinguir a capoeiragem das ruas. Ocorreram nas semanas seguintes aprisionamentos arbitrários seguidos de deportamentos para ilha nordestina de Fernando de Noronha.

De acordo com Dias (2001) nos primeiros quarenta dias foram enviados para Fernando de Noronha 1.300 capoeiras, desarticulando nações e maltas. Os jornais de 1890 noticiavam constantemente a eficaz atuação do chefe de polícia, em oposição aos noticiários de outrora, que narravam diversas façanhas de capoeiristas famosos, tais como Zebedeu, Antônio Danado, Teixeira, Ferro Velho, Navalha, Espada do Saco, entre outros que provaram a eficiência das medidas tomadas por Sampaio Ferraz.

Por fim, foi publicado o Código Penal da República que tornava a capoeira um crime, sendo explicitado no artigo 402 do referido código a proibição de fazer em locais públicos exercícios de agilidade e destreza corporal, conhecido por capoeiragem. O fato é que o universo obscuro da capoeira fora impetrado por célebres sujeitos da sociedade brasileira, intelectuais, políticos e até poetas. Segundo Dias (2001) Barão do Rio Branco e Floriano Peixoto foram praticantes de capoeira quando jovens. De acordo com Brasil (2007) ainda na época colonial homens livres, pobres e ricos, e até estrangeiros como o poeta português Plácido Abreu teria sido adepto desse folguedo, inclusive descreveu em obra o universo das maltas do Rio de Janeiro da época. Inclusive um conflito relevante na atuação de Sampaio Ferraz foi o embate político com Quintino Bocaiuva, Ministro das Relações Exteriores, que teria usado de toda influência e causado intenso mal-estar na tentativa de livrar o jovem Juca Reis, de família rica e influente.

Registros históricos da capoeira no Brasil oitocentista praticamente se evidenciam com documentos referentes à cidade do Rio de Janeiro. Em Salvador a palavra capoeira nesse século não é encontrada em registros policiais, nem em jornais, havendo possibilidade de a contestável designação *valentões* ser atribuída a praticantes de capoeira. Da primeira metade do século XIX, em diante, registros históricos constataam formas de expressão marginalizadas semelhantes à capoeira do Rio, em outros estados brasileiros, tais como Pernambuco, São Paulo e Maranhão.

Constatamos efetivamente, a presença da capoeira nos costumes pernambucanos, a partir da primeira metade do século XIX, quando associada ao entrudo, à proteção dos figurões daquela época, aos processos eleitorais ou no acompanhamento da guarda que leva música [...] O comportamento dos capoeiras pernambucanos quando acompanhavam os batalhões do Quarto e do Espanha, atingiu, ao longo dos tempos, proporções de que não há exemplo, levando com que o governo deste estado viesse a proibir o desfiles dos indivíduos aludidos à frente dos batalhões aquartelados no Recife, gerando no decurso deste século o desaparecimento gradual dos ditos indivíduos e, por consequência, o aparecimento dos denominados brabos, uma nova espécie de indivíduos capoeiras, e da expressão de igual denominação para identificar-se como sendo o passo [...]. (ARAÚJO; JAQUEIRA, 2006, p. 19 e 20).

Conforme Araújo; Jaqueira (2006), fontes documentais de arquivos nacionais sobre os costumes nacionais nas metrópoles brasileiras foram revisitadas e constatou-se a presença da capoeira nos costumes paulistanos do século XIX, e também uma alusão à luta brasileira em terras maranhenses. Ambos os registros apontavam para a repressão dessas lutas pela força da lei e da ordem. Esses indícios reforçam a tese de que não há possibilidade de a capoeira ter sido exclusivamente originária de apenas um estado brasileiro e que a perseguição policial sobre essa prática extinguiu-a das ruas da Metrópole, especificamente as grandes organizações marginalizadas.

1.4 “Folclorização” e “esportivização” da capoeira

O conhecimento que emana do povo, mediado pela transmissão oral e informal, manifesta-se por intermédio de inúmeras maneiras na sociedade, tais como mitos, danças, músicas e brincadeiras. Desse modo, folclore, cuja etimologia é originária da Língua Inglesa ⁷*folk* e *lore* que significam respectivamente povo e conhecimento,

⁷ Segundo Rocha (2008), o etnólogo inglês William John Thoms inaugurou a expressão em 1848, na Revista *The Atheneum*, para designar o saber tradicional do povo. Desse modo, passaram a ser discutidos entre intelectuais europeus estudos sobre os valores e costumes, bem

representa um termo utilizado dentro dos estudos culturais atrelados ao conceito de tradição e cultura popular. É necessário estabelecer sob qual óptica e em qual período seria analisada a cultura popular brasileira. No início do século XIX, surge uma corrente interessada em debruçar-se sobre o universo sociológico do folclore brasileiro. Em seguida, o caráter eminentemente ideológico, político e nacionalista afere destaque. Por último, temos projetada a expressão *patrimônio imaterial*, associada às atuais discussões da cultura popular brasileira.

Apesar dos preconceitos intensamente catalogáveis relacionados à raça negra no início do período republicano brasileiro, vários elementos da cultura afro-brasileira ganharam admiração do povo e da intelectualidade brasileira perpassando gerações e fortalecendo-se em meio à sociedade. A capoeira é um bom exemplo de fato folclórico que se manteve no conjunto de manifestações culturais do País, resistindo à perseguição policial dos primeiros anos da Era Republicana e remodelando-se nas diferentes fases dos estudos culturais brasileiros.

Embora Brasil (2007) estabeleça o ano de 1950 como período inicial do processo de folclorização da capoeira, é possível contestar essa afirmação, ao se identificarem indícios históricos que antecipam essa fase para a primeira década do século XX. Sustentaremos essa afirmação pela publicação, em 1906, de um artigo intitulado *A capoeira*, na revista *Kosmos*, fomentada e bem conceituada pelo intelectualismo da época na cidade do Rio de Janeiro.

[...] Dois capoeiras, igualmente exímios, igualmente ágeis, com conhecimentos exatos, jamais se ferirão, a não ser insignificante e levemente, o que indica o valor defensivo que possui esta estratégia popular e que a coloca acima de qualquer outra nacionalidade [...] (GOMES, XX *apud* KOSMOS, ano III, no 3).

Percebemos que, nesta citação, é mencionada, na quarta linha, a ocorrência de uma *estratégia popular*, ou seja, um conhecimento advindo do povo, com origem desconhecida e caráter fortemente tradicional, ao ponto de chegar a um nível de excelência que o situa acima de qualquer outra nacionalidade. Na compreensão do artigo mencionado, são analisados elementos de natureza folclórica-nacionalista, seguindo a tese de que a imagem da criminalidade atrelada à capoeira vai se desfazendo,

como festas, jogos, músicas e danças das classes subalternas, que se encontravam ameaçadas de desaparecimento ante às correntes mudanças do mundo moderno.

à medida que o biotipo do capoeira malandro, herói e atleta, se solidifica em alguns setores da sociedade. É o caso do lendário Besouro Mangagá, justiceiro e contraventor da lei. Segundo Vasconcelos (2009), o capoeira justiceiro nasceu em 1895 na Bahia, época de maior repressão à prática, e faleceu em 1924, após desafiar polícia, coronéis e senhores de engenho, em inúmeras façanhas. A memória do herói justiceiro permaneceu por meio da transmissão oral de conhecimento, cantigas e estórias contadas pelos velhos mestres de capoeira - ver Cantiga 4-.

Na intelecção de Luís Sérgio Dias (2001), a mitificação de capoeiristas famosos, em períodos anteriores a 1950, já demonstrava um sentido diferenciado do capoeirista terrorista, malvado e temido pela sociedade. Um claro exemplo é Ciríaco Francisco da Silva, o Macaco-Velho, negro e carregador de café da cidade do Rio de Janeiro. Ciríaco derrotou um lutador de jiu-jítsu, o japonês Sado Miako, com um *rabo-de-arraia*, em maio de 1909, no Concerto Avenida. Essa luta o consagrou e lhe rendeu fama em pleno período de criminalização da capoeira. Outro exemplo é a consagração dos capoeiristas que pertenciam ao batalhão de Zoavos na Guerra do Paraguai- cantiga 6.

Logo Macaco Velho conquistou fama, chegando a merecer esta quadrinha popular: *O meu amigo Ciríaco/ Se acaso fosse estrangeiro/ Naturalmente seria/ Conhecido no mundo inteiro.* (Dias, 2001, p. 148)

Cantiga 6- Folclore

Dei meu nome agora eu tô
 Num sorteio militar
 Meu Brasil está em guerra
 E meu dever é ir lutar
 Ê viva meu Deus!
 Coro: Viva meu Deus camará!
 A marinha é de guerra
 O exército é de campanha
 Um no mar, outro na terra
 Os estrangeiros é quem apanha
 Ê galo cantou!
 Coro: Galo cantou camará!
 Ê cococorocô
 Coro: Cococorocô camará!
 Pelo mundo afora!
 Coro: Pelo mundo afora camará!

Além da mitificação dos capoeiras famosos e da dizimação das maltas no início do século, é observável o fenômeno da poetização do malandro da Lapa no Rio de Janeiro,

como é o fato do surgimento de alguns núcleos de capoeiragem nas corporações militares. Apesar do termo *malandragem* estar comumente associado a uma postura de negação ao trabalho, podemos também agregar na significância dessa palavra o sentido de esperteza e sabedoria. Uma análise inspirada nas ideias de Damatta (1997) sugere que a malandragem remonta a uma posição no quadro social brasileiro que se encontra nos interstícios da ordem e da desordem, sobrevivendo em meio às intensas ambiguidades do cotidiano popular.

Pelas cantigas populares, ladainhas e chulas, depreende-se a necessidade de um bom capoeirista possuir a qualidade da malandragem e da malícia. Apesar da criminalização da capoeira, a malandragem continua sendo retratada em letras de vários sambas no início do século XX, tanto o samba do Rio de Janeiro como o de roda do Recôncavo Baiano, e em várias cantigas de domínio público, presentes em diferentes manifestações culturais, como o jongo e o coco.

Relativamente à produção acadêmica de estudos históricos e sociológicos, desde a década de 1930, alguns autores se dedicam a assuntos referentes à complexidade sociocultural brasileira, mais especificamente, a problemática na formação da identidade nacional. Expressões culturais autênticas são catalogadas, inclusive a capoeira, e autores como Édison Carneiro, Mário de Andrade, Luís Câmara Cascudo, Gilberto Freyre, entre outros, contribuem com a discussão sobre o dilema da identidade do povo brasileiro. A busca da autenticidade cultural em decorrência da união das três raças formadoras da sociedade brasileira, branca, indígena e negra, tem origem nessa corrente teórica e faz parte da política nacionalista de Getúlio Vargas.

Segundo Capoeira (1998), em 1934, Getúlio Vargas emitiu um decreto-lei que permite a capoeira e a prática de cultos afro-brasileiros, entretanto, obrigava a realização dessas manifestações em recintos fechados e com alvará de instalação. A desarticulação de partidos políticos, entre eles a Frente Nacional Negra, com cerca de 200 mil associados, também faz parte das medidas controladoras de Getúlio Vargas. A proposta de uniformização social vem agregada a um disciplinamento da população, era a retórica do corpo e a tentativa de instituir o culto ao trabalho, inclusive incentivando sambistas famosos a compor canções nesse sentido. Desde então, é possível observar

letras que falam da figura do malandro regenerado e do disciplinamento do corpo, por via de uma proposta de educação física de cunho militarista, em academias e escolas.

Em 1937, a capoeira ressurgiu na sociedade brasileira, oficialmente, pois, nessa ocasião, de acordo com Decânio Filho (1997-b), Manuel dos Reis Machado, Mestre Bimba, consegue uma licença oficial da Secretaria de Educação, Saúde e Assistência Pública do Estado da Bahia para funcionamento do próprio Centro de Cultura Física Regional, bem como um certificado de professor de Educação Física. Momentos depois dessa liberação o citado mestre é convidado por Juracy Montenegro Magalhães, Interventor Federal na Bahia e futuro ministro das Relações Exteriores do Brasil, a se apresentar no palácio do governo, pois estava interessado em mostrar a amigos e autoridades uma herança cultural brasileira. Desde então, esse tipo de apresentação se tornou comum em eventos políticos e culturais.

[...] escolheu a outrora perseguida capoeira justamente numa época em que estávamos sob um regime de ditadura violenta [...] se achava ele tranquilo, em sua academia quando lhe apareceu um guarda de palácio, fazendo-lhe a entrega de um envelope, contendo um convite para comparecer a palácio. Sabendo-se capoeira e conhecido da polícia, assustou-se e não teve a menor dúvida de que se tratava de sua prisão. Preparou-se, comunicou o fato a seus discípulos e avisou que caso não voltasse é porque estaria preso. Ao chegar em palácio teve uma grande surpresa e contentamento. O então Interventor Federal na Bahia, Sr. Juracy Montenegro Magalhães, hoje no posto de General do Exército Brasileiro, pediu-lhe que se exibisse em palácio, com seus alunos [...] (REGO, 1968, p. 315).

Para Lussac (2004), o Centro de Cultura Física Regional omitiu do registro, inicialmente, a palavra capoeira, com o objetivo de ludibriar as autoridades, o que não seria mais necessário depois da apresentação no Palácio. Como historia Sousa Reis (2010), mestre Bimba nasceu em 23 de novembro de 1899, no Engenho Velho de Brotas, cidade de São Salvador. Era filho de campeão de batuque das festas de largo da cidade. A autora cita que é difícil uma diferenciação dessas práticas populares no final do século XIX, quando 90% dos registros históricos policiais apenas se referem a valentões, capadócius e baderneiros. Bimba emprega-se como estivador dos 13 aos 27 anos de idade e aprende capoeira com o capitão da Companhia de Navegação Baiana, conhecido por Bentinho, fato que prova a prática da capoeira em meio à classe trabalhadora. Na década de 1920, Bimba inicia o ensino clandestino da capoeira no Clube União em Apuros, situado no Engenho velho de Brotas, na Bahia, onde começaram a parecer universitários e representantes da elite baiana, entre eles Joaquim de Araújo Lima, futuro governador de Guaporé, hoje Estado de Rondônia.

Sobre o fenômeno do reaproveitamento dos ensinamentos da capoeira em quartéis militares, mesmo com a implantação do Código Criminal de 1890, é importante tecer algumas considerações. Como assinala Capoeira (1998), já em 1907, foi publicado o *Guia da Capoeira ou Ginástica Brasileira* no Quartel da brigada Militar de Mata-Porcos, onde já vinha sendo exercitada por oficiais e praças. Além desse guia é publicado também, em 1916, um manual de capoeira para uso exclusivo dos militares, elaborado pelo capitão Ataliba Nogueira e assessorado pelos tenentes Lapa e Leite. Outras publicações relacionadas à luta da capoeira são observadas nas décadas seguintes, porém se mostram repletas de descaracterizações do modo primitivo de se jogar. É relevante citar a obra de Mário Aleixo em 1920, intitulada *Eu sei tudo*, que propôs a incorporação de golpes do jiu-jítsu, boxe e até o jogo do pau português. Em 1928, Aníbal Burlamaqui publicou *Ginástica Nacional, Capoeiragem Metodizada e Regrada* seguindo os mesmos passos de Mário Aleixo.

Burlamaqui, juntamente com o paulistano Agenor Moreira Sampaio, paulista conhecido por Sinhozinho e residente no Rio de Janeiro, a partir da década de 1920, procurou transformar a capoeira em um esporte nacional. De acordo com Pires (1996), por volta de 1931, estavam no auge as lutas de ringue. Nessa época, Sinhozinho era um grande destaque como lutador e treinador, que utilizava fundamentos de lutas diferentes, entre elas a capoeira. Por isso foi apontado precocemente, no *Diário de Notícias*, como responsável pelo ressurgimento da capoeira. No sentido da “esportivização” da capoeira, que emerge e ganha fôlego por intermédio de militares, ainda há a obra de Inezil Pena Marinho, em 1945, *Subsídios para o Estudo da Metodologia e Treinamento da Capoeiragem*, e em 1960, houve a publicação de Lamartine Pereira da Costa, oficial da Marinha, no Rio de Janeiro, intitulado *Capoeiragem, Arte da Defesa Pessoal Brasileira*, mais tarde reeditado com o título *Capoeira sem mestre* pela Ediouro.

Associado à sistematização de ensino implantada por alguns quartéis militares e com a criação da ⁸Capoeira Regional Baiana, a capoeira denominada Angola emerge como um dos grandes ícones da resistência negra, aproveitando todo o legado folclórico e valorizando os aspectos mais tradicionais da expressão cultural. Uma característica

⁸ Infere Lussac (2004), que houve a influência de manuais cariocas, em especial o de Aníbal Burlamaqui, conhecido por mestre Zuma.

comum entre os maiores representantes do estilo Angola é a defesa da concepção de luta pela liberdade, do oprimido contra o opressor, veiculando o mito de que a capoeira foi uma luta disfarçada em dança pelo negro na senzala e valorizando o estilo mais tradicional e primitivo de se jogar. Segundo Decânio Filho (1996-a), Mestre Pastinha foi o primeiro angoleiro popular a analisar a capoeira como filosofia de vida, baseada na liberdade, na alegria, no respeito e na cooperação, longe da ideia predominante do capoeirista desordeiro e marginalizado. Mestre Pastinha fundou, em 1941, o Centro Cultural de Capoeira Angola, e em seus manuscritos condena a ignorância e os interesses comerciais daqueles que dividem a capoeira em categorias, esquecendo-se do verdadeiro jogo de capoeira.

Consoante registrado em Brasil (2007), na década de 1950, tanto mestre Bimba como mestre Pastinha já estavam conhecidos nacionalmente e a Bahia considerada o *locus* do surgimento da capoeira. Desse modo essa prática passa a ser vista como símbolo de identidade cultural baiana e, na sequência dos fatos, as academias de mestre Waldemar e de Cobrinha Verde, estabelecidas em bairros periféricos de Salvador, passaram a funcionar como verdadeiras agências culturais. A academia de mestre Waldemar no bairro da Liberdade foi ponto de observação de estudiosos de inúmeras áreas- musicólogos, fotógrafos, artistas plásticos, romancistas, escultores e cineastas- atraídos pela magnificência da capoeira do local.

Entre os anos de 1960 e 1970, dois momentos devem ser mencionados exatamente porque influenciaram profundamente os rumos da capoeira baiana. O primeiro foi o início do processo de esportização da capoeira, homologado em 1972 pelo CND - Conselho Nacional de Desportos, que submeteu a prática da capoeira às regras do pugilismo. Datam daí a realização dos campeonatos nacionais, as tentativas de unificação da capoeira [...]Esta tendência esportiva fomenta a vigência de sistema de graduação e tentativas de criação de uma nomenclatura também unificada. Enquanto algumas academias, principalmente de regional e algumas de angola, ajustaram-se às exigências de uma prática esportiva, outras mais tradicionais, tanto angola quanto regional, não se adaptaram e ficaram à margem deste processo. O segundo está relacionado ao processo de folclorização da cultura negra na Bahia, associado ao crescimento da indústria turística em Salvador que, nos anos de 1960 e 1970, introduz no repertório de atrações para a sua clientela, além das belezas naturais dos monumentos e do barroco das igrejas, as manifestações da cultura negra, principalmente o candomblé, a capoeira e o samba. As demandas provenientes deste novo contexto tiveram um forte impacto nas academias de capoeira, e muitos dos seus membros passaram a compor grupos folclóricos que surgiram liderados por empresários, pesquisadores e capoeiristas que, embora ainda não fossem mestres, tinham capacidade de gerir seu próprio grupo. Nas décadas de 1960 e 1970, dois mestres de capoeira - Canjiquinha e Caiçara – surgem como figuras importantes no universo da capoeira baiana, ambos mostrando

capacidade de se ajustar diretamente às novas exigências do folclore (BRASIL, 2007, p. 43, 44).

Concordando com Waldeloir Rego (1968), descrevemos as décadas de 1960 e 1970 como período de mudanças socioetnográficas em que a prática é alvo de decadência na Bahia, pois o fato de estar atrelada a fatores econômicos e políticos faz com que o aspecto lúdico e espontâneo da capoeira fique à margem dessa manifestação. O autor cita o órgão municipal de turismo de Salvador como agente negativo, interferindo na indumentária, no local de apresentação e com preocupação maior em agradar aos turistas. O fato de algumas academias receberem apoio financeiro ensejou disputas e fez com que mestres perdessem total compostura ao ponto de proferir piadas e requebrados, incluir assistas de escolas de samba na roda e até se negar a comparecer às festas de largo.

O autor há pouco reconhece a possibilidade de que, pela periferia da cidade de Salvador, houvesse jogadores que praticasse a capoeira apenas por divertimento nessa época. Em outras regiões do Brasil, temos notícia do surgimento e expansão de várias academias de capoeira, desde o começo da década de 1960. São exemplos os grupos Senzala e Cordão de Ouro; já nas décadas seguintes, os grupos Muzenza, Abadá e Capoeira Brasil, entre outros que inserem a capoeira em um novo processo histórico, o da internacionalização da atividade.

1.5 Gestão pública cultural brasileira relacionada à capoeira

1.5.1 O estudo da cultura popular e o início das políticas culturais

A trajetória da gestão cultural no Brasil, do século XVI ao XXI, parte da total desvalorização das formas culturais nativas até chegar ao conceito de patrimônio e bens imateriais do País. É relevante analisar o significado do termo *cultura*, palavra proveniente do latim *colere*, originalmente significando a ação de cultivar. Esse termo é complexo e polissêmico, em relação aos sentidos proferidos nas diferentes áreas de estudo e constantemente é exibido o conceito dicotômico de *cultura erudita*

x cultura popular. Admitimos em nossa discussão o conceito de cultura como um conjunto de significados atrelados necessariamente à experiência exclusivamente humana de um determinado agrupamento social, consistindo na transmissão e internalização de conhecimentos, em contraposição ao caráter instintivo dos animais. Acreditamos que ela é dinâmica, reciclando-se incessantemente, incorporando elementos, abandonando conteúdos anteriores, mesclando os dois e transformando-os no terceiro, com novo sentido.

De acordo com Azevedo (1964), o estudo da cultura é uma luz projetada sobre a natureza, força e grau de uma civilização. Indispensável à compreensão do fenômeno da cultura brasileira é situá-la no quadro social, geográfico e histórico, mostrando processos sociais e instituições que se formaram com o fim de transmiti-la, assegurando a continuidade no tempo de significados e símbolos. Para o autor citado, na vida coletiva é que se desenvolve a força expansiva e criadora, refletindo ideias dominantes em cada fase da evolução histórica e mergulhando na obscuridade em que se elabora a consciência nacional. A capoeira, como manifestação cultural desenvolvida no Brasil, começou a ser permitida oficialmente em 1937 no governo de Getúlio Vargas. A política nacionalista e determinista implantada por Vargas recebeu significativas influências da valorização da cultura popular, campo de estudo de inúmeros intelectuais desde a década de 1920.

Conforme IPHAN (2006), o primeiro contato com o tema *Patrimônio Cultural Imaterial*, até então desconhecido, veio com a manifestação das ideias de Mário de Andrade, na *Semana de Arte Moderna*, de 1922. O interesse e empenho de Mário em registrar o jeito de ser, agir e se divertir do povo nas regiões brasileiras reuniu rico material etnográfico da cultura brasileira, incluindo danças dramáticas, melodias de boi, música de feitiçaria, religiosidade popular, poesia popular, crenças e superstições.

O Ministério da Educação e Saúde Pública foi criado por Getúlio Vargas em 1936, após o golpe de 1930. O ministro Gustavo Capanema pediu uma proposta de política de preservação do patrimônio cultural brasileiro a Mário de Andrade, e, em 1936 foi entregue um documento afirmando que o patrimônio cultural do País compreendia muitos outros bens, além de monumentos e obras de artes em 1937,

ano em que mestre Bimba obteve licença para lecionar a luta regional baiana e também ano inicial do Estado Novo, foi criado o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional- SPHAN. O decreto definia patrimônio histórico e artístico nacional como um conjunto de bens móveis e imóveis vinculados a fatos memoráveis da História do Brasil, de valor arqueológico, etnográfico, bibliográfico ou artístico, e por isso de interesse público. Em 1970, o SPHAN passa a denominar-se IPHAN- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-.

O descaso do Governo para com representantes da cultura popular nessa década é evidente, ao se ter notícia de que os dois maiores ícones da capoeira baiana, ⁹mestre Bimba e ¹⁰mestre Pastinha, morreram em condições financeiras precárias. Mesmo com o fato de a capoeira ter sido reconhecida como patrimônio cultural imaterial brasileiro em 2008, produzindo a inclusão do ofício dos mestres no “Livro dos Saberes” e da roda de capoeira no “Livro das Formas de Expressão”, do IPHAN, ainda não há uma política eficiente de valorização dos mestres antigos. Apesar do conhecimento desse fato, é interessante verificar algumas ações das políticas públicas culturais estão relacionadas à valorização da capoeira, assim como outras manifestações culturais, nas últimas décadas.

1.5.2 Da noção de patrimônio cultural no contexto pós Segunda Guerra ao decreto 3.551/2000

Já sabemos que, desde a década de 1930, houve crescente interesse da intelectualidade brasileira em torno da cultura popular. Após a Segunda Guerra Mundial, essa valorização foi legitimada na contextura mundial na perspectiva de compreensão e incentivo à apreciação das diferenças entre os povos e, no caso do Japão, como medida emergencial de proteção às tradições seculares. O Brasil foi o primeiro a atender à recomendação da ¹¹UNESCO, criando, em 1947, uma comissão para tratar do assunto – a Comissão Nacional do Folclore, ligada ao Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura – IBEEC – do Ministério das Relações

⁹ Em 1974

¹⁰ Em 1981

¹¹ A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura-UNESCO- foi fundada no dia 16 de novembro de 1945.

Exteriores. Em 1951, de 22 a 31 de agosto, realizou-se no Rio de Janeiro o I Congresso Brasileiro de Folclore em que foi aprovada a Carta do Folclore Brasileiro.

Folclore é o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade. Ressaltamos que entendemos folclore e cultura popular como equivalentes, em sintonia com o que preconiza a UNESCO. A expressão cultura popular manter-se-á no singular, embora entendendo-se que existem tantas culturas quantos sejam os grupos que as produzem em contextos naturais e econômicos específicos. 2. Os estudos de folclore, como integrantes das Ciências Humanas e Sociais, devem ser realizados de acordo com metodologias próprias dessas Ciências. (CARTA DO FOLCLORE BRASILEIRO, 1951, p.1)

Na tabela 1, exposta na página seguinte, estão os principais acontecimentos que sintetizam a trajetória da política de preservação de manifestações culturais. Os artigos 215 e 216 da Constituição Federal de 1988 abrangem uma concepção teórica que perpassa o conceito de patrimônio material e imaterial, bem como questões referentes a identidade e memória dos grupos formadores da sociedade.

Quadro 1- Salvaguarda do patrimônio imaterial (1958- 2008)	
1958	Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro- Ministério de Educação e Cultura vinculado a esta campanha.
1975	Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC)- Criado por Aloísio Magalhães.
1976	A Campanha de 1958 origina o Instituto Nacional do Folclore- Vinculado à Fundação Nacional da arte (FUNARTE).
1979	Fundação Nacional PróMemória- Criada para implementar a política da SPHAN, que incorporou o Programa Cidades Históricas (PCH) e o CNRC, de 1975.
1988	Artigo 215 e 216 da Constituição Federal- Patrimônio Cultural definido de modo amplo, reconhecimento das culturas populares, indígena e afrobrasileiras.
1991	Programa Nacional de Apoio à Cultura (PRONAC)- Lei nº 8313, Rouanet, visava também a preservação dos bens culturais materiais e imateriais.
1997	O Instituto Nacional do Folclore é transformado em Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP) e Realização do Seminário Patrimônio Imaterial: Estratégias e formas de proteção. Fenômeno ocorrido em fortaleza.
1998	Comissão Interinstitucional e Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial (GTPI)- Elaboração de Proposta de regulamentação de registro do patrimônio imaterial e assessoria para Comissão, respectivamente.
2000	Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC)- Instrumento técnico para produção de conhecimento sobre bens culturais, subsídio de formulação de políticas públicas.
2000	Decreto nº 3551- Instituição do Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e do Programa nacional de Patrimônio Imaterial (PNPI).
2002	Primeiro registro de bem cultural imaterial no Brasil- O ofício das paneleiras de Goiabeiras/ Vitória/ Espírito Santo.
2003	CNFCP integra-se á estrutura do IPHAN- Decreto nº 4811.
2003	Convenção para salvaguarda do patrimônio cultural imaterial- 32ª Sessão da Conferência Geral das Nações Unidas (O evento ocorre desde 1972).
2004	Decreto nº 5040 criou o Departamento do Patrimônio Imaterial do Iphan (DPI)- Este departamento agregou o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP).
2005	1º Edital do PNPI, em Brasília.
2008	Registro da capoeira como patrimônio cultural imaterial no Brasil.

Fonte: IPHAN (2006). Quadro formulado a partir de resumo elucidativo do material *“Os sambas, as rodas, os bumbas, os meus e os bois: A trajetória da salvaguarda do patrimônio cultural imaterial no Brasil.*

brasileira. De acordo com Brasil (1988), artigo 215: *“O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”*. No parágrafo primeiro, é explanada a garantia de que *“O Estado protegerá as manifestações das*

culturas populares, indígenas e afrobrasileiras, e de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional”.

É interessante verificar que o termo *folclore* não é mencionado no texto Constitucional, deixando para trás o caráter eminentemente ideológico e nacionalista da Era Vargas. No artigo 216 da Constituição da República Federativa do Brasil no artigo 216 é disposto o seguinte: “*Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira [...]*”. Ambos os artigos necessitam de regulamentação para que haja executividade das garantias do Texto Constitucional, o que somente foi efetivado, em tese, no século XXI com o decreto 3.551/2000.

Na ideação de Cunha Filho (2000) o Texto Constitucional não foi o único fator que promoveu o Decreto 3.551/2000, pois a *Recomendação Sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular* de 1989 e a *Carta de Fortaleza* também tiveram peculiar importância nesse processo. A citada recomendação ocorreu na 25ª Reunião da Conferência Geral da UNESCO, que fundamentou ações de preservação de bens culturais no mundo todo. No subitem “b” da segunda parte desse documento, intitulada “Identificação da Cultura Tradicional e Popular”, recomenda-se a criação de sistemas de identificação e registro. Como já expressa a *Carta de Fortaleza* também teve fundamental importância no desencadeamento do decreto 3.551/2000. Essa Carta foi formulada quase uma década depois em Fortaleza, na ocasião de um seminário comemorativo dos 60 anos de funcionamento do IPHAN. Na Carta, havia a recomendação expressa para a instituição de um sistema de registros. Desse modo foi formada uma Comissão, assessorada por um Grupo de Trabalho, com o objetivo de elaborar critérios, normas e formas de acatamento do patrimônio imaterial brasileiro. O resultado final desse trabalho consta no texto do Decreto 3.551/2000.

1.5.3 Documentos relevantes à capoeira no início do século XXI

Já no início do século XXI, foram elaborados alguns documentos relevantes para a política de preservação das manifestações culturais tradicionais indígenas e afro-

brasileiras, em especial a capoeira. O caráter educacional dessa manifestação começa angariar o respaldo legal que perpassa as fronteiras das comunidades e penetra o sistema formal de ensino. Dois dos documentos mencionados é a *Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial* de 2003 e a lei 10.639/2003, esta mencionada nas considerações iniciais deste ensaio. Algumas diretrizes do trabalho de salvaguarda, na contextura internacional, são firmadas na Convenção de 2003. No começo do século XXI, a concepção teórica da expressão “Patrimônio Imaterial” assume definição semelhante ao termo ¹²Folclore de 1951, associado ao discurso ideológico do respeito à diversidade e identidade cultural.

[...] práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Esse patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e de continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural. (UNESCO, 2003, p.4).

O terceiro documento que garante força política à prática de capoeira também já foi mencionado e é referente à certificação, conferida pelo IPHAN, do título de patrimônio cultural imaterial brasileiro, em 2008. Por último, a coordenação do IPHAN enviou à UNESCO, em março de 2012, a candidatura da roda de capoeira ao título de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. Apesar de ter perdido a disputa para o frevo de Pernambuco, ainda assim, a capoeira saiu vitoriosa pelo fato de a origem do passo de frevo estar relacionada à capoeiragem do Recife do século XVIII.

1.5.4 Projetos públicos relacionados à política cultural da capoeira

Sabemos que, em 26 de dezembro de 1972, a capoeira foi homologada e reconhecida como modalidade desportiva pelo Ministério da Educação- MEC. O reconhecimento, pela Confederação Brasileira de Pugilismo, ocorreu em 1973, o que originou a tentativa de institucionalização de várias federações pelos estados brasileiros

¹² A lei nº 10.639/2003 vem associada à LDB, documento que rege a educação brasileira. No texto da lei 10.639 há a determinação explícita da inclusão dos conteúdos referentes à cultura indígena e afro-brasileira no conteúdo escolar. Sobre a inclusão desses assuntos verificar as considerações iniciais, página 13.

e, em 23 de outubro de 1992, a Confederação Brasileira de Capoeira. O fomento institucional de órgãos públicos e privados é constatado na realização de campeonatos nacionais e estaduais, entre eles nos Jogos Escolares Brasileiros e nas ações do Programa Nacional de Capoeira. A institucionalização da capoeira no conceito nacional não angariou muitos adeptos, já que os inúmeros grupos do País possuem a própria política interna de funcionamento, além de ideologias e concepções diferenciadas acerca da capoeira.

Em 19 de outubro de 1987, foi lançado, pela Portaria nº 40, do Ministério da Educação- MEC, por intermédio da Secretaria de Educação Física e Desportos, o Programa Nacional da Capoeira-PNC. Com esse programa vários projetos relacionados à capoeira foram fomentados com verbas públicas, inclusive para o financiamento de atividades das *organizações não-governamentais*. De acordo com Lussac (2004), entre 1989 e 1992, houve levantamento sistemático e realização de entrevistas com os mestres mais conhecidos e respeitados da capoeira baiana, por meio do Projeto Caá- Puera. Após o escândalo do Instituto Nacional do Desporto – INDESP, no Governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, em que o ministro extraordinário de esportes foi obrigado a abrir um inquérito e afastar funcionários envolvidos com o mau uso dos dinheiros públicos, o PNC foi extinto. Há indícios de que os resultados do projeto Caá-Puera e todo o material do PNC estejam sob a custódia da Fundação Palmares, que parece não dispor democraticamente as informações geradas com dinheiro público.

Nos anos seguintes é evidente o surgimento de entidades diferentes, sob a configuração jurídica de organização não governamental, cujo objetivo fundamental é a captação de recursos para projetos com temáticas sociais e/ou ambientais legitimadas por agências internacionais. De acordo com Araújo (2008), a maioria dos projetos realizados para a capoeira se configura como de iniciativas públicas de gerenciamento privado, que representam interesses de uma minoria e fortalecem o estado burguês, mediante uma propaganda falaciosa em prol da reparação social e benefício de segmentos da sociedade civil. Essa constatação parte da premissa de que grandes instituições filantrópicas privadas, como as fundações Ford, Rockefeller e Soros, ao mesmo tempo em que financiam o desenvolvimento internacional de grandes ONGs, propagam campos de produção e difusão da nova ortodoxia liberal. Desse modo, o

funcionamento das ONGs insere-se no âmbito do modo de produção capitalista, além de operar o serviço social abandonado pelo Estado.

Generalizações à parte, é importante destacar projetos que prometem maior transparência e democratização de verbas públicas. Em 2006, foi lançado o Projeto Capoeira Viva, do Ministério da Cultura, que, segundo Vieira e Assunção (2008, pág. 18), *representa uma primeira ação governamental de caráter sistêmico, no início do século XXI, relacionada ao desenvolvimento da capoeira*. Em 2007, foram empregados recursos financeiros para capoeiristas e pesquisadores de todo o País na produção de um inventário que conduziu o registro junto ao IPHAN como bem imaterial. Houve a Supervisão do CNFCP, a participação de universidades federais e pesquisas em cidades do Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia, além de vários encontros, palestras e debates que envolviam capoeiristas, e representantes do Poder Público.

Além de conduzir o reconhecimento da capoeira como patrimônio imaterial em 2008, o inventário reúne o Plano de Salvaguarda da Capoeira, que pretende oficializar o reconhecimento do saber dos mestres de capoeira pelo Ministério da Educação e estabelecer um plano de previdência especial para os velhos mestres de capoeira. Em 2009, foi constituído o Grupo de Trabalho Pró-Capoeira, supervisionado pelo IPHAN, para estruturar o Programa Nacional de Salvaguarda e Incentivo à Capoeira, o Pró-Capoeira. Durante os encontros realizados, vários assuntos relevantes foram debatidos para a implantação de uma política pública eficiente para a prática da capoeira, porém se constatou a necessidade emergencial do reconhecimento e apoio aos mestres idosos em situação financeira precária. Um edital de premiação, intitulado *Viva Meu Mestre*, foi lançado em outubro de 2010, como uma ação do programa Pró-Capoeira, em que foi concedido um apoio financeiro a cem mestres de mais de cinquenta e cinco anos de idade.

2- SOBRE A HISTÓRIA DA CAPOEIRA NO CEARÁ

2.1 Horizonte a ser desbravado

Poucos são os trabalhos científicos que abordam a história da capoeira cearense. Citaremos três obras elaboradas na contextura do universo acadêmico da cidade de Fortaleza- Barroso (2009), Câmara (2010) e Albuquerque (2012). A primeira obra trata-se de uma publicação do Museu Histórico do Ceará, enquanto a segunda e a terceira são textos dissertativos submetidos à avaliação dos ¹³programas de pós-graduações *strictu-sensu* da Universidade Federal do Ceará. Ambas as dissertações destinam a essa temática um capítulo, em que se referem à origem da História da Capoeira no Ceará abordando teorias sobre o início da prática no Estado.

Barroso (2009) aponta que a capoeira chegou à década de 1960 ao Ceará, e que essa informação foi proferida por capoeiristas cearenses, assim como capoeiristas baianos teriam mencionado o mesmo dado durante o encontro *Capoeira Viva*, realizado na cidade de Salvador em 2007. O autor também informa que a capoeira foi trazida por cearenses recém-formados em Direito e Medicina da Universidade Federal da Bahia. Posteriormente menciona que a Capoeira Angola foi trazida ao estado por um médico nomeado mestre Andrezinho, aluno de mestre Bimba. De imediato, não faz o menor sentido tal informação, já que mestre Bimba é criador e maior símbolo da Luta Regional Baiana, popularmente conhecida como Capoeira Regional. Mestre Bimba foi um crítico ferrenho do estilo angoleiro de jogar capoeira.

O texto desse mesmo autor menciona no sexto parágrafo outro dado que necessita de melhor explicação, porquanto menciona que a capoeira teria surgido em Alagoas, mais especificamente no Quilombo dos Palmares. Por ocasião desta pesquisa, no entanto, que pretende registrar o protagonismo no ensino da capoeira cearense, foram feitas numerosas leituras e não houve nenhuma referência que mencionasse a hipótese de que o surgimento da capoeira teria corrido no quilombo alagoano liderado por Zumbi. Conforme já exposto, na página 22 do capítulo 1 desta dissertação, existem três versões aceitas e amplamente difundidas pelos mestres de capoeira das diferentes regiões do Brasil.

Além dessa informação inexata, é interessante observar que Barroso (2009) tenta aproximar da capoeira a dança do coco. Ao citar Abelardo Duarte, folclorista alagoano, e Câmara Cascudo, grande folclorista de renome nacional, a aproximação

¹³ O texto dissertativo de Câmara (2010) foi submetido ao Programa de Pós-graduação em Educação, Linha de História e Memória da Educação, e de Albuquerque (2012) ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, ambas da Universidade Federal do Ceará.

entre as diferentes manifestações é feita utilizando-se da descrição da dança do coco como uma dança vigorosa, que também exige agilidade e força de pernas e pés. Eis a citação utilizada por Barroso (2009):

Tenho pra mim que o Coco alagoano, na sua forma primitiva, de coco solto, dançado pelos negros escravos, é coreograficamente uma forma particular do velho batuque angola-conguense. Ou pelo menos, com ele tem pontos de semelhança ou serviu de fonte de inspiração. (DUARTE, 1974, p. 71 apud BARROSO, 2009, p. 26).

Mais um equívoco é constatado já que a citação utilizada deveria comprovar a relação do coco com a capoeira e na verdade relaciona o coco ao samba de batuque. É pertinente o fato de a capoeira, o coco e o batuque exigirem certo traquejo dos membros inferiores, na habilidade e na aplicação de rasteiras. Há, porém, há inúmeras particularidades referentes a essas práticas que as diferem entre si. A hipótese de a capoeira estar relacionada à dança do coco, ou mesmo a outras manifestações culturais, como reisados, bumba-meu-boi ou maneiro-pau, teria que ser pesquisada com profundo rigor científico para que não houvesse desvirtualização dos aspectos práticos, sócio-histórico e culturais das diferentes manifestações culturais de localidades distintas.

Retornando à origem da capoeira cearense, evidências das origens do ensino da capoeira no Ceará foram relatadas em Albuquerque (2012), páginas de 37 a 40. Dentre os fatos mais antigos, foi mencionada a participação de José Sisnando Lima, cearense que realizara estudos na Faculdade de Medicina da Bahia, na criação da Capoeira Regional na década de 1930. A passagem de mestre Bimba em Fortaleza para apresentar o espetáculo *Uma noite na Bahia* no Teatro José de Alencar em 7 de fevereiro de 1955, evento em que foi mostrado também a capoeira regional. E a afirmação de que o primeiro professor de capoeira no estado a formar discípulos que deram continuidade ao ensino dessa prática em território cearense teria sido José Renato de Vasconcelos Carvalho. De acordo com Albuquerque (2012) não existem levantamentos estatísticos acerca da quantidade de grupos de capoeira no Estado do Ceará, fato que comprova uma grande difusão dessa manifestação cultural na atualidade.

O trabalho de Câmara (2010), que tem como foco de estudo o Grupo de Capoeira Angola do Ceará, traz um esboço da história de vida de Mestre Zé Renato. Dentre as afirmações mencionadas, é possível deduzir primordialmente o estilo angoleiro do jogo desse mestre, além de também ser reafirmada a importância do

repassa de conhecimentos e saberes da capoeira na década de 1970. O protagonismo de José Renato no ensino da capoeira mostra-se de grande relevância, contribuindo para a crescente popularização da prática. Nesse trabalho são citados os quatro mestres que Zé Renato formou, porém a história da capoeira na perspectiva desses mestres não foi abordada em nenhum momento. Isso ocorre porque eles não possuem relação direta com o grupo de capoeira estudado, conferindo ineditismo a este texto.

A partir desse momento iniciaremos maior aprofundamento sobre o protagonismo no ensino da capoeira cearense. Como já dito, o foco desta pesquisa se restringe aos quatro mestres formados por José Renato de Vasconcelos Carvalho, José Ivan, Jorge Negão, Everaldo Ema e João Baiano. Procuraremos, entretanto, elucidar brevemente o questionamento de alguns capoeiristas mais antigos sobre a hipótese de a capoeira cearense haver se manifestado anteriormente pela orla marítima de Fortaleza. As pesquisas de campo iniciaram-se pela busca incessante do contato com mestre Zé Renato, ao passo que algumas entrevistas de mestres antigos de Fortaleza foram concedidas pelo professor pós-doutor José Gerardo Vasconcelos, orientador deste estudo. Posteriormente, foi possível coletar uma série de dados, fotos e longas horas de entrevistas que permitiram a constituição de narrativas que serão expostas resumidamente nos tópicos seguintes deste segundo capítulo.

2.2 Zé Renato, trajetória de vida

Sob o céu crepuscular do entardecer da praça Major Wilson, situada no Bairro Carlito Pamplona, do dia 29 de outubro de 2012, José Renato de Vasconcelos Carvalho, conhecido por mestre Zé Renato (Figura 1), protagonista no cenário da capoeira cearense, concede generosamente a descrição da própria história de vida. Autobiografia contada no auge dos 61 anos de vida quase que totalmente dedicada ao mundo artístico da capoeira, dos trabalhos em couro, pinturas, fantoches, mosaicos, entre outros. Entre instantes de risos e comoções que as lembranças da vida lhe causaram, um ser distinto da história da capoeira no Estado do Ceará se revela.



Figura 1- Zé Renato em 29 de outubro de 2012. Fonte: Arquivo de Sammia Castro.

Natural de Crateús-CE, José Renato de Vasconcelos Carvalho é filho primogênito, dentre os sete que Joaquim Severiano Ferreira de Carvalho e Vicência Vasconcelos Carvalho criaram. José Renato conta, orgulhoso, a trajetória artística da família, relatando que o lado materno da família era todo de artistas, que tocavam instrumentos, cantavam... Inclusive dona Vicência, cujos talentos eram expressos pela voz e o violão, além da confecção de bonecos de pano. A parte paterna da família era composta por exímios artesãos do couro.

Desde criança, antes de conhecer o universo da capoeiragem, aos dez anos de idade, gostava de sobressair-se, na escola e na comunidade. Ele lembra-se com alegria das participações em festas escolares, recitando, cantando e até desfilando. Quando chegavam os circos à cidade de Crateús, corria para ver a montagem. Em um desses fez até aulas de saltos e malabarismo. Lembra-se dos teatros de fantoche e dos reisados que ocorriam num povoado perto da localidade onde morava, experiência que lhe rendeu futuramente inspiração para produção de teatro de bonecos- figura 2.



Figura 2- Notícia jornalística relacionando José Renato ao teatro de bonecos na década de 1990. Fonte: Arquivo pessoal de José Renato.

2.2.1 Experiência com a prática da capoeira em Crateús e na Bahia

Após alguns momentos de conversa sobre as memórias de infância do mestre José Renato Vasconcelos, nosso artista e também protagonista no ensino da capoeira no Ceará começa narrar o cenário do primeiro contato que teve com a capoeira na cidade em que nasceu. Por volta de 1960, chegaram a Crateús muitos militares para o ¹⁴Quarto Batalhão de Engenharia de Construção. Entre esses, havia Cipolati, sargento gaúcho que havia a residido na Bahia por longa temporada, pai de Carlos e Evandro e ex-aluno de um famoso capoeirista, mestre Bimba. Cipolati foi o responsável por iniciar Zé Renato na prática da capoeira. A capoeira fazia parte das atividades em família do sargento Cipolati, pois esse treinava após o regresso do trabalho junto aos filhos. Ao ver a capoeira pela primeira vez, José Renato apaixonou-se e iniciou seus treinos com determinada família. Ele se identifica com a prática, porque diz ter percebido a capoeira como muito mais arte do que esporte, vendo na ginga, no berimbau e no pandeiro atrativos para a prática. De acordo com Carvalho (2012),

O capoeirista é um artista, meche com o ego, de repente a pessoa descobre que tem outros talentos, quando a pessoa entra em contato com uma coisa que vai dar o caminho, vai dar uma conotação de aprendizado, sente uma coisa mística [...] Costumo dizer que minha aproximação com a capoeira foi

¹⁴ De acordo com a Seção de Comunicação Social do 1º Grupamento de Engenharia Lyra Tavares (2011), o quarto Batalhão de Engenharia de Construção pertence a essa instituição, com sede em João Pessoa, PB. O Grupamento de Engenharia foi criado em 1955 pelo Decreto nº 37221, de 27 de abril, com a finalidade de apoio à engenharia do Nordeste, integrando inicialmente os quatro batalhões situados, respectivamente, naquela época em Caicó- RN, Teresina-PI, Campina Grande-PB e em Crateús-CE. Na década de 1970, o quarto Batalhão foi transferido para Barreiras-BA, onde permanece até os dias atuais.

uma coisa mesmo muito mística, porque até a cidade que eu nasci foi criada por um baiano, Crateús foi criado por um baiano e conheci capoeira em Crateús.

Sargento Cipolati admirava Zé Renato pela malícia e saltos, conhecimento prévio adquirido nas atividades circenses realizadas. Aprendendo rapidamente os ensinamentos e apaixonando-se pela cultura negra de um modo geral, o futuro mestre Zé Renato defronta-se com a saída da família Cipolati da cidade, em decorrência de deslocamento militar. Desse modo procura novos companheiros de treino e, apesar da insistência em tentar convencer amigos a treinar, mestre Zé Renato passou a treinar sozinho.

[...] aquilo ficou dentro de mim e por outra sorte, que eu digo que foi sorte, eu tinha um tio que também era sargento do exército, sargento carvalho, passou a servir o exército lá em Crateús e certo tempo foi mandado pra Bahia. Ele tinha um filho, e pedi para ele pedir o meu pai pra eu ir com ele. Porque eu pensei, Bahia! Capoeira né! (CARVALHO, 2012).

O espírito aventureiro e as poucas condições financeiras da família, associados à grande insistência em ir com o tio e primo, foram fatores determinantes para ida à Bahia aos 14 anos de idade. Logo na chegada a Ilhéus, a primeira saída foi para conhecer o mar e, quando deparou uma roda de capoeira, lá estava ele a atingir seu grande objetivo de praticar novamente a arte que tanto lhe causava admiração. Esse foi um momento especial para o futuro mestre Zé Renato, considerando que foi a primeira roda de que participou a contar com vários integrantes e também com a banda completa: berimbau, agogô, atabaque, pandeiro e caxixi.

O novo ciclo de amizades era composto por capoeiristas que trabalhavam com cacau, os trabalhadores iam deixar o cacau em terras soteropolitanas a cada dois meses. Sabendo que os amigos baianos eram frequentadores das rodas dirigidas pelos dois maiores mestres de capoeira da época, mestre Bimba e mestre Pastinha, José Renato Vasconcelos logo consegue ir junto com os amigos em busca dessas novas experiências.

[..] tudo isso foi conhecimento, eu fui adquirindo mais sabedoria. Quando eu conheci mestre Bimba, que na época era uma pessoa comum! Entendeu... era muito comum. Um dia, me lembro como se fosse hoje, eu ia à academia dele e ele disse assim: Vá pro Pastinha que você é angoleiro! Eu lá sabia o que era angola e o que era regional[...] (CARVALHO, 2012).

Já sabemos que, na capoeira baiana, existem duas grandes vertentes da prática, sendo que o modo mais antigo de se praticá-la é chamado de capoeira Angola, havendo também um estilo atualizado com técnicas de outras lutas que é o estilo Regional. Os maiores defensores de ambos os estilos, eram, respectivamente, mestre Pastinha e mestre Bimba. Para os praticantes de capoeira Angola, denominados angoleiros, essa prática é um ritual, em que herança, tradição e ancestralidade africana são encaradas como uma filosofia de vida. Para esses, a infiltração de novas classes sociais, com técnicas e objetivos de jogo diferenciados, descaracterizavam a capoeira maliciosa e criativa do passado. Isso é bem claro no pensamento de Pastinha:

[...], e eu não perco minhas ideias, vou firme com os que me acompanham a vencer, vencer para não ser vencido a minha ideia, e ser perfeito em todo sentido *phase<frase>*, por *phase*, palavras por palavras;...(DECÂNIO FILHO, 1997-a, pag.10).

Nestor Capoeira (1998), analisando as obras de César Itapuã Almeida (1982) e (1988), menciona a versão do Mestre Atenildo de afirmar que houve uma reunião na casa de Bimba, em Bogum, no final da linha do Engenho Velho, para mudar a capoeira. Interessado em modernizar a capoeira, Bimba alegava que o exercício carecia de técnicas mais eficientes de ataque e defesa. Na ocasião estavam presentes grandes capoeiristas da época, Valdemar da Paixão, Pastinha, Aberrê e Gigante, os quais teriam preferido o modo antigo de jogar. Dessa forma, mestre Bimba passou a institucionalizar, separadamente do grupo de origem, métodos de ensino para esse novo estilo. Em torno de 1966, ocorreu a passagem de Zé Renato pela academia de Bimba. Referido mestre observa que nosso personagem possuía características angoleiras no modo de jogar, herdadas das práticas das rodas de Ilhéus, por isso direciona-o ao mestre Pastinha. Tomando o conselho do sábio mestre, segue em busca de Pastinha, cujas lembranças lhe causam a mais respeitosa e nostálgica lembrança.

Quando vi Pastinha, eu vi um artista, um poeta... Ainda vi ele jogando, um mestre! Aí foi que entendi o que era um mestre. A figura do mestre estava muito clara em Pastinha, também tava em Bimba, mas para mim tava muito mais em Pastinha. Porque eu senti que ele era poeta né... Naquela época se fazia música em cima da ocasião, como repente, algumas coisas era improvisado... Lá eu aprendi a tocar o berimbau, o pandeiro, se via muito isso [...] (CARVALHO, 2012).

Mestre Zé Renato conta que apesar dessa profunda identificação com o estilo Angola, ainda foi em outras ocasiões nas rodas de mestre Bimba. Fala o quanto era rigoroso entrar nas academias desses mestres. E ressalta o papel do mestre, de um modo geral, no diagnóstico do estilo dos alunos, da fase de adaptação à capoeira, explorando melhor as capacidades do aluno para que este também tirasse melhor proveito do universo da capoeira.

2.2.2 A passagem pelo Rio de Janeiro e pelo Maranhão

Continuando com a trajetória de José Renato, é importante ressaltar que, nesse período que passou na Bahia adquiriu uma meta na vida, que era partir para o Rio de Janeiro e posteriormente para o Maranhão. De volta a Crateús e à família, porém permanece por quase um ano na terra natal. Ao chegar o período do alistamento militar, cumpriu essa formalidade e conseguiu ser dispensado da obrigação. Logo em seguida, partiu para o Rio de Janeiro aos 18 anos de idade, devendo ter ficado nesse Estado por volta de três anos. No Rio, foi jogar capoeira na Central do Brasil com o famoso mestre Leopoldina, falecido em 2009. Conhecido por *Ceará* e pelo jogo diferenciado, Zé Renato dedica-se ao aprendizado da capoeira em solo carioca, adquirindo sempre novos conhecimentos.

Paralelamente à capoeira, Zé Renato conhece ¹⁵José Maria Bezerra Paiva (B. de Paiva), teatrólogo cearense, diretor do Conservatório Nacional de Teatro na época. Conseguindo a oportunidade de também estudar teatro, fez pequenas participações na TV Tupi, entre outros bicos, até que a vontade de voltar ao Ceará e à família foi mais intensa do que a esperança de se tornar um artista consagrado nacionalmente. De volta ao Ceará, veio diretamente a Fortaleza, pois o pai, que na época trabalhava no ¹⁶DNER,

¹⁵De acordo com informações tiradas do site <http://www.dfcriativa.com.br/personalidades/1432> e com o blog http://www.dzai.com.br/aricunha/blog/aricunha?tv_pos_id=98027, José Maria Bezerra de Paiva, o B. de Paiva, nasceu em Fortaleza, em 6 de novembro de 1932. Em 60 anos de carreira é uma referência na história do teatro brasileiro, atuou como ator, professor, dramaturgo e administrador cultural. Trabalhou em mais de 500 produções para cinema, rádio, TV e, principalmente, teatro. Foi professor de três grandes universidades brasileiras: Universidade Federal do Ceará, UniRio e Universidade de Brasília, nas quais passou por diversos cargos, chefe de departamento, coordenador de cursos, diretor, decano, pró-reitor e reitor. Foi um dos fundadores do Ministério da Cultura e em 1998 recebeu o título de *Doutor Honoris Causa* da Universidade Federal do Ceará.

¹⁶ DNER significa Departamento Nacional de Estradas e Rodagem, atualmente foi reestruturado passando a chamar Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT).

havia sido transferido de Crateús para a Capital cearense, fixando residência no Carlito Pamplona.

O espírito aventureiro de Zé Renato, contudo, não adormeceu em nenhum instante. Pouco tempo depois, ao surgir uma oportunidade de trabalho no Maranhão, na área de topografia, o jovem José Renato ficou tentado atingir mais outra meta na vida que era a de conhecer o “berço de negros”, como ele mesmo diz. As experiências do Maranhão pelos idos de 1970 gravitavam ao redor de práticas de capoeira Angola, Tambor de Crioula e de todas as manifestações de que pôde participar. Amante das artes popularescas, Zé Renato defendeu a ideia de que naquela época os praticantes viam capoeira como arte, apenas isso. Após ter descoberto que estava com hepatite, o protagonista desta história retorna antecipadamente à cidade de Fortaleza para tratamento e inicia atividades profissionais em solo cearense como professor de Educação Artística. A passagem pelo Conservatório Nacional de Teatro e as habilidades manuais lhe renderam qualificação necessária para atuar em instituições formais de ensino e na produção de alguns espetáculos em Fortaleza- figura 3.

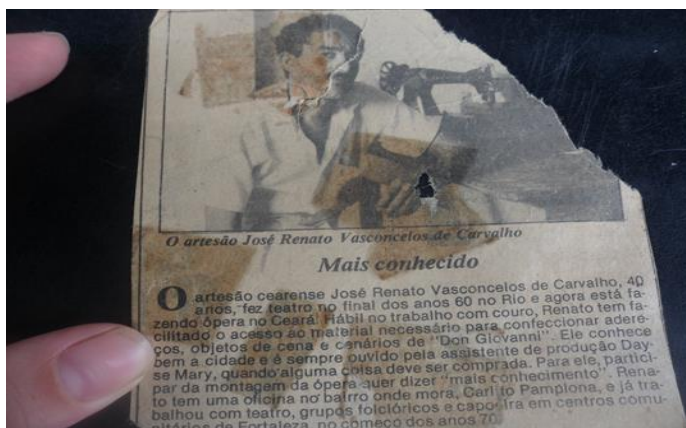


Figura 3- Participação de Zé Renato na reinauguração do Theatro José de Alencar, em 1996.

Fonte: Arquivo pessoal de José Renato.

. 2.2.3 Experiências profissionais em instituições de ensino de Fortaleza: o primeiro professor de capoeira

O primeiro colégio onde lecionou funcionava perto do Mercado São Sebastião, no centro de Fortaleza, Colégio Oliveira Paiva. Essa oportunidade de trabalho surgiu de um convite do proprietário professor e acadêmico José Moura Barros Pinho. Um fato marcante das escolas de Fortaleza na época eram as gincanas estudantis transmitidas por

um programa de televisão. O programa chamava-se *Porque hoje é sábado* e era apresentado por Augusto Borges e o canal televisivo era a *TV Ceará*. Quando o colégio onde lecionava foi desafiado a apresentar uma atração baiana, prontamente mestre Zé Renato se dispôs a levar uma exibição de capoeira. Foram dois meses de ensaios com os alunos, que aconteciam todos os dias. Todos os golpes eram ensaiados na escola, pois não havia possibilidade de aprender capoeira de forma tão rápida. Foi dessa forma, no entanto, que ocorreu o pioneirismo da capoeira dentro do sistema formal de ensino no Estado. Além disso, desde 1955, a mídia local não noticiava algo envolvendo a capoeira, ano em que houve a apresentação de mestre Bimba no Theatro José de Alencar.

Após esse episódio, o Colégio Castelo Branco, situado a na avenida Dom Manuel, contratam mestre Zé Renato como professor de capoeira. Uma peculiaridade local relacionada à capoeira foi constatada pelo referido mestre: a influência do samba de gafieira, atividade tradicional que acontece de forma autêntica na região da Barra do Ceará desde meados da década de 50 do século XX.

Pouca gente vai entender agora, mas um dia quando eu partir é que vão descobrir que o gingado cearense tem um diferencial dos outros, vem da gafieira [...] Mestre Armandinho que é um pessoa de fora observou que nossa capoeira é diferente... Essa ginga trouxe esse diferencial. (CARVALHO, 2012).

Carecendo de fontes escritas sobre o fato histórico, nos dispusemos a procurar essa relação da ginga por meio de fontes orais, em entrevistas com adeptos mais antigos da prática da gafieira- Figura 4. Curiosa em elucidar melhor essa relação, fomos a dois pontos de gafieira da Barra do Ceará, o mais antigo em funcionamento *Mela-Mela* e à *Nossa Casa*, propriedade do jornalista Chico Vieira. O que foi comprovado na ocasião diz respeito à autenticidade do samba de gafieira da região, o preconceito com relação à capoeiristas em tempos passados e de uma vaga lembrança de a capoeira ter sido retratada num samba-enredo de uma antiga escola de samba do bairro do Mucuripe.



Figura 4- Adeptos da gafieira desde a década de 50. Fonte: Arquivo pessoal de Sammia Castro.

O povo aqui me chama de Manim... comecei a frequentar gafieira em Fortaleza desde 1956, sou de 40 [...], tem um bucado de dançarino da minha época que já morreu. O melhor lugar que eu já brinquei foi no Sargento, lá na São Paulo, faz tempo, em 58. Na Patinação, no Império, na Guarani era tudo orquestra, não tinha radiola, nem banda não. Orquestra é saxofone, trombone, clarinete, piston, tudo de metal. Era um samba e choro das antiga... (MÁRIO NOGUEIRA, 2012).

O nosso estilo que a gente dança aqui é tirado da terra, do sangue, não é de colégio, é um dom que a gente tem. Brinquei nas escolas de samba mais antigas daqui Luís da Assunção, Prova de Fogo, Mocidade Independente do Mucuripe, Espalha Brasa, Girassol, Mexe-mexe, Unidos do Pajeú. Nosso samba nunca foi valorizado, a gente brincava, mas no outro dia, não tinha um clipe... É valorizado a cultura de fora. Existe vários tipos de samba, nosso ritmo aqui é samba de gafieira, aqui nós dança xote, lambada, bolero, tudo... mas no ritmo de gafieira. A gente dança mesmo por se divertir, é mais a vontade de afogar as mágoas e sofrimento [...] O nordestino, qualquer motivo, é motivo duma festa... Tinha o clube recreativo Carlito Pamplona, o Cléber, o do Lucas Pinto, o Vila Iracema, a Portuguesa no Monte Castelo tudo fechou. As do centro, Patinação, Bola Branca, ali na Senador Alencar, na Padre Mororó. (NANOSO, 2012).

Lá onde era o Marina Park, do lado da igreja tinha um clube verde que era da finada Totonha foi lá que eu comecei a dançar. A gafieira não dar pra dizer é só mostrando, essa gafieira aí que você tá escutando é das antiga... (MAIRSON FERREIRA, 2012).

Mestre Zé Renato garante ter enfrentado realmente bastante preconceito em Fortaleza na década de 1970, pois pessoas se referiam à prática da capoeira como sendo de negro e de malandro. Segundo mestre Zé Renato, esse tabu foi quebrado de certa forma no Colégio Castelo Branco, pois esse era um estabelecimento frequentado por

crianças oriundas de famílias abastadas e muitos meninos participavam de apresentações escolares.

2.2.4 O ensino da capoeira no Centro Social Urbano Presidente Médici

Posteriormente aos colégios mencionados no tópico anterior, José Renato de Vasconcelos Carvalho começa a desenvolver atividade profissional de professor de teatro e de capoeira no Centro Social Urbano-CSU- Presidente Médici, situado antigamente na avenida Borges de Melo, onde revela ter recebido para isso apenas uma ajuda de custo. A renda que lhe completava o sustento era proveniente das escolas em que lecionava Educação Artística, tais como Instituto Rio Branco, o Colégio Sttela Maris e o Capistrano de Abreu.

Foi o CSU Presidente Médici o lugar onde houve maior identificação dos alunos com a prática. Lá ele encontrou os quatro mestres que formou: Jorge Negrão, Everaldo Ema, João Baiano e Zé Ivan- figura 5. Juntos percorriam a cidade fazendo apresentações para divulgar a prática e ganhar novos adeptos. As rodas aconteciam no Passeio Público, em frente ao Jornal *O Povo*, pelos colégios em que lecionava e pelas praças. Esses eventos ocorreram por volta de 1975 e o nome do primeiro grupo era Xangô, entidade que protege a capoeira, conforme o aprendizado na Bahia.

De acordo com Assis (2013), o primeiro integrante desse grupo foi Demóstenes de Carvalho, que acompanhou Zé Renato desde o Colégio Oliveira Paiva e, posteriormente, assumiu o ensino da capoeira no CSU Aduino Bezerra. A primeira formação desse grupo era composta pelos irmãos Izac de Freitas, João de Freitas (mestre João Baiano) e Salomão de Freitas; os irmãos Everaldo Monteiro de Assis e George de Assis também faziam parte dessa primeira formação; havia um gaúcho chamado José Carlos Uchoa; Jorge Luis Natalense de Souza (mestre Jorge Negão); Márcio Pinheiro; Nonato Neguinho, filho da zeladora do CSU; José Ivan de Araújo (mestre Zé Ivan) e Daty, cabelereiro nomeado Raimundo Nonato.



Figura 5- Evento ocorrido em 1995. Abaixados estão Zé Ivan, Zé Renato, Everaldo Ema e Jorge Negão. Em pé estão Wladimir, Espirro Mirim, Ulisses, pessoa que não foi reconhecida, Lula, Jean e Geléia. Fonte: Arquivo pessoal de José Renato.

2.2.5 Reminiscências da folclorista ¹⁷Maristela Ataíde Holanda sobre a capoeira no Médici

A capoeira no Centro Social Urbano Presidente Médici foi um ponto de encontro dos mestres mais antigos da cidade. De acordo com Jales (2012), o Centro Social Urbano, inicialmente chamado de Centro Comunitário e popularmente conhecido por CSU, foi fundado em 1972 no governo militar de Emílio Médici, que perdurou de 1969 a 1974. O Governo estava impondo a responsabilidade aos municípios de pôr em prática o programa de remover as favelas que se formavam pelos centros urbanos para construção de ruas e obras públicas. A política pública implantada previa a organização social dos moradores e a ordem pública pela formação de lideranças. Em contrapartida, inúmeros serviços eram prestados na área da saúde, da assistência social, do esporte, lazer, educação, cultura, trabalho e renda.

¹⁷ Iniciou os estudos na Escola Superior de Música que, na época, era agregado à Universidade Federal do Ceará. Após a reformulação do curso, foi implantado pela Universidade Estadual do Ceará, lugar onde Maristela Ataíde Holanda terminou os estudos em 1976. De 1977 a 1983, fez o curso de Pedagogia. Entrou na Prefeitura como convidada para ser professora de folclore no Centro Social Urbano Presidente Médici, depois assumiu o Centro Social Urbano César Cals. A nível estadual, também foi convidada a lecionar, em razão da grande carência de professores na área de Educação Artística.

Outros centros comunitários foram construídos, como o Centro Comunitário Governador César Cals, inaugurado em 1971, no bairro Henrique Jorge, e o Centro Comunitário Economista Rubens Vaz Costa de 1974, na Jurema. Para Jales (2012) apud Mota (1979), uma conferência pronunciada em 1976 destaca a realização de 12 cursos profissionalizantes para 1.722 alunos, serviços de saúde fornecido a 96.282 pessoas em um ano, acesso a esportes para 2.197 jovens, cursos na área de artes para 704 pessoas e, por fim, 715 alunos participantes de projetos na área de educação.

Segundo Holanda (2013), foi em 1972 ou 1973 que Zé Renato chegou ao Médici revelando que *“Foi ele que criou a capoeira lá. Ele conseguiu. Era muito jovem, muita gente na capoeira”*. O envolvimento da folclorista Maristela Ataíde Holanda foi relatado por José Ivan, um dos mestres formados por Zé Renato. Aconteceu que no dia 28 de junho de 1976, Maristela- figura 6- se apresentou no CSU Presidente Médici como professora de folclore.

Quando cheguei no Médici em 76 ele já estava lá. Eram vários jovens. Ele tinha vindo de fora e já tava lá um grupo formado. Dentre os componentes da capoeira, tinha os componentes do grupo folclórico. Meu envolvimento foi assim, eram uns 5. Era o Joarez, Isaac, o João, que hoje chamam de João baiano, o Everaldo, Demóstenes, tiveram outros. A gente trabalhava junto, o grupo folclórico e a capoeira. Era muita gente na capoeira, bem mais de 30. Quando eu chegava eles já estavam terminando. Depois o Zé Renato foi embora e eles continuaram. (HOLANDA, 2012).



Figura 6- Folclorista Maristela Ataíde Holanda, em entrevista realizada em 24 de janeiro de 2013. Fonte: Arquivo pessoal de Sammia Castro.

Luar do Sertão era o nome do grupo folclórico que começou no aniversário de um ano do referido CSU, em 1973. Esse grupo foi assumido por Maristela em 1976, trabalho lembrado com enorme nostalgia e apreço, em que revela nunca ter sentido a necessidade de nem mesmo tirar férias e licença-prêmio. O grupo era um curso de

jovens e pré-adolescentes, dentre vários outros que eram ofertados no local. No final de cada semestre era entregue certificados aos participantes assíduos de todas as atividades, inclusive aos praticantes da capoeira. De acordo com relatos da folclorista entrevistada, o atendimento no Centro Urbano Presidente Médici era muito bom porque lá havia o *Jardim de Infância*, atividades para jovens, adultos e idosos. E sobre a continuidade da história da capoeira no Presidente Médici, Holanda (2012) narra:

Depois o Zé Renato foi embora e eles continuaram. Na época tinha o João e tinha um sociólogo, era o Bernardo que já faleceu e dava muito apoio. Não tinha uma pessoa que ficasse sozinha tomando conta o tempo todo. Todos continuaram fazendo, e, logo após, foram se destacando o João, o Everaldo, o Isaac. Depois entrou o Lula, que também entende muito de capoeira! Zé Renato saiu porque era também artista plástico, era escultor e fazia mosaico. Um verdadeiro artista![...] Com um tempo depois, João Baiano foi quem assumiu a direção e para não morrer a capoeira no Médici ficou um bom tempo por lá.

Acerca de apresentações que envolviam o grupo Luar do Sertão e a capoeira, Maristela Ataíde de Holanda menciona uma viagem feita ao interior da Bahia em meados da década de 1980. Na ocasião, seria mostrado o maculelê, uma variante da capoeira, em que os praticantes se utilizam de cacetes e performances corporais. Segundo a folclorista entrevistada, a apresentação teve muito sucesso e, para próprio espanto, o maculelê não era conhecido pelos habitantes locais. Essa experiência do Grupo Luar do Sertão apenas reafirma a compreensão da especificidade cultural de cada território, desmistificando a ideia de que capoeira não é patrimônio cultural do Ceará.

2.2.6 Viagem à Brasília e a outros estados... A capoeira não pode morrer !

Em razão das condições financeiras precárias e de um convite para realizar um trabalho voltado para capoeira em Brasília, mestre Zé Renato embarca no sonho de melhoras de vida e deixa à frente do grupo seus fiéis alunos. O trabalho desempenhado pelos mesmos será abordado posteriormente, nesse momento é interessante mencionar que estes quatro alunos de José Renato seguiram adiante repassando conhecimentos e desenvolvendo a prática através de experiências individuais e conjuntas.

Por meio de cartas, Zé Renato assevera ter tomado conhecimento de que o estilo regional estava sendo popularizado e praticado em Fortaleza. Sobre esse assunto, ele ressalta a importância da união entre o jogo baixo angoleiro e do jogo alto da regional e descreve que a sucessão de movimentos da capoeira se torna, desse modo, um movimento em onda com maiores possibilidades de ataque, defesa e malícia. Entre as atividades empreendidas durante os seis meses ausente da cidade, Zé Renato cita a montagem de um grupo folclórico, uma cooperativa de artesanato e o trabalho com mosaicos em outros estados- figura 7.



Figura 7 – Mosaicos desenvolvidos por José Renato. Fonte: Arquivo pessoal de José Renato.

O retorno à cidade de Fortaleza foi marcado por destacadas participações em algumas rodas dos seus ex-alunos. Jorge Negrão, Zé Ivan, João Baiano e Everaldo estavam com os próprios grupos de capoeira. É interessante o fato de, por mais uma vez, Zé Renato relata a dificuldade de se manter economicamente ensinando a capoeira. No primeiro momento na cidade, o mestre passa a viver dos artesanatos em couro que produzia (figura 8), chegando até a exportar para outros estados e para o Exterior. Ele relata que o trabalho a lhe render fama e sustento, por essa época, foi a atividade de cobrir garrafas e fazer bonés de couro. Carvalho (2012) acentua: “Sempre o que fiz, foi com amor, carinho, profissionalismo”.

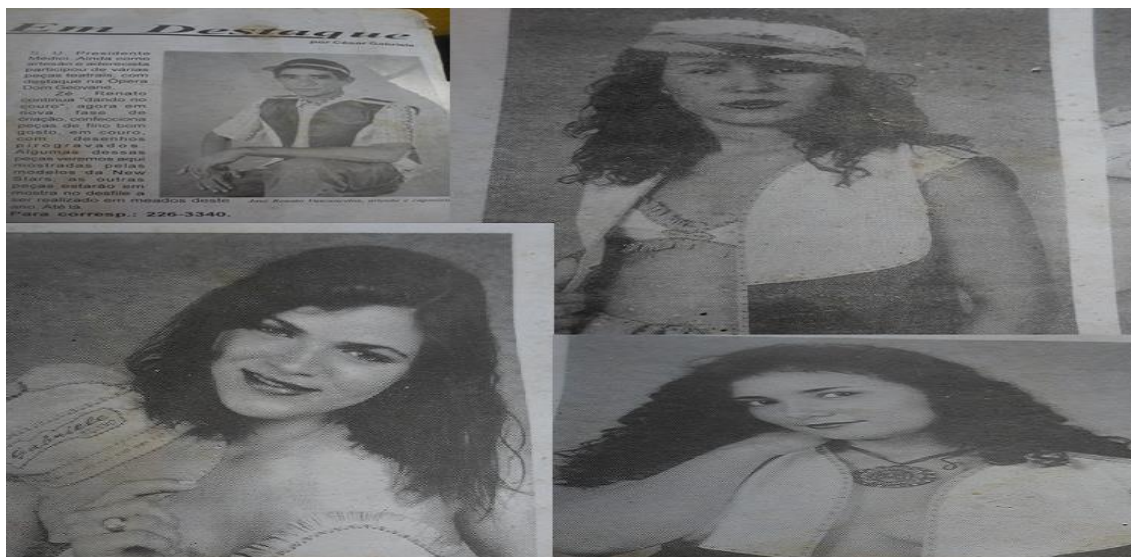


Figura 8- Trabalhos em couro de mestre Zé Renato. Fonte: Arquivo pessoal de José Renato

2.2.7 Da década de 1980 aos dias atuais

Já nos fins da década de 1980, retornando às atividades de capoeirista, monta o grupo Alma Negra, no Carlito Pamplona. Não existem registros fotográficos sobre esse grupo, porém durante as entrevistas realizadas é comum transeuntes da praça Major Wilson, situada no bairro do Carlito Pamplona, passarem e lhe cumprimentarem utilizando o termo *mestre*. A participação esporádica na formação de mestres, rodas e em outros eventos é relatada num período em que o nome de vários outros mestres de capoeira surgem no cenário da capoeira local.

Após ter passado vários percalços na vida, como câncer em um dos rins, diabetes, hipertensão, três paradas cardíacas, Zé Renato teve um acidente vascular cerebral, que o deixou com sequelas no lado direito do corpo, durante a restauração da fachada da Fundação de Cultura, Esporte e Turismo em Fortaleza (figura 9). Nosso artesão, professor e capoeirista, orgulha-se da memória fabulosa que tem e reivindica o reconhecimento do pioneirismo na arte da capoeira, atividade que lhe dera grande sentido à vida.

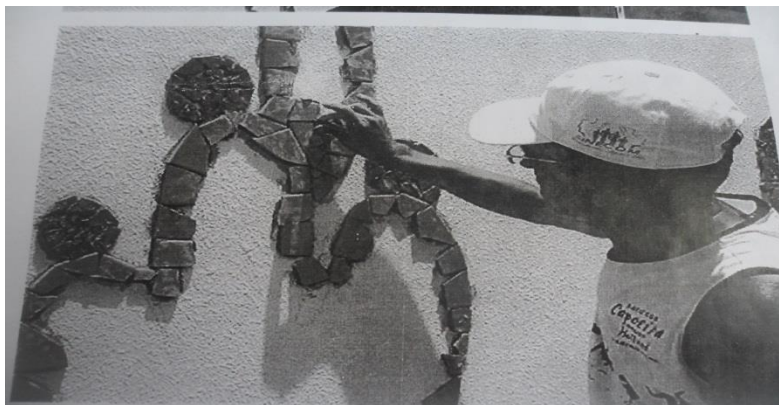


Figura 9- Restauração da fachada do prédio da Fundação de cultura, esporte e turismo, em Fortaleza.
Fonte: Arquivo pessoal de José Renato.

No ano de 2010 Zé Renato foi agraciado pelo Ministério da Cultura, no programa ¹⁸*Viva meu mestre* (figura 10), onde 100 mestres da cultura popular foram condecorados. Outras homenagens locais foram celebradas pelo Poder Público municipal (figura 11). Sobre o reconhecimento no plano estadual, José Renato conta que por três vezes tentou o título de Tesouro Vivo da Cultura no Estado do Ceará, mas seu pedido não foi aceito pela justificativa da capoeira não ser cultura popular do Ceará. O debate sobre esse assunto enseja polêmicas entre capoeiristas, estudiosos da cultura e folcloristas locais.



Figura 10- Certificado do Prêmio Viva Meu Mestre em 2011. Fonte: Arquivo pessoal de José Renato.

Entre homenagens recebidas (figura 11), em algumas rodas de mestres de capoeira da cidade, eventos políticos e sessões de fisioterapia, Zé Renato considera-se

¹⁸ Conferir sobre projetos públicos relacionados à política cultural da capoeira, vide página 35.

hoje assim como o pai teria sido um dia, um *faz-tudo*, no sentido de ter várias habilidades. Ele orgulha-se dos trabalhos em couro, dos mosaicos, do talento com teatro de bonecos e da ousadia que teve com o ensino da capoeira numa época em que havia muito preconceito da sociedade com relação aos praticantes desse exercício corporal.



Figura 11- Documentos que comprovam homenagens recebidas por Luciano. Fonte: Arquivo pessoal de José Renato.

Quando indagado sobre a descrição do sentimento de estar presente em uma roda de capoeira na atualidade, ele conta a história do curioso que foi à roda de Pastinha quando este se encontrava com uma idade bem avançada.

[...] um cara curioso perguntou: Mestre vc num joga mais não? Pastinha disse: eu aqui sentado joga muito mais que vocês! Senti na própria pele isso... Quero dizer com tudo isso que sou muito feliz. Sou feliz e aceito tudo que vem pra mim. No fundo poderia dizer assim: Não sou triste, nem alegre, sou poeta! de Cecília Meireles.(CARVALHO, 2012).

Para quem está começando agora a jogar capoeira, José Renato Vasconcelos Carvalho (2012) sugere que vá atrás da história da prática e não apenas do jogo. Ressalta a importância desse aprendizado que faz parte da história do Brasil, contribuindo com a educação pelo lado cultural, físico e terapêutico. “*Ela é uma terapia, deixa a pessoa mais concentrado, mais calmo, mais criativo, tudo isso desenvolve, é uma riqueza grande! Por isso que o cearense desenvolve muito a prática*”.

2.3 Considerações sobre a relação do mestre Zé Renato com a história da capoeira do Ceará

Durante conversas esporádicas realizadas com capoeiristas locais é comum a dúvida sobre a real origem do ensino da capoeira no Ceará. A dúvida é lançada e a preocupação com uma história verdadeira é evidente. Foi sugerido um levantamento de dados com capoeiristas que frequentaram rodas da orla marítima de Fortaleza, um desses é o líder do Grupo Capoeira Brasil, mestre Paulão Ceará. Aproveitando uma passagem desse mestre por Fortaleza, já que ele é repleto de compromissos pelo Brasil e por toda a Europa, foi feita uma entrevista em que novos dados foram expostos.

Primeiramente, é interessante inseri-lo no cenário da história da capoeira cearense, lembrando que a busca do conhecimento acerca da capoeira em outros estados também fez parte da história de vida desse mestre conceituado e conhecido, nacional e internacionalmente. Segundo Albuquerque (2012), pág. 42,

Outros cearenses também viajaram no intuito de conhecer e aprender mais sobre a capoeira, retornando posteriormente ao Ceará. Dentre eles podemos destacar Espirro Mirim e Paulão Ceará. Espirro Mirim começou a treinar, em 1979, com Everaldo Ema, discípulo de Zé Renato. No entanto, com anseio de aprender mais sobre a capoeira, viajou em 1984 para o Rio de Janeiro e depois para São Paulo. Em São Paulo, conheceu o Mestre Suassuna, discípulo de Mestre Bimba, e adentrou o Grupo Cordão de Ouro. Em 1988, Espirro Mirim retornou ao Ceará dando início ao trabalho do grupo nesse estado, sendo este atualmente um dos maiores grupos. Mestre Paulão Ceará percorreu trajeto semelhante ao de Espirro Mirim. Na década de 1980, ele foi para São Paulo e lá se tornou aluno do Mestre Camisa, membro do Grupo Senzala e discípulo de Mestre Bimba. Ao retornar para o Ceará, tornou-se representante do Senzala no estado. No entanto, em 1989, ele e outros dois amigos, Boneco e Sabiá romperam com esse grupo e criaram o grupo Capoeira Brasil, hoje um dos maiores grupos de capoeira presentes pelo mundo [...]

2.3.1 Quem ensinou capoeira à “galera” que jogava na praia?

A entrevista com Paulo Sales Neto, Mestre Paulão Ceará, ocorreu no dia 23 de janeiro de 2013, em um restaurante situado defronte à orla marítima de Fortaleza. Na ocasião foi relatado que ele estava escrevendo um livro cujo título seria *O que vi e vivi na capoeira*. Até que ele fez um esboço do que viu na cidade de Fortaleza na época em que começou a se interessar pela prática. Segundo Sales Neto (2013) foram apontados cinco focos de encontros de capoeiristas: no Círculo de Trabalhadores Cristãos Autônomo de Fortaleza- CTCAF, no Náutico Atlético Cearense, no CSU Presidente

Médici, na casa do governador Virgílio Távora e na casa de um surfista bem popular denominado Marcílio Brown.

As capoeiras ministradas no CTCAF, no Náutico Atlético Clube de Fortaleza e no CSU Presidente Médici eram coordenadas pelos discípulos de mestre Zé Renato, protagonistas considerados focos principais desse trabalho e que terão amplo espaço no terceiro capítulo desta dissertação. Novo questionamento, entretanto, assolou esta pesquisa, pois dois novos focos de aprendizagem foram apontados: a casa do governador Virgílio Távora, que também era conhecida como Casa do Luciano Negão, quem comandava a roda, e a casa de Marcílio Brown, surfista conhecido pela Praia de Iracema. Desse modo, tornou-se necessário esclarecer a presença da capoeira nesses lugares, já que, se comprovada a antiguidade desses eventos, novos personagens deveriam adentrar esse capítulo que trata de um esboço da história da capoeira em território cearense. Com suporte nessas informações, fomos à procura de Luciano, o qual generosamente se mostrou disposto a ajudar nessa investigação.

2.4 Luciano Negão e a casa do governador Virgílio Távora

Em 4 de novembro de 1955, Rita Inácio do Nascimento deu à luz, em Fortaleza, um filho a quem chamou Luís Luciano do Nascimento, popularmente conhecido por Luciano Negão. Dona Rita trabalhou cerca de 50 anos para a família do coronel Virgílio Távora, desempenhando o serviço de passadeira e engomadeira. Os serviços foram prestados, primeiramente, em uma residência situada na rua João Cordeiro, próximo à orla marítima de Fortaleza. Aos nove anos de idade, torna-se um hábito rotineiro, de Luís Luciano do Nascimento, acompanhar a estimada mãe ao trabalho. Nessa época, mãe e filho residiam no Bairro Vermelho, atualmente denominado Antônio Bezerra.

Em decorrência da proximidade, as idas à Praia de Iracema eram constantes. Já nessa época, e nesse mesmo ano de 1964, Luís Luciano do Nascimento diz categoricamente que via uns senhores bem vestidos esboçando o jogo da capoeira de forma bem rudimentar na orla. De acordo com Nascimento (2012), “*A capoeira, em relação a mim, foi algo desprezioso e sem compromisso. Não foi só uma vez que vi não! Sempre quando ela ia trabalhar que me levava [...]*”.

Com um tempo depois, a família do governador Virgílio Távora se mudou para uma residência situada na rua Doutor José Lourenço, 435, esquina com Deputado Moreira da Rocha. Dona Rita e o filho Luciano saem do antigo Barro Vermelho para residir também nas instalações da nova mansão desse grupo familiar (figura 12). A rotina do jovem Luciano, aos 14 anos de idade, era permeada pela prática de atividades físicas, entre essas o surf (figura 13) e uma brincadeira de capoeira com colegas na praia. Alguns colegas são lembrados, entre eles Alfredo Montenegro, Francisco Fernandes ou Zorrim, Francisco Anselmo Mororó, Sérgio Capibaribe e Caé, salva-vidas bastante conhecido entre os capoeiristas mais antigos da orla.



Figura 12- Dona Rita e Virgílio Távora. Fonte: Arquivo pessoal de Luís Luciano do Nascimento.

Em relação ao aprendizado desses jovens, Luciano Negão garante tomar conhecimento de um diskey jockey baiano que trabalhava na Barbarela, boate antiga de Fortaleza, cujos conhecimentos de capoeira eram divididos com os populares amigos da Praia de Iracema. O aprendizado de Luciano ocorreu por meio da convivência com os amigos da praia, além de relatar a influência das reminiscências da capoeira antiga da orla. Conforme Nascimento (2012), *“Ia na praia, dava um aú e caía na negativa... A roda se tornava sem propósito! Eu era dessa forma e a maioria dos capoeiristas da minha época era assim também”*.



Figura 13- Luciano surfando na Praia de Iracema. Fonte: Arquivo pessoal de Luís Luciano do Nascimento.

2.4.1 Alguns relatos sobre os estudantes de Medicina ex-alunos de Bimba

Um grande amigo de Luciano Negão, que também esboçava o jogo da capoeira pela praia, era filho de um médico patologista, dr. Raimundo Vieira Cunha, formado em Medicina no ano de 1932 na Bahia. Alguns relatos foram expostos por esse médico acerca de estudantes cearenses que moravam na Bahia. Um deles é que a diversão de muitos desses acadêmicos era simplesmente ver os negros jogando capoeira. Outros adentravam a prática, realizando treinos em momentos de folga da faculdade.

Luciano assevera que o pai de seu grande amigo não teria praticado a capoeira, porém os momentos de conversa entre Luciano e dr. Raimundo Vieira Cunha lhe renderam contato com dr. Rui Gouveia, exímio capoeirista e ex-aluno de mestre Bimba. As informações de que havia acadêmicos cearenses capoeiristas foram determinantes para formulação de um questionamento interno em Luciano: os sujeitos bem vestidos que Luciano via, aos nove anos de idade, jogando capoeira pela Praia de Iracema, eram estudantes egressos da faculdade baiana?

Posteriormente, houve momentos de conversa entre Luciano e dr. Rui Gouveia. O ilustre médico capoeirista citava os nomes de alguns amigos que praticaram a capoeira, além de narrar histórias de mestre Bimba. Um episódio contado pelo médico foi relacionado à visita de mestre Bimba ao consultório de Rui Gouveia. Sabendo que o estimado discípulo residia em terras cearenses, mestre Bimba teria aproveitado um momento livre antes do espetáculo no Theatro José de Alencar para rever Rui Gouveia. Chegando ao consultório do renomado médico cearense, mestre Bimba pediu à

secretária para não anunciar a visita inesperada. O pedido do mestre foi aceito e, com um golpe de capoeira denominado *benção*, Bimba abre a porta do consultório anunciando a breve estada em Fortaleza.

2.4.2 A roda de capoeira na casa do governador

Com 17 anos- figura 14- trouxe a roda pra minha casa, aliás, casa do governador Virgílio Távora. Lá era bom porque tinha água, tinha estrutura pros meninos [...] Dona Moema Távora que era irmã dele, que é uma pessoa muito filantrópica, que ia na Europa, tinha visão de coisa assim, ela dizia: Deixa os menino jogar, porque jogando é cultura! Mas o povo mesmo não gostava não! Ela sempre me ajudava muito, tolerava... (NASCIMENTO, 2012).



Figura 14- Luciano Negão aos 17 anos de idade. Fonte: Arquivo pessoal de Luís Luciano do Nascimento.

Em 1972, se iniciara os encontros de capoeira na casa de Luciano Negão. Nessa casa, não havia mestre, tão pouco professor. Era um espaço de aprendizado mútuo, que possibilitava a vivência e a experiência corporal. Consoante John Dewey (1965, p.14), “*Experiência é uma fase da natureza, é uma forma de interação, pela qual os dois elementos que nela entram- situação e agente- são modificados*”. Essa modificação constitui o aprendizado, considerando que, após o ato interativo, ambas as existências são modificadas. Desse modo, educação e vida se tornam elementos indissociáveis, permeadas de atributos necessários para conduzi-las, tais como auto

direção, iniciativa, persistência e respeito à própria personalidade, pois a escolha de realizar aquilo que mais pode contribuir na expansão da vida e da liberdade é permitida.

A capoeira eu aprendi na rua. Ficava olhando, achava lindo. . Eu não devo nada à ninguém pela capoeira. O jiu-jitsu aprendi numa academia [...]. A gente não tinha mestre. Daquela época poucos são os que vivem disso, eu sou guarda-costa por exemplo. Mas o meu caráter ficou, e a palavra do homem tem que ser uma só! Não pode ser duas. (Nascimento, 2012).

O espaço que serviu de treino para capoeiristas da orla marítima de Fortaleza está exposto nas figuras 15 e 16, retratado assim como as reminiscências de mestre Sales Neto (2013): *Era a casa do governador Virgílio Távora e da mulher dele, dona Luíza Távora. O muro era branco, a gente treinava debaixo de um pé de mangueira, tinha um piso vermelho daqueles que usavam muito naquela época...* Segundo Sales Neto (2013), foi no ano de 1975, ou 1976, que encontrou a capoeira da casa do Governador, a qual todos chamavam também casa do Luciano Negão. Esse dado confere com a informação de Luciano, quando este assinala que Paulão chegou certo tempo depois do início dos treinos nesse local.



Figura 15- Luís Luciano do Nascimento na quadra da casa do Governador Virgílio Távora. Fonte: Arquivo pessoal de Luís Luciano do Nascimento.



Figura 16- Local de treinamento da capoeira, visto por outro ângulo e em momento de festa da comunidade. Fonte: Luís Luciano do Nascimento.

Inúmeros capoeiristas que viveram as experiências dessa casa são citados por Luciano, entre eles Haroldo Negão, faixa-preta de karatê; Finado Macaúba- figura 17, valente lendário da orla marítima de Fortaleza; Caé, que trabalhava de salva-vidas na praia, como exposto anteriormente; Carlim Camisola, vencedor em desafios de canto;

Gilberto Palhano; João Cambão, atualmente taxista; Pelado, grande músico de violão sete cordas; Nelson do Cavaco, que tinha uma conhecida roda de samba na rua Manoel Jacaré; Fábio, professor de música; Gordo do cavaco; D. O., filho do dono de um restaurante antigo e famoso da Praia de Iracema, chamado Sereia; Depois apareceu Carlos Augusto; Canário e Paulão Ceará.

Luciano destaca o fato de que as rodas eram permeadas por três aspectos: o jogo, a luta e a briga. Com relação ao aspecto da briga, esse era o momento em que Luciano disputava com Macaúba, pois esse foi namorado da primeira esposa de Luciano. As disputas eram constantes e combativas, no entanto Luciano Negão se lembra do eterno oponente, falecido há certo tempo, com nostalgia, respeito e elogios.



Figura 17- Finado Macaúba. Fonte: Arquivo pessoal de Luís Luciano do Nascimento.

Segundo Luís Luciano do Nascimento (2013), além dos treinos às noites na casa do Governador, havia organização de encontros na praça Portugal, na igreja de São Pedro e em frente ao clube do Náutico. Surfistas compareciam às rodas e também passaram a treinar na casa de Marcílio Brown. Por ora, não adentraremos esse foco de capoeiristas de Fortaleza, pois este teria se formado em momento posterior ao início dos treinos na casa de Luciano- figura 18.



Figura 18- Luciano Negão treinando o aú. Fonte: Arquivo pessoal de Luís Luciano do Nascimento.

O envolvimento de Luciano Negão na liderança da organização de rodas de capoeira perdurou por muitos anos. O interesse na história de vida desse protagonista pouco conhecido pelos capoeiristas locais é crescente. As novas informações adquiridas ampliam os horizontes e acrescentou personagens em uma história mais próxima da veracidade do início do ensino da capoeira no Ceará. Sabemos que o foco deste estudo tratou sobre o início do ensino em instituições formais, no entanto, a necessidade de comprovação da importância desse local de experiências nos faz entrar em campo novamente à procura de alguns ex-frequentes.

Conversamos pessoalmente com Haroldo, Fábio e Carlos Augusto (figura 19), com Carlinhos Palhano, conhecido como Carlim Camisola, e, por via telefônica, com Pelado do Samba e João Cambão, além de termos constatado anteriormente o respeito e a admiração de Paulo Sales Neto por determinado local de vivências corporais. A memória da casa de Luciano Negão é respaldada pelas reminiscências dos antigos frequentadores.

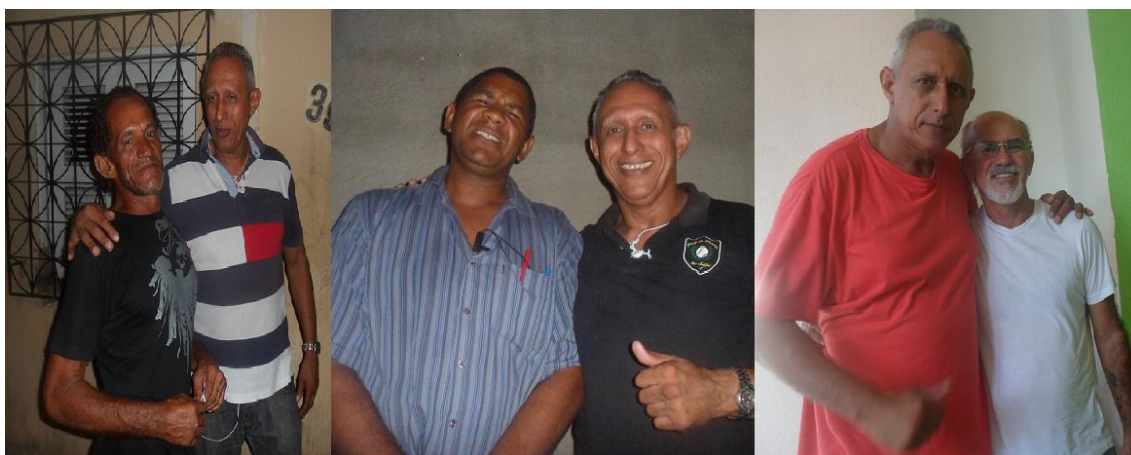


Figura 19- Luciano Negão com mestre Haroldo à esquerda, Carlos Augusto e Fábio na sequência. Fonte: Arquivo pessoal de Sammia Castro Silva.

Com exceção de mestre Haroldo, formado mestre pelos ex-alunos de Zé Renato, e de Paulão Ceará, formado mestre na década de 1980, os capoeiristas que frequentavam a residência do governador Virgílio Távora não se tornaram mestres de capoeira. A prática, entretanto, acabou por influenciou a escolha profissional, como é o caso de Luís Fábio do Nascimento, que hoje ensina Música e toca em um grupo de samba, graças à influência das rodas de samba após os treinos do sábado à tarde na casa do Governador. Inclusive quem lhe ensinou as primeiras notas de cavaquinho foi um grande parceiro de capoeira e também frequentador das rodas comandadas por Luciano.

Após longas horas de entrevistas com Luís Luciano do Nascimento, além dos depoimentos de antigos capoeiristas, constatamos o envolvimento de Luís Luciano com elementos da cultura brasileira na década de 1970, por meio também de dois certificados. O primeiro é datado de 1977 (figura 20) e o certificado de reconhecimento do protagonismo na capoeira (figura 21), entregue pelo fundador do Grupo Capoeira Brasil. O primeiro prova o envolvimento com a musicalidade relacionada ao folclore brasileiro. O segundo certificado, que ele próprio considera de cunho simbólico, ratifica o que a memória dos companheiros da adolescência já comprova. O certificado entregue por Paulo Sales Neto, no entanto, é guardado com carinho, porque se orgulha de tê-lo recebido de um grande capoeirista brasileiro que frequentou a residência em que morava e lhe confere respeito e amizade.



Figura 20– Certificado recebido em 1977. Fonte: Arquivo pessoal de Luís Luciano do Nascimento

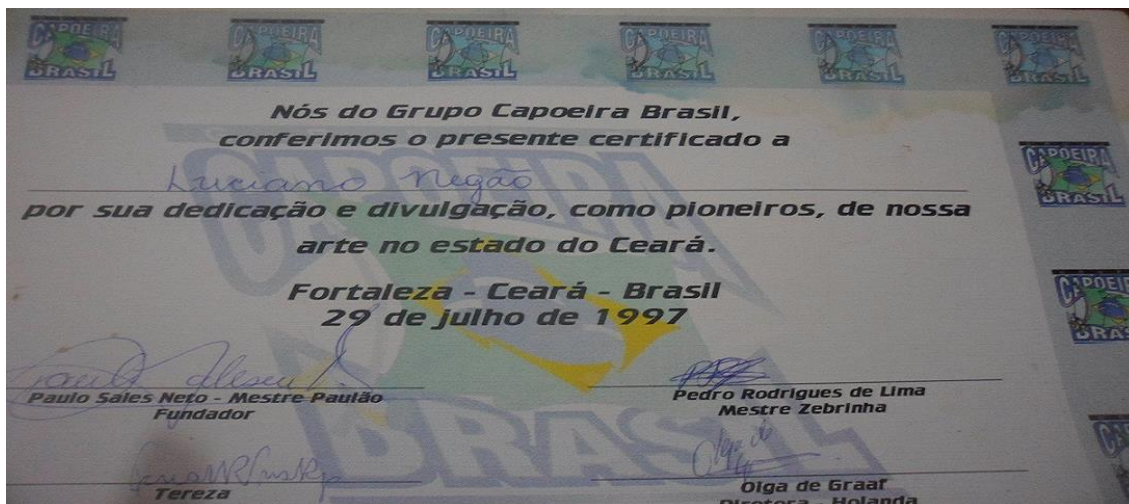


Figura 21- Certificado de reconhecimento no pioneirismo da capoeira no Ceará. Fonte: Arquivo pessoal de Luís Luciano do Nascimento.

O envolvimento de Luciano com a capoeira torna-se menos envolvente nos fins da década de 1980, pois, desde então, o boxe e o jiu-jitsu se tornam uma grande paixão. Amante das lutas e da libertação da agressividade por via de práticas físicas, Nascimento (2012) ressalta que “*Acho lindo o cara se transvestir de valente e resolver o problema, a capoeira não preenchia minha sede de violência*”. O termo violência é utilizado por Luciano diversas vezes, no entanto esse conceito é empregado como sinônimo de contato corporal em lutas. Ele explica que essa é uma necessidade pessoal de autodefesa originária da infância, referindo-se aos castigos físicos sofridos por familiares adultos da época em que morava no Barro Vermelho.

2.4.3 Considerações sobre acadêmicos cearenses que foram alunos de mestre Bimba

Na história da criação da Capoeira Regional um cearense, José Sisnando Lima, assume papel de destaque. Chamado por Decânio (1997-b) de *Pedra fundamental da Regional*, Sisnando chega à Bahia em 1932 para estudar Medicina, entretanto, se interessando também por aprender capoeira. Sisnando possuía conhecimentos prévios de jiu-jitsu e, após conseguir ser o primeiro discípulo branco de mestre Bimba, se destacou pelas habilidades, ajudou na institucionalização do método, sendo considerado mentor intelectual do mestre. O cearense ensinou uma exibição da luta regional baiana no Palácio do Governo ao tenente Juracy Montenegro Magalhães, cearense e interventor federal do Estado Novo.

Na década de 1950, Juracy Magalhães, então governador do Estado da Bahia, promoveu uma exibição ao ilustre visitante presidente da República, Getúlio Vargas, da

Luta Regional Baiana, para não dizer da *Capoeira Regional*. Após esse episódio, a capoeira de Bimba adquiriu cidadania e regulamentação. Em 1957, mestre Bimba foi intitulado como Instrutor de Educação Física, com direito a diploma oficial assinado pelo ministro da Educação, Dr. Gustavo Capanema.

[...] neste mesmo período... tornou-se elegante modismo... a *frequência* pelos acadêmicos das Escolas Superiores de Salvador... *das aulas do Mestre Bimba*... que foi então batizada pelos mesmos... como a "*Academia do Mestre Bimba*"... e criada uma sociedade esportiva... alcunhada jocosamente "Clube da União em Apuros"... referência velada às peraltices avalentadas dos seus associados na sua maioria originários das plagas de Iracema!... origem da tradição de valentia dos cearenses... (DECÂNIO FILHO, 1997-b, pag.).

Após a participação do cearense ¹⁹Sisnando na criação da Capoeira Regional, outros conterrâneos cearenses, estudantes de Medicina no geral, praticaram a capoeira, porém nenhum desses ousou transmitir esse conhecimento de forma institucionalizada no Ceará.

3- HISTÓRIA DE VIDA DOS PROTAGONISTAS NO ENSINO DA CAPOEIRA NO CEARÁ

Após explanação das diferentes fases da capoeira em território brasileiro, desde as origens remotas da prática até o século XXI, focamos as atenções, por todo o segundo capítulo, para a história da capoeira cearense. Partimos da premissa de que, durante a época do Brasil- colonial, imperial, ou mesmo republicano, possam ter passado grandes capoeiristas pelo território cearense por diversos motivos. Consideramos também que práticas de lutas fazem parte da cultura corporal de movimento do povo cearense e se manifestam por todo território, atualmente não apenas pela prática da capoeira como também pelos entraves corporais representados pelos

¹⁹ Segundo Decânio (2005), em uma curta biografia cedida por seu filho Hildebrando Kimura, Sisnando formou em Psiquiatria em 1937, retornando ao Ceará em 1943 e permanecendo na terra natal até 1950. Após essa data, retorna à Bahia onde exerce diferentes atividades, como empreendimento no setor agrícola, incorporando técnicas de colonos japoneses e assumindo a presidência do Sindicato Rural de Feira de Santana. Foi vereador nessa mesma cidade, onde assumiu por quatro meses a Prefeitura. Exerceu Medicina como médico da Secretaria de Agricultura, foi legista na Secretaria de Segurança Pública, Supervisor Estadual da Merenda Escolar, professor de Biologia no Colégio Santanópolis, no Instituto Guimarães e no Educandário da casa São José. Por fim, fundou duas clínicas particulares para deficientes mentais, dedicando-se profissionalmente, por inteiro, à Psiquiatria.

inúmeros reisados, congadas, maneiros-paus e rodas de coco. Constatamos posteriormente que, por volta de 1.937, havia estudantes de Medicina cearenses em território baiano que se iniciaram na capoeira sob os ensinamentos de mestre Bimba.

Até o momento, existe a constatação de que o mestre cearense mais antigo na capoeira é José Renato de Vasconcelos Carvalho, que, no início da década de 1970, e por meio do ofício de professor de Educação Artística, ensinou a arte da capoeiragem em colégios de Fortaleza. Determinado mestre cultivou, em quatro dos inúmeros alunos do Centro Social Urbano Presidente Médici, uma paixão pela prática que os incentivou não somente a continuar praticando a capoeira, como também ensiná-la a muitos jovens. Dedicaremos esse capítulo exclusivamente à história de vida desses quatro discípulos de José Renato, responsáveis pela continuidade e por grande parte da difusão de conhecimentos e formação de grandes mestres de capoeira no Estado.

Mostramo-nos otimista em relação à descoberta de fatos e personagens outrora desconhecidos nessa história. Referimo-nos aos capoeiristas antigos da orla marítima de Fortaleza de que tomamos conhecimento no decorrer das inúmeras pesquisas de campo, tais como Caé, Alfredo Montenegro,²⁰ Finado Macaúba e Luciano Negão, os quais não possuem ligação com os discípulos de mestre Zé Renato. Esses personagens, no entanto, não puderam ser considerados protagonistas no ensino da capoeira cearense, pelo fato de não terem deixado discípulos e também não terem atuado em instituições formais de ensino, podendo ser designados simplesmente como protagonistas da prática da capoeira ou personagens célebres dessa história.

3.1 Mestre Zé Ivan

Um dos alunos do mestre Zé Renato no Centro Social Urbano do Presidente Médici e que vivenciou a prática da capoeira no Estado do Ceará, ainda na década de 1970, chama-se José Ivan de Araújo, nascido em 18 de dezembro de 1959, na cidade de Acaraú. Aos quatro anos, veio morar em Fortaleza, no bairro praieiro da Varjota. Um garoto franzino, que sempre gostou de jogar futebol e surfar, de família humilde e sem

²⁰ Com o decorrer das pesquisas de campo, tivemos ciência de que finado Macaúba desenvolvera muitas das lendárias habilidades com mestre Jorge Negão.

plano de saúde, recorreu ao ²¹Centro Social Urbano Presidente Médici, aos 13 anos de idade, para tratamento dentário. Inúmeras atividades animavam o referido Centro na década de 1970. Além do acompanhamento odontológico fornecido gratuitamente, as atividades esportivas eram muito requisitadas, tais como natação, futebol, vôlei e basquete. Havia também atividades culturais, lideradas pela folclorista Maristela de Ataíde Holanda, em que era comum a participação de alguns praticantes de capoeira.

Chegando ao referido Centro Social Urbano, Zé Ivan tomou conhecimento do ensino da capoeira no local. A capoeira estava sendo retratada numa apresentação teatral, produzida pelo professor de Educação Artística e capoeirista José Renato de Vasconcelos Carvalho. O compromisso com o aprendizado da capoeira passou a fazer parte da rotina diária do garoto franzino do bairro da Varjota, atividade que lhe renderia não apenas momentos de lazer, como também aprendizagem e formação para atuar profissionalmente. As aulas de capoeira ministradas por Zé Renato fizeram bastante sucesso na época, fato que é rememorado como motivação para maior engajamento e dedicação à prática. Mesmo com a notícia de que José Renato deixaria de ensinar capoeira no Médici, pois iria desenvolver um trabalho em Brasília, Zé Ivan conta que muitos praticantes decidiram permanecer ativos na arte da capoeiragem.

A rapazeada que foi treinar capoeira com Zé Renato, que não era mestre, era um andarilho, começou a ter muita vontade de treinar e passou um tempo ele foi embora e não tinha capoeira no estado. Pode ter passado alguém pela praia [...] Zé Renato trabalhava junto com a professora Maristela, na época e eu entrei no balé pra mostrar a capoeira, a gafeira e outras danças nordestinas. Em 76 nós ganhamos um documento de sócio-artista- figura 2- no Médici. Tinha direito a transporte de graça e uma bolsa. Só tinha esse documento quem tinha desenvolvido a arte da capoeira, a turma de elite da capoeira. Everaldo ganhou, Jorge Negão, João Baiano, Isaac e Demóstenes. Nós estávamos

²¹De acordo com Jales (2012), O Centro Social Urbano foi fundado em 1972, inicialmente chamado de Centro Comunitário, no governo militar de Emílio Médici (1969-1974) que estava impondo a responsabilidade aos municípios de pôr em prática o programa de remover as favelas que se formavam pelos centros urbanos para construção de ruas e obras públicas. A organização social dos moradores era prevista, bem como a ordem pública, através da formação de lideranças, serviços prestados na área da saúde, assistência social, esporte, lazer, educação, cultura, trabalho e renda. Outros centros comunitários foram construídos como o Centro Comunitário Governador César Cals, que foi inaugurado em 1971, no bairro Henrique Jorge, e o Centro Comunitário Economista Rubens Vaz Costa de 1974, na Jurema. Para Jales (2012) apud Mota (1979) uma conferência pronunciada em 1976 destaca a realização de 12 cursos profissionalizantes para 1.722 alunos, serviços de saúde fornecido a 96.282 pessoas em 1 ano, acesso à esportes para 2.197 jovens, cursos na área de artes para 704 pessoas e por fim, 715 alunos participantes de projetos na área de educação.

sem mestre e ficamos treinando, com o tempo alguns se afastaram e foram embora. Quem ficou mesmo foi eu, Jorge Negão, João Baiano e Everaldo. Surgiram outros capoeiristas, mas todos que tiveram nome aqui e que viajou por aí, passaram pela mão dessas quatro pessoas. (ARAÚJO, 2012).



Figura 22- Carteira de sócio-artista concedida aos primeiros integrantes do grupo de capoeira do Presidente Médici. Fonte: Arquivo pessoal de Sammia castro Silva.

3.1.1 Entre o lazer e a trajetória profissional

Em 1.976,²² Lyrysse Porto de Araújo viu José Ivan jogando capoeira pela orla de Fortaleza e o chamou para ensinar o que ela chamava de dança da capoeira no Círculo de Trabalhadores Cristãos Autônomo de Fortaleza- CTCAF- popularmente conhecido como ²³Teatro São José, localizado na praça do Cristo Redentor, em Fortaleza. José Ivan receberia uma ajuda de custo referente à metade de um salário mínimo e, aos 16 anos de idade, resolveu chamar Jorge Negão para ajudá-lo nesse trabalho. Posteriormente a esse evento, recebeu outra proposta de trabalho, que era a de lecionar na escolinha do Náutico. Desse modo, Zé Ivan deixou Jorge Negão no CTCAF e partiu

²²Segundo Brito Júnior (2004), Lyrysse Porto de Araújo é natural de Fortaleza, nascida em 04 de março de 1923. Possui formação em Geografia e História pela Universidade Estadual do Ceará e especialização em Sociologia e Folclore na Educação. Foi Coordenadora do Mobral, no Ceará. Exerceu por vários anos a função de Diretora de Fiscalização do Ensino e ocupou por duas vezes a função de Diretora da Cultura do Município. Foi presidente do Teatro São José e da Associação dos Floricultores do Estado do Ceará. Fundou o primeiro Museu do Maracatu existente no Brasil, em 1984, funcionando no Teatro São José. Fundou o Santuário de Anastácia, padroeira do Museu. A minigaleria de arte do Teatro foi também de sua iniciativa.

²³De acordo com Lima (2010), o Teatro São José foi fundado em 1914 como opção de lazer, cultura e assistência social para trabalhadores do Círculo de Trabalhadores Cristãos Autônomo de Fortaleza-CTCAF- associação fundada pelo padre alemão Guilherme Waessen. Reformado em 1915 por operários voluntários, o Teatro viveu dias de glória, recepcionando visitantes ilustres, como o ex-presidente Juscelino Kubitschek, Carmen Miranda, encenação das peças de Carlos Câmara, da peça *Mártir de Golgota* do grupo português Esmeraldo Matos e a banda de música do maestro João Gomes de Souza e Silva Novo. Em 1975 Lyrysse Porto foi eleita a dirigir o Teatro São José, onde fundou em 1984, o museu do Maracatu. Em 1994, houve nova reforma no Teatro e, em seguida, tombado como patrimônio histórico da cidade de Fortaleza no ano de 2008 e desapropriado pela gestão de Luiziane Lins no ano de 2010.

para essa nova experiência de trabalho, que lhe rendeu uma amizade, com um contramestre do grupo Senzala, chamado Romário, engenheiro mecânico carioca que reside até hoje na cidade de Fortaleza.

Pelos idos de 1977 esse contramestre foi treinar com José Ivan e acabou por ajudá-lo na aquisição de mais conhecimentos, já que Zé Ivan era apenas um aluno empreendedor que na época treinava por conta própria com amigos e não possuía a experiência técnica da figura de um contramestre. Nas rodas de capoeira da atualidade, o mestre é a liderança de maior respeito e admiração perante os demais componentes do grupo e, em segundo lugar, o contramestre. O elo de amizade entre mestre e discípulo é fundamental no repasse dos segredos e artimanhas.

Na escolinha do Náutico, José Ivan deu aulas particulares de capoeira para alunos do curso de Educação Física da Universidade de Fortaleza e, posteriormente, aos 18 anos de idade, recebeu mais uma proposta de emprego como professor de capoeira pela Prefeitura de Fortaleza. No contrato constava a função de *auxiliar administrativo*, pois não havia possibilidade de denominá-lo professor de capoeira. O baixo salário fez-lo trocar a Prefeitura por um emprego em um supermercado de Fortaleza, entretanto, nesse período que perdurou por volta de dois anos, continuou com as aulas particulares de capoeira no período noturno. É interessante mencionar um grupo de 16 moças que o contrataram para ensinar nas dependências da casa de uma delas, que era uma professora de Educação Física chamada Eveline. Mais adiante, a Prefeitura de Fortaleza o procurou novamente, na figura do diretor do Centro Comunitário do Conjunto Ceará, oferecendo emprego para dar aula em dois expedientes com carteira assinada, como professor de capoeira, e salário equivalente ao de um professor da rede de ensino em estágio inicial.

Pedi as contas da empresa e toda uma rapazeada começa a treinar comigo, mestre Espirro Mirim passava quase o dia todo comigo. No Conjunto Ceará já tinha passado o Demóstenes com dança folclórica, a capoeira era como uma dança folclórica. Eu trabalhava os dois expedientes. Entrei na prefeitura por intermédio de uma autarquia nesse ano de 80, a Fundação Social de Fortaleza, depois é que veio negócio de concurso. Atualmente minha carteira é assinada como instrutor de arte e ofício, pois na época da Maria Luíza deram baixa e botaram dessa maneira. Tenho direito de recorrer porque tem o quadro professor de capoeira. (ARAÚJO, 2012)

A Fundação a que José Ivan se refere chama-se Fundação do Serviço Social de Fortaleza- FSSF- que era encarregada do planejamento e execução das políticas sociais da Capital do Ceará, em especial, ações de assistência social, habitação, geração de renda e infraestrutura. Desse modo, a FSSF foi criada pela lei federal nº 2.486, de 26 de outubro de 1963, e regulamentada pelo Decreto nº 2.766, de 24 de maio de 1966. De acordo com Jales (2012) a primeira superintendente dessa fundação foi Aldacir Nogueira Barbosa, permanecendo nela até a data do falecimento no dia 27 de agosto de 1976. A FSSF era uma autarquia com autonomia administrativa, financeira e patrimônio próprio.

Questões trabalhistas em meio aos mestres de capoeira prevalecem ainda hoje, pois uma das lutas desses mestres ainda é a oficialização da inserção da categoria profissional de professor de capoeira. Houve um embate nacional dos mestres de capoeira com os conselhos regionais de Educação Física, na época da regularização dessa profissão em 1998. Na óptica de alguns profissionais, é necessária a formação acadêmica em Educação Física para lecionar qualquer atividade física.

Fui defender nossa história lá em Juazeiro, porque a educação física tava proibindo a capoeira de lecionar, tinha que fazer curso de educação física pra lecionar. Fundei a federação para defender, juntei amigos, Jorge Negão tava comigo pra educação física não proibir. Mandeí um ofício lá pro presidente [...] Mais ou menos em 2004 teve essa polêmica. Fui pra Brasília falei em rádio, o que eu achava da educação física. A capoeira é a educação física da gente! Fui pra dizer que a capoeira é a educação física brasileira, ela tem que ser reconhecida assim. O direito de dar aula de capoeira são dos mestres de capoeira! Agora se um mestre de capoeira vai fazer educação física parabéns pra ele! Mas tirar o direito do professor de capoeira de dar aula de capoeira porque não é professor de educação física não tem nada a ver. Teve uma revista lá com esse meu dizer. Eu acabei com essa conversa. Sempre me coloquei a favor da minha profissão, porque é minha profissão. (ARAÚJO, 2012).

Paralelamente às questões trabalhistas com a Prefeitura, em 1979, mestre Esquisito chegou a Fortaleza, ensejando debates sobre a prática da capoeira no Estado. Pontos discutidos eram o reconhecimento dos mestres e a sistematização da graduação por meio de cordas. Havia, nessa época, rodas de capoeira lá na Volta da Jurema, na descida da Frei Mansueto, frequentada por praticantes antigos, como Caé, Haroldo, finado Macaúba, Serjão do Pirambu, Formiguinha, De Paula do Maranhão, Ratim de Recife, Tourão, Dirceu Capoeira, entre outros. Esquisito era funcionário público e

passou a ministrar aulas no Diretório Central dos Estudantes, na Universidade Federal do Ceará. Em reunião com capoeiristas locais, propõe a implantação do sistema de graduação no Ceará. De acordo com Araújo (2012) “*Sentamos numa mesa pra decidir a coloração, ele queria que a gente fosse contramestre. Usamos a graduação de Brasília. O pessoal começou ir pra fora, trazer graduação de fora*”.

3.1.2 Conflitos...

Um fato marcante na visão do fundador do Berimbau de Prata é que os primeiros professores de capoeira do Estado não eram valorizados e respeitados pelos próprios companheiros, propiciando embates propriamente físicos em alguns momentos da história. De personalidade polêmica, insiste em prostrar sobre a própria valentia e coragem.

[...] Isso foi na Frei Mansueto... Aguentei a roda todinha, o povo me agarrando, me dando soco, ele mandou os meninos bater em mim, nunca teve respeito por ninguém... A roda parou e ele deu um sorriso pra mim: *-Tá vendo aí né... O pessoal tá treinado! Aí falei: -Pô eu sozinho aqui. Tem problema não, vou trazer um pessoal pra dar em tu e nos teus alunos aqui dentro, quarta-feira que vem, daqui a 8 dias! Levei uns alunos da polícia, tinha quatro tenentes, mas não era pra usar como polícia não, eles tiraram a farda e colocaram o abadá. Quando ele chegou que viu todo mundo apanhando, ficou doido, se armou de facão! Chegou com mais bem uns dez! Aí parei a roda e mandei ele soltar o facão, pra nós decidir ali... Eu disse: *Tu é aluno meu, respeita as cara! Você nunca me respeitou! Me chama de mestre cara! Tu é aluno meu!*(ARAÚJO, 2012).*

Conflitos fazem parte do cenário histórico-social da capoeira. A obra de Gilberto Freire (2003) retrata episódios costumeiros relacionados a capoeiristas da cidade do Recife, no período de transição entre o Brasil imperial e o republicano “[...] Às vezes havia negro navalhado, moleque com os intestinos de fora que uma rede branca vinha buscar, as redes vermelhas eram para os feridos; as brancas para os mortos [...] (p. 178)”. É interessante mencionar que determinado conflito narrado terminou em uma boa conversa e a maior luta do referido mestre ocorre contra a desvalorização da capoeira no cenário político local. Prosseguindo com a trajetória profissional de Zé Ivan, ele relata que passa quatro anos no Centro Comunitário do Conjunto Ceará e, em 1984, parte para

o desenvolvimento de um projeto social com o ensino da capoeira no bairro Luciano Cavalcante, mais especificamente na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Ananda Cals, permanecendo aí por cinco anos. Em 1984, José Ivan ajudou a liderar um abaixo-assinado, que passou de duas mil assinaturas, para conceder o título, a Zé Renato de mestre de capoeira. A cerimônia de titulação de Zé Renato ocorreu no Presidente Médici, com decoração arrojada e participação de inúmeros capoeiristas locais.

Uma grande polêmica está na órbita desse evento, pois muitos disseram que era inadmissível a situação de alunos quererem formar o próprio mestre. O reconhecimento da comunidade, bem como a dedicação e a formação de discípulos, são fatores que permeiam a consagração de alguns agentes sociais como mestres. Não há diploma para garantir direitos a um mestre da cultura popular, de tal forma que a própria história de vida é a garantia do reconhecimento. Quando indagado sobre o processo de formação de um mestre de capoeira dentro do próprio grupo, José Ivan responde que existem etapas a serem trilhadas.

De acordo com Araújo (2012), primeiramente, existe a figura do professor, capoeirista com o mínimo de oito anos de prática. O professor de capoeira continua treinando em média cinco anos para se tornar contramestre. Quando ele atinge essa graduação, passa mais seis anos treinando até virar mestre para o grupo, pois a comunidade é quem deve reconhecê-lo de tal forma. Ele explica que o caso do mestre Zé Renato foi diferente, pois o reconhecimento dele foi adveio do protagonismo em ensinar capoeira quando não havia, em tese, nenhum outro lecionando essa prática formalmente no Estado do Ceará. Ele foi o primeiro a ensinar em instituições de ensino formal em Fortaleza e os alunos que deixou influenciaram outros seres, que se tornaram mestres e lideram atualmente grandes grupos da cidade. O reconhecimento de Zé Renato como mestre foi fundamental para elaboração da própria história da capoeira no Ceará.

Continuando com as experiências profissionais de José Ivan, ele narra que, depois de lecionar na escola do bairro Luciano Cavalcante, foi para a coordenação do Projeto Recriação, no bairro Vila União, permanecendo ali dois anos. Por último, chega ao Centro Social Urbano do Conjunto Palmeiras, onde exerce atualmente a função de instrutor de arte e ofício com o ensino da capoeira.

No ano de 1988, o mestre Zé Renato reconheceu Everaldo, Jorge Negão e José Ivan como mestres de capoeira, algo criticado por capoeiristas locais que investiam na capacitação fora do Estado, com mestres renomeados. João Baiano foi reconhecido em um momento posterior. Em 1989, Zé Ivan e Everaldo viajaram a Brasília para representar a capoeira nos Jogos Intercolégiais, colocando o grupo do Presidente Médici em atividade. O grupo recebera a denominação de Xangô, por mestre Zé Renato, para designar a turma do Centro Comunitário Presidente Médici da década de 1970.

3.1.3 Tentativa de unificação da capoeira cearense

Em 1992, mestre Zé Ivan fundou a Associação Berimbau de Prata, legalizando-a perante a Confederação Brasileira de Capoeira. O registro na Confederação concedeu à associação o direito de reconhecer outros mestres no Estado, que precisariam fazer um curso de capacitação e enviar documentação. Outras polêmicas circundam este fato, pois José Ivan diz ter sido acusado de querer ser o dono da capoeira do Ceará, havendo divergências acerca da coloração das cordas, da formação de mestres e sobre a realização de eventos, motivos que impediram outros mestres de se vincularem à entidade. Para Zé Ivan, mestre é um dito popular, o que regularia isso seria a certificação de uma federação, o que garantiria também a manutenção dessa prática como um recurso pedagógico multidisciplinar.

[...] A capoeira é rica em conhecimento da própria cultura, fala de quilombo, de guerra, a capoeira não pode perder isso aí, essa é minha preocupação [...] Até mesmo em anatomia e estética [...] Sempre gostei de tratar com o povo, pro povo se cuidar, se vestir direito, cuidar do corpo. Sempre fui tachado de radical, porque minha capoeira é de contato físico, de defesa pessoal, quando o cara vir mecher com a família dele ele está preparado pra defender, com a força física ou com a inteligência. Tem que ser bom de criar, de cantar. Eu sou sambista, compositor, fundador do Sambarte, da cidade dos Funcionários, fui o primeiro a colocar a capoeira num enredo de escola de samba da cidade, lá na *Império Ideal*, do Mucuripe [...]. (ARAÚJO, 2012).

Além de discursar sobre multidisciplinaridade aplicada à capoeira, José Ivan põe em questão constantemente a necessidade de unificação dos capoeiristas cearenses. Ele questiona até mesmo a forma como esses capoeiristas se identificam, pois alguns se definem angoleiros, outros como adeptos da Capoeira Regional e muitos chamam de

Contemporânea a capoeira praticada. Para o fundador da Associação Berimbau de Prata, o que se pratica nesse território é a Capoeira do Ceará, e é imprescindível a valorização dos mestres locais como quesito crucial para a fortificação dessa capoeira, que exprime particularidades e grande respeitabilidade, no conceito nacional e mesmo internacional. Dentre os mestres que formou, estão Pedro, Prainha, Buldog, Haroldo, Simpatia, Bolinha, Piolho, Marrom, Maitó e Marcos Down, grandes nomes da capoeira cearense.



Figura 23- Alguns alunos do CSU Presidente Médici em confraternização já no início da década de 2000: mestre Zé Renato, José Ivan, João Baiano, Jorge Negão e Demóstenes. Fonte: Arquivo pessoal de João Baiano.

3.2 Mestre João Baiano

João de Freitas, nascido em junho de 1957, é natural de Fortaleza/Ceará. Leva o codinome de João Baiano, pelo fato de ter passado a infância na Bahia, pois o pai que era militar da Aeronáutica, foi designado a desempenhar os serviços por grande período naquele Estado. Apesar de inicialmente não mostrar interesse em aprender capoeira, João de Freitas conta que acompanhara por diversas vezes os amigos de infância baianos às aulas de capoeira no colégio onde estudava. O mestre que dava aula nesse lugar era conhecido por Barbeirinho. Em 1970, o pai de João de Freitas consegue uma transferência e retorna para a Capital do Ceará.

Ao despedir-se dos amigos capoeiristas, o futuro mestre João Baiano ganhou como lembrança um vinil intitulado *Eu Bahia*, que continha músicas de capoeira do famoso mestre Bimba. Ao chegar à cidade de Fortaleza, João Baiano começou a fazer judô no Centro Social Urbano Presidente Médici e, posteriormente, conheceu o artesão

Zé Renato, que, após longas horas de conversa sobre a arte da capoeira, decidiu iniciar essa prática, junto com o irmão Isaac, no início da década de 1970. Foram relatadas muitas lembranças relacionadas a um grupo recreativo composto por jovens desse Centro Social, o GRER.

Fizemos um grupo recreativo, o GRER, aí apareceu o Everaldo Ema, que hoje é polícia federal, apareceu o Demóstenes... [risos] A gente não sabia nada, nem tocar berimbau, nem pandeiro, nem nada. Isso a gente veio aprendendo com o tempo. Em 1974 foi quando a gente fez o primeiro grupo. Zé Renato era um líder dentro do Presidente Médici. Era um grupo bom, Grupo Xangô de capoeira. Tinha já nosso grupo de acampamento... Era um grupo sadio, tinha droga não. Nós éramos atendidos por um sociólogo, era o Bernardo Portela. Os profissionais tudim gostava da gente, tava do nosso lado. Agora nosso grupo durou pouco tempo. Durou só 4 anos, o Xangô. Ele era solicitado pra todo tipo de apresentação: colégio, cinema, praça, folclore, era todo jeito! Quando o grupo desfez, eu cheguei pro diretor e disse “*Meu lugar vai ser aqui, até a morte!*” Tanto é que o Presidente se acabou e eu não acabei ainda...[risos]. (FREITAS, 2012).

Conforme a história de vida de mestre Zé Renato exposta no segundo capítulo deste trabalho, sabemos que por volta de 1977, ele mesmo partira para Brasília em busca de melhores condições profissionais. O depoimento de Maristela, no segundo capítulo, também revela que a capoeira permaneceu firme e forte após a saída de José Renato do CSU Presidente Médici. Com base nas informações de mestre Zé Ivan, presumimos também que José Ivan passou a ir com menor frequência a esse espaço, já que desempenhava o ofício de professor de capoeira na escolinha do Náutico. Como informou Holanda (2012), muitos alunos foram se destacando na arte da capoeira no Presidente Médici, em especial Everaldo Ema, João Baiano e o irmão, Isaac, que também frequentou a capoeira do Médici desde o início. As recordações da folclorista rememora ainda a passagem de mestre Lula pelo Centro Comunitário na década de 1980. Conforme entrevista de mestre Lula concedida a José Gerardo Vasconcelos, em 27 de abril de 2004, é relatado que:

Meu ingresso na capoeira foi interessante, eu fui morar no bairro São Gerardo, tinham umas pessoas que foram morar lá em frente, adolescentes, e ao chegar da escola eu jogava futebol e via eles brincando na calçada de capoeira, que era meu mestre e os irmãos, eu não tinha contato, não tinha amizade, e a gente começou a se entrosar jogando bola no asfalto[...] Estudava no

Júlia Jorge, comecei a conhecer o pessoal do esporte do Júlia Jorge e treinava lá escolinha de futsal. Comecei a saber se tinha capoeira lá, mesmo eu sem treinar, aí eu falei pro diretor: *Rapaz tem possibilidade de fazer uma apresentação?* Foi quando eu convidei esse meu mestre Everaldo [...]. Depois dessa apresentação começou o trabalho lá no Júlia Jorge em 77, dia 25/11/1977 [...] Foi quando eu comecei, entrei na capoeira, era o grupo Favela de Capoeira [...] passamos de 77 a 81, e transferimos para o César Cals. Lá passou a se chamar grupo Zumbi Capoeira, ainda com o mestre Everaldo na frente, e até hoje tá aí o grupo Zumbi e eu tô lá com esse grupo até hoje. (CARLOS, 2004).

Depreendemos dessa entrevista que o discípulo de mestre Zé Renato, chamado Everaldo Ema, também passou a desempenhar função de professor de capoeira em outras instituições. Trataremos da história de vida de Everaldo Ema em momento posterior, pois, nessa ocasião, procuramos entender os motivos pelos quais somente João Baiano assumiu posteriormente o controle do ensino da capoeira no CSU Presidente Médici. Concluimos também, com suporte nas informações fornecidas há pouco, que alguns focos de capoeira foram surgindo na cidade, assim como o Presidente Médici foi permanecendo como um local de grande incentivo a essa prática.

Obedecendo a cronologicamente da sequência dos fatos, é mencionada a passagem de grandes nomes da capoeira no Estado- mestre Paulão, mestre Dingo e mestre Canário- por este Centro comunitário na década de 1980. Um grande capoeirista e sambista bastante conhecido na cidade de Fortaleza, chama-se Carlinhos Palhano, que também adquiriu considerável experiência na capoeira do Centro Social Urbano Presidente Médici, mais especificamente com mestre João Baiano. Segundo Palhano (2012), p. 33,

Certo dia conheci um funcionário da Tamancolândia 2, João Baiano, que de baiano não tinha nada. Mas era capoeirista. João tornou-se meu mestre de capoeira, me ensinando no Centro Comunitário Presidente Médici, próximo à Rodoviária. Fui um bom aluno. Já tinha uma base e aprendia rápido [...]

De acordo com Palhano (2012), a Tamancolândia foi uma grande loja de sapatos, situada na avenida Monsenhor Tabosa, visitada pela elite local, turistas e pessoas famosas da época, tais como Renato Aragão, Nelson Ned, Wanderleia, Jairzinho, entre outros. A loja pertencia ao pai, José Josenias Palhano, sapateiro da

melhor qualidade, que também cantava sambas, fazia serestas e tocava violão. O aspecto da loja era exótico, o cartão de entrada era um tronco de carnaubeira fixada na calçada com um gancho na ponta, pintado de preto e vermelho, e apelidada *A cobra da Tamancolândia*. As paredes, portas e janelas eram todas vermelhas em homenagem ao Flamengo. Em cada canto do teto, havia luminárias que eram penicos com um furo no meio para fixar a lâmpada, enquanto o janelão da frente da casa servia de mostruário das bolsas, cintos e sapatos feitos por José Josenias e uma equipe. O negócio adquiriu tão grande proporção que foi adquirido um terreno no bairro Bom Jardim onde havia uma serraria só para fazer tamancos. Foi comprada a uma segunda loja, chamada *Tamancolândia II*.

3.2.1 O aspecto profissional do capoeirista João Baiano

[...] Quem aparecia também era o sambista Carlinhos Palhano, um dia lá na praia do Pacheco pegou o microfone e disse pra todo mundo que aprendeu capoeira comigo, que começou com mestre João Baiano. Muitos que aprenderam algo da capoeira comigo tem um preconceito, uma vergonha e pensa que não falando vai esconder essa mentira todinha. Eu não fico chateado, meu compromisso era ensinar capoeira, eu já ganhava dinheiro do governo já pra ensinar capoeira e não tirar dinheiro de aluno, até hoje é isso. (FREITAS, 2012).

De 1979 até o ano de demolição do Presidente Médici, em 2012, mestre João Baiano ensinou capoeira nesse lugar. O ano de 1979 é a data de criação do Grupo Palmares, que posteriormente passou a se chamar Associação Palmares de Capoeira, devido ao ingresso de muitos adeptos da prática. Sobre a trajetória profissional, foi relatado, similarmente aos relatos de mestre Zé Ivan, que, primeiramente, houve a denominação de instrutor de arte e ofício, para caracterizar o papel desempenhado no Centro. No discurso de mestre João Baiano, é mencionado o grande esforço em divulgar a importância da arte da capoeira, que, apesar do preconceito de algumas pessoas, foi conquistando gradativamente espaços de trabalho naquela época.

A minha divulgação da capoeira foi mais boca a boca, quando acabou o Xangô eu fui atrás, meu irmão não quis não, eu dei aula aqui e acolá, era em creche, era em clube. Tinha uma faixa de seis empregos, correndo sempre prum lado e outro. (FREITAS, 2012).

Em 1981, foi assinada a carteira profissional de mestre João Baiano como professor de capoeira. O *status* dessa denominação profissional angariava todos os direitos de que os professores da Prefeitura gozavam. Segundo os relatos, eram contabilizadas as horas-aula dentro de uma carga horária semanal, sendo agregadas algumas gratificações. Em 1985, quando houve a eleição da primeira prefeita de uma capital brasileira, Maria Luíza, novamente os professores de capoeira passaram a ser enquadrados como instrutores de arte e ofício, sem algumas regalias da carreira de magistério e mantido pelo menos o direito ao plano de saúde e à aposentadoria.

Com o declínio das atividades esportivas e culturais dos centros sociais urbanos dos últimos anos, mestre João Baiano disse que passou a desempenhar a função de motorista para as secretarias executivas regionais e que à noite continuava dando as aulas. Fazem parte do currículo de mestre João Baiano algumas conferências de demonstrações sobre o valor e importância da capoeira, ensino prático em academias, condomínios, escolas de primeiro e segundo graus e projetos educacionais.

Sobre a qualificação para o ensino da capoeira, são mencionadas com grande ênfase as experiências da própria vida. Alguns relatos sobre a aprendizagem com mestre Zé Renato foram procedidas; as inúmeras rodas que foram aparecendo pela cidade também são citadas como espaços para a aquisição de conhecimentos. ²⁴Berimbau, atabaque e pandeiro foram aprendidos com grande esforço pessoal, já que, após a saída de José Renato do “Médici”, não havia a figura de um mestre que lhe ensinasse. João Baiano revela que livros e alguns discos também lhe ofereceram algum embasamento, conhecimentos adquiridos que lhe conferem o respaldo de já ter elaborado várias apostilas para membros da Associação Palmares.

A gente olhava, escutava... O toque din-din-tom/ din-din-tom, a gente brincava era muito... Só fazia dindin...Hoje só recebe corda se aprender a tocar tudo isso, tem que saber as oito sequência de Bimba, que é a pedra fundamental! Se não souber já não passa... Não tem um mestre em Fortaleza que já formou quatro mestres duma vez. Em 2009 foi uma maior festa, consegui levar 15 mestres daqui de Fortaleza pro Juazeiro do

²⁴ São Bento Grande, São Bento Pequeno, Angola, Cavalaria, Iúna são os toques de berimbau básicos mencionados por mestre João Baiano.

Norte, até Zé Renato tava lá. Em 2011 formei mais quatro...(FREITAS, 2012).

Para João Baiano, o tempo necessário para formação de um mestre de capoeira, é, em média, por volta de 20 a 25 anos de prática, motivo pelo qual muitos alunos desistem e passam a se dedicar a artes maciais que exijam menos tempo. O fato de já ter formado 16 mestres é razão de muito orgulho para João Baiano, pois, segundo ele, todos estes desempenham um bom trabalho e possuem o reconhecimento da sociedade da localidade onde atua. Muitos dos alunos que teve têm nível superior, havendo casos de alunos oriundos de comunidades de risco que hoje apresentam boa situação financeira e *status* social.

Ainda sobre o sistema de graduação, mestre João Baiano confirma a grande influência de mestre Esquisito na cidade de Fortaleza. A coloração do grupo Palmares ainda é a mesma implantada por Esquisito: azul, azul e branco, marrom, marrom e branco, verde, verde e branca, roxo, roxo e branco, e por último, a vermelha. As graduações do grupo Palmares eram feitas sempre na praça do Ferreira, com muita dificuldade na aquisição de camisas e cordas para o abadá. Esse grupo registra hoje várias ramificações no interior do Estado e também fora, como na cidade de Salgueiro, em Pernambuco, e Arco- Verde do Pará.

Sobre os projetos atuais, mestre João Baiano relata que entrou com um projeto na Prefeitura Municipal, cujo nome é “Capoeira na escola”. Em 2013, pretende retornar às atividades de professor de capoeira com as crianças do sistema público municipal de ensino de Fortaleza, relatando ter inúmeras cobranças para voltar a dar aula para esse público. Outra iniciativa é a tentativa de angariar o título de *Mestre da Cultura*, mais precisamente ²⁵*Tesouro Vivo da Cultura*.

Finalizando a história de vida de mestre João Baiano, foi mencionada com grande orgulho a oportunidade de aprendizado com a capoeira do CSU Presidente Médici. O orgulho em relação à educação dada aos filhos também é citado,

²⁵ Conforme a lei estadual de nº 13.842 (CEARÁ, 2006), foram instituídos o *Livro dos Mestres da Cultura Tradicional Popular* e o título de *Mestres da Cultura Tradicional Popular- Tesouro Vivo*. A proposta do programa de reconhecimento de importantes detentores de conhecimentos e técnicas do patrimônio cultural imaterial brasileiro foi discutida no capítulo 2 desse trabalho.

principalmente no que concerne à formação em Medicina de um dos filhos. A própria formação é representada por meio de um currículo e das lembranças do evento, o que o tornou oficialmente mestre de capoeira. O evento ocorreu no início dos anos de 1980 no Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal do Ceará; o mestrado contou com a participação de Zé Renato e de outros grandes capoeiristas da cidade de Fortaleza.

[...] Zé Renato juntou os mestres que tinha aqui, lá no DCE da UFC, preparou a academia todinha. Muita luz, muita vela, foi bonito, meu mestrado foi lindo, tive que jogar com uns dez mestres, dez jogos! A nossa capoeira antiga, tenho saudade dela, o pessoal era tudo simples, jogava capoeira com amor. Hoje tem lugar que você entra e já leva um murro, já leva um tapa! Eu sonho com um jogo sem violência, acabando com as drogas, com tudo, mas o negócio é os mestres se unir, como na época que o Zé Renato saiu e a gente continuou. Tem a federação que pode ajudar a gente. Hoje a Federação só tem 10 associados, é uma dificuldade. Se você juntar os mestres tudim, a primeira reunião vai, depois não vai ninguém. Ninguém confia que vai melhorar! [...] (FREITAS, 2012).

3.3 Mestre Jorge Negrão

Assim como os outros mestres de capoeira formados por mestre Zé Renato, Jorge Luiz Natalense de Souza, conhecido por Jorge Negrão, tem relevância fundamental na propagação do ensino da capoeira cearense. É um mestre de personalidade forte, cheio de poesia, exímio tocador de berimbau e possuidor de uma voz estonteante e carismática. Estabelecer contato com mestre Jorge Negrão foi uma das tarefas mais difíceis da pesquisa de campo deste trabalho. A expectativa em conhecer esse mestre teve início desde as primeiras conversas com mestre Zé Renato, na praça Major Wilson, do Bairro Carlito Pamplona em Fortaleza, onde foi mencionado o episódio de inserção de Jorge Luiz na capoeira. Na época, mestre Jorge Negrão praticava natação no CSU Presidente Médici e, ao ser visto por Zé Renato, foi identificado como um capoeirista em potencial e de fundamental importância para o grupo que estava sendo formado, composto, até então, por integrantes de pele clara e parda.

Após as entrevistas com mestre Zé Renato, foi realizado um estudo inicial sobre as histórias de vida de João Baiano e Zé Ivan. Em alguns momentos, é mencionado por ambos os capoeiristas o modo de ser exótico da personalidade de Jorge Negrão. Após a fase das impressões iniciais, foi possível entrar em contato com Jorge Luiz Natalense por telefone. Houve um longo diálogo, em que foi revelado o interesse acadêmico em pesquisá-lo, fato que aparentemente não lhe despertou nenhum desejo de participação. O período em que ocorreu esse contato foi em dezembro de 2012, mês em que Jorge Negrão estava iniciando o gozo de uma licença-prêmio concedida pela Prefeitura Municipal de Fortaleza. Foi pré-determinada uma possibilidade de encontro após o término do período dessa licença-prêmio, que ocorreria por volta do final do mês de fevereiro de 2013. O espaço de tempo gerado foi utilizado então para melhor elucidação dos questionamentos acerca do início do ensino-aprendizagem da capoeira em terras cearenses.

No mês de janeiro, foi realizada entrevista com Maristela Ataíde Holanda, folclorista citada nos discursos de mestre Zé Ivan e João Baiano, assim como houve entrevista concedida por mestre Paulão Ceará, fundador do Grupo Capoeira Brasil, em que também foi citada a importância de Jorge Negrão no ensino do CTCAF. Já informamos que, além da constatação da grande movimentação de capoeiristas no CSU Presidente Médici e no CTCAF, no momento em que Paulão iniciou a capoeira, foi sugerido pelo fundador do Grupo Capoeira Brasil a importância da averiguação de uma dúvida persistente que ocorre entre os capoeiristas mais antigos da orla de Fortaleza: quem ensinou capoeira para a “galera” da praia? Haveria uma história ainda não revelada sobre o início da prática da capoeira no Estado do Ceará?

Novos dados foram coletados por meio dos depoimentos de Luciano Negão, Carlos Augusto, Haroldo e Fábio, informações que estão expostas no capítulo 2 deste trabalho. Ocorreu que Haroldo e Fábio, apesar de reconhecerem a casa de Luciano Negão como um local de treinamento em meados da década de 1970, ambos tiveram o ²⁶CTCAF como o local mais antigo de ensino da capoeira em Fortaleza, e mestre Jorge Negrão como o mestre mais antigo, já que ambos nunca chegaram a conhecer mestre Zé Renato.

²⁶ Na história de vida de mestre Zé Ivan, foi explanado um pouco da história do CTCAF, na cidade de Fortaleza.

O primeiro dia que vi capoeira foi no CTCAF com uns 12 ou 13 anos, mas eu já fazia karatê. Nasci em 4 de março de 1960. Iniciei com mestre Jorge Negrão. Eu via capoeira na TV, toda vida tive vontade de jogar capoeira. A capoeira faz você voltar à raiz. Ela é uma luta, é educação [...] Fiz umas aulas com José Ivan, foram eles que me formaram mestre. Minha educação não foi a escola quem me deu não! Quem me deu foi a capoeira e eu agradeço a Deus [...] Primeiro dia que fui na casa do Luciano foi em 80, estudava lá perto no Djacir Menezes [...] (SOUSA, 2013).

Eu ouvia o pessoal falando em capoeira, não sabia o que era [...] Fui na casa do Pelado, que já fazia capoeira, a gente marcou um dia de sábado. Na época tinha uns 17 anos, quem dava aula lá era o Jorge Negão. Acho que ele tinha saído do quartel militar, se não me engano foi em 1977. Ele dava aula de capoeira pra gente, na época acho que nenhum de nós tinha essa visão de mestre de capoeira. A gente chamava de professor! [...] Então o foco de capoeira para aprender era o CTCAF. Não tinha academia em outro canto e ninguém ouvia falar nela que nem hoje [...] Aquele lugar era muito legal, tinha aula de balé no palco, tinha o karatê e a capoeira, a mensalidade era super barata, dava pra gente pagar [...] De lá a gente ia às vezes pro Centro Comunitário do Presidente Médici, era uma turma que tinha lá, era o Everaldo Ema e uma turma. (FÁBIO, 2013).

Depreendemos, dos discursos analisados até o momento, a importância de mestre Jorge Negrão na propagação do ensino da capoeira em Fortaleza, bem como o reconhecimento da capacidade educativa da atuação profissional de Jorge Negão como professor. Por motivos ainda não bem elucidados, Jorge Negão deixou de dar aulas no CTCAF, na medida em que um novo estilo de capoeira começou a ser popularizado na cidade. Após a catalogação desses dados, retomamos a saga da aproximação com este mestre, pois já era chegada a hora de estabelecer um novo contato, conforme o combinado em dezembro de 2012. Inúmeras dúvidas surgem com relação à trajetória de vida desse ilustre mestre, principalmente relacionadas aos momentos posteriores das aulas do CTCAF, assim como os motivos que o levaram a tomar essa decisão. Após um novo contato realizado em fevereiro, por via telefônica, tivemos a oportunidade de aproximação com mestre Jorge Negrão.

O encontro aconteceu em uma residência situada na Rua Crateús, do bairro Parquelândia, em Fortaleza. Jorge Negrão iria dar uma aula em homenagem às mulheres e à lua cheia que se desenharia ao anoitecer. Ao receber esse convite, tivemos a grande alegria não apenas de poder levantar um maior número de informações relacionadas à história de vida desse mestre, mas também pela oportunidade de fazer uma aula de

capoeira com um dos mestres mais antigos de nossa terra natal. A casa onde ia ser dada a aula era frequentada por alguns integrantes da Associação Terreiro Capoeira. O local específico de treinamento era um espaço construído na região posterior do terreno. Havia nesse espaço muitos instrumentos, cabaças, livros e um som. Os participantes desse encontro eram uma maioria de mulheres como mostra a figura 24. No decorrer da aula, que durou em torno de duas horas, observamos que muitos momentos da história de vida desse mestre, da história da capoeira no “Presidente Médici”, a gratidão ao mestre Zé Renato e a concepção filosófica do estilo de ver, sentir e crer na capoeira estavam sendo transmitidas em forma de canto. Desse modo, Jorge Negão parece ser um grande remanescente de um estilo angoleiro da capoeira jogada em Fortaleza no início da década de 1970.



Figura 24- Mestre Jorge Negão e participantes da aula em homenagem às mulheres e à lua cheia na rua Crateús em Fortaleza. Fonte: Karine Amaro.

Das experiências que já tivemos em rodas de capoeira, essa foi sem dúvida uma noite de grande aprendizado. O diferencial encontrado em Jorge Negão tem relação com o fato de ser um mestre por demais reservado, sem pretensões econômicas com o ensino da capoeira, e adverso a qualquer tipo de aparição pública em grandes eventos da cidade. A aula dada nessa noite, ministrada com tanta devoção e sentimentalismo, foi na verdade uma visita inusitada à casa de um bom amigo da Associação Terreiro de Capoeira. Uma frase marcante e repetida várias vezes por mestre Jorge Negão era “O

que é tirado da capoeira tem que ser devolvido a ela!”. Cada vez que nos lembramos dessa frase, percebemos quão grande se tornou a nossa missão em pesquisar as histórias de vida de seres dessa terra que dedicaram boa parte da inspiração das próprias vidas à arte da capoeira. As dificuldades passadas e o amor dos alunos de Zé Renato pela prática da capoeira muito faz lembrar os grandes capoeiristas consagrados nacionalmente.

O fato de Jorge Negão possuir vínculo empregatício fixo pela Prefeitura, além das próprias convicções filosóficas, parece ter sido um fator preponderante para que esse mestre não tenha tido grandes aspirações à emergência social e econômica mediada pela capoeira. Terminada a aula, houve uma oportunidade de conversa relacionada à história da capoeira no Ceará e à própria história de vida, em uma churrasceria perto da casa onde foi ministrada a aula. O uso do gravador não foi tolerado por esse mestre, fato que pareceu, *à priori*, ser um indício de desconfiança relacionada a nossa pessoa, porém entendemos que é próprio da personalidade do capoeirista o constante medo de ser trapaceado, pois, considerando a vida como uma grande roda de capoeira, é possível que a qualquer momento lhe seja empregada uma forte rasteira. No caso da entrevista gravada, era claro o receio de que houvesse o uso inadequado das informações acerca da própria vida e, além disso, da história da capoeira cearense. Após longos minutos de uma conversa bem humorada, é relatado por ele, com um semblante momentâneo de grande seriedade, que houve muito conflito, discussão e até morte.

Dito isso, entendemos o motivo de tanto receio e optamos por dirigir o assunto da conversa sobre a importância desta pesquisa que estava sendo feita com o intuito de registrar, conhecer e divulgar o início do ensino da capoeira no Ceará. Pareceu-nos nesse momento que havia bons motivos para que esse assunto permanecesse na memória coletiva dos capoeiristas mais antigos. Após conversarmos com dois ex-alunos de Jorge Negão- Haroldo e Fábio- deparamos aspectos de uma nova influência que passou a ser inserida no jogo da capoeira na década de 1980. Um jogo mais duro e de contato físico parece separar um pouco adeptos de uma capoeira com características mais angoleiras com os de um estilo da capoeira regional ou desportista.

Dentre as instituições a que Jorge Negão esteve vinculado, houve, em 1975, a fundação da Associação Negro Livre de Capoeira, no período em que Jorge Negão lecionava no CTCFAF; a Presidência da Associação Cearense de Capoeira em 1987; a

fundação da Federação Cearense de Capoeira, em 25 de maio de 2000, e, nesse mesmo ano, a posição de Membro do Conselho Superior de Mestres da Confederação Brasileira de Capoeira.

3.4 Mestre Everaldo Ema

Everaldo Monteiro de Assis nasceu em 1959, na cidade paraibana de Campina Grande. Por ser o filho primogênito, dentre os dez filhos que George Bezerra de Assis e Geralda Monteiro de Assis trouxe à luz, foi-lhe incentivado o exercício de uma arte marcial desde criança. A luta escolhida por Everaldo e um dos irmãos, George Monteiro, foi o judô, que, por um longo período, foi praticada no Serviço Social do Comércio- SESC. Por volta de 1974, o professor de judô que ministrava aulas para os filhos de George Bezerra de Assis decidiu realizar um treinamento no Centro Social Urbano Presidente Médici, com objetivo desportivo e em virtude dos recorrentes campeonatos da cidade. Ao chegar ao Centro Social, Everaldo, George e um companheiro de treinamento denominado Márcio depararam-se com um cartaz feito à mão em um folha de cartolina “Aprenda capoeira e maculelê”.

Naquela época estava tendo muito campeonato de judô, tinha muita motivação para o esporte, pra cultura e nós fomos treinar uma vez, fazer um treinamento com esse professor no CSU do Presidente Médici [...] A época era de governo militar. O governo criou o CSU com muita força no esporte e na cultura para que os adolescentes não viessem a pensar como um movimento de esquerda. Para não dizer que era uma geração alienada, vamos dar esporte, educação, música, teatro, tudo! Nessa época havia um investimento grande do governo em cima disso. (ASSIS, 2013).

Do treinamento de judô surgiram novos amigos, entre eles Demóstenes e os irmãos João Baiano, Isaac e Salomão, que também praticavam a luta. Segundo Assis (2013), Demóstenes foi o primeiro aluno de José Renato, desde os tempos do Colégio Oliveira Paiva. A entrevista realizada com mestre Everaldo Ema ocorreu em 14 de junho de 2013, num restaurante situado defronte à orla marítima de Fortaleza, e com a presença de mestre Zé Renato, que se posicionou em poucos momentos durante a entrevista. O fato de possuir obrigações do cargo público de policial federal em outro Estado brasileiro causou grande receio de não ser possível a coleta de dados

presencialmente. A visita à família nesse período e o interesse em contribuir com esta dissertação foram fatores determinantes para participação de um dos quatro mestres que Zé Renato formou e que, por sua vez, também formara capoeiristas de grande respaldo na cidade de Fortaleza, tais como mestre Lula, Wladimir e Espirro Mirim, este último formado de fato por mestre Suassuna em São Paulo, porém tanto a inserção como os anos iniciais de capoeira ocorreram com mestre Everaldo Ema.

A participação de mestre Everaldo neste trabalho representa uma condição análoga a uma peça final de um quebra-cabeças, uma história de vida cujas reminiscências retratam com propriedade o entrecruzamento do lazer, aprendizagem e protagonismo nos ensinamentos da capoeira em Fortaleza. Os dados coletados ajudaram a esclarecer a proporção da contribuição dos quatro seres selecionados para participar da pesquisa, além de preencher interstícios dessa história deixados por aqueles que já haviam sido entrevistados.

3.4.1 A inserção de Everaldo na capoeira

Após o episódio mencionado do encontro com o cartaz na entrada do CSU Presidente Médici, os judocas João Baiano, Isaac, Salomão, Everaldo, George e Márcio fizeram uma aula experimental com Zé Renato. Durante curto período, Everaldo Monteiro de Assis, cujas iniciais lhe conferiram o codinome Ema, conciliou os treinamentos do judô e da capoeira, até que a identificação com a prática da capoeira foi determinante para o abandono dos treinos de judô. De acordo com Assis (2013), esse fato produziu certo receio do pai, que, apesar de ter respeitado a vontade do filho, teria achado inconveniente largar essa arte marcial na faixa roxa. Outra afirmação contundente é a de que nem o jogo da capoeira, nem maculelê existiam em Fortaleza e que a prática do maculelê se mostrava ainda mais misteriosa, já que a capoeira tinha sido mostrada pela mídia em algum momento.

Vimos esse cartaz, foi em março para abril de 74[...]. Nós tínhamos todo apoio para praticar capoeira. Então a capoeira foi inserida pelo mestre Zé Renato na época, e logo ela tomou um impulso grande e a adesão foi grande também dos jovens daquela região, da Vila Militar, Jardim União. Veio muita gente praticar, mas o grupo principal era esse, era o mais adiantado e que fazia apresentações [...] Em 74 já tinha apresentação, por que a função do Centro Social era mostrar o trabalho à população. (ASSIS, 2013).

A parceria entre a capoeira e o grupo folclórico do CSU, assim como no discurso dos mestres entrevistados anteriormente, também se mostrou relevante. De acordo com Assis (2013) em 1974, o grupo de capoeira do referido CSU já era solicitado pela professora de folclore Socorro Pinto, para exibições em diversas ocasiões. Posteriormente Maristela Ataíde de Holanda assumiu o grupo folclórico e a parceria com os jovens capoeiristas que se apresentavam quase que semanalmente nos bairros de Fortaleza. Zé Renato permaneceu na liderança do grupo por pouco mais do que dois anos, momento em que viajou para assumir um cargo em Brasília. A contribuição de assistentes sociais e sociólogos, mais precisamente do sociólogo Bernardo Portela, foi fundamental para organização de várias atividades que envolviam o grupo de capoeira.

Antes de sair pra dar aula por aí a gente acampava no feriadão e nas férias, juntava a mochila, acampava e ia pro alto da Serra de Maranguape pra procurar pau de berimbau e de maculelê. Todo mundo de mochila, de barraca, era um grupo!(VASCONCELOS, 2013).

O grupo recreativo, já mencionado por João Baiano, o GRER, era composto por capoeiristas que se reuniam para acampar, tocar berimbau, jogar capoeira e maculelê. Um discurso recorrente entre os integrantes desse antigo grupo era o de que nesses momentos de lazer não havia bebidas alcoólicas, nem qualquer espécie de drogas. O que movia essa interação eram a aventura da viagem e o prazer da descoberta da capoeira, um momento de experiências práticas e em contato com a natureza, no jogo, na musicalidade, na luta e na aquisição e confecção de materiais. Nesse grupo, formou-se uma forte corrente de amizade, uma espontânea relação entre lazer e aprendizagem de grande significado para vida de todos adolescentes que dele participaram.

De acordo com Assis (2013), o tempo que Zé Renato teve com o grupo foi de grande relevância para o ensinamento dos conteúdos próprios dessa atividade, já que iniciou aí o aspecto filosófico, lúdico e musical com o aprendizado do toque do berimbau, do pandeiro, do tambor e do maculelê. Uma das peculiaridades desse grupo de capoeira e do GRER era a prática do, até então desconhecido, maculelê. A primazia da prática do maculelê ainda não foi questionada, porém é ressaltada com grande entusiasmo por mestre Everaldo Ema, que escutou atenciosamente, no momento da entrevista, a explicação de Zé Renato sobre a forma e o local onde aprendeu e recriou essa prática.

Em minhas andanças [...] Na Bahia e no Rio [...] Tem uma luta chamada a luta dos cacetes. Eu sabia desde criança a luta dos cacetes! Aí misturei uma coisa com outra. A luta dos cacetes era matuto, coisa do Ceará mesmo. Você vê no Rio Grande do Norte, na Paraíba, no Ceará e no Piauí. Os lugares que tinha, desapareceu, não sei porquê! Nós, eles aí quando menino, que a gente ia pro sítio dum amigo meu que lutava cacete. Aí nós lutava com ele, tudo tinha um motivo. Tudo que criei ou recriei, tudo eles que foram meus parceiros. Era uma escola, nossa capoeira era uma escola! (VASCONCELOS, 2013).

O potencial criativo de Zé Renato é evidenciado por mais uma vez nesse depoimento, assim com o espírito cooperativo do ressurgimento de uma manifestação cultural. Conforme já discutimos no segundo capítulo deste trabalho, admitimos mestre Zé Renato como pioneiro na formação de mestres no Estado, já que existem vestígios de capoeiristas mais antigos, como os estudantes de Medicina da Bahia. Somente grandes líderes e mestres possuem a capacidade de causar profunda identificação e sentimento de pertença em outros seres de determinada comunidade. Mesmo com a partida de Zé Renato é possível perceber que a vontade de aprender e a união entre os membros do grupo foram bem solidificadas e serviram como motores para a constante experimentação e continuidade da prática.

Certa feita fizemos a Noite do Rock! A gente promovia uma noite de rock no Centro Social pra arrecadar dinheiro pra gente viajar. Fomos pra Recife de trem jogar a capoeira lá! Fomos fazer capoeira na Paraíba e também fomos de trem pra lá! Isso mais ou menos em 77, 78. Esse grupo começou a chamar atenção do folclore, balé, música, dança, teatro. O professor Moraes colocou Bernardo Portela que era sociólogo para acompanhar o grupo. Aí Bernardo veio acompanhar a gente, ele acampava com a gente! Parece que ele foi intimado na Polícia Federal na época porque nós fizemos uma noite de rock e o cartaz tinha *É proibido fumar!* A polícia federal entrou lá. Teve que dar explicação! Naquela época era governo militar e a polícia era regida por militares. O Bernardo acompanhou muito o grupo, até essa fase de fazer uma proliferação maior da capoeira a gente contou com ele. (ASSIS, 2013).

A participação do sociólogo Bernardo Portela na implantação da capoeira em Fortaleza foi de grande relevância na valorização do professor, conforme veremos em seguida. Por enquanto, ressaltamos os aspectos educacionais das experiências dos jovens capoeiristas do CSU Presidente Médici, o que lhes garantiu os conhecimentos básicos para formação como mestre de capoeira. Paralelamente a isso, esses jovens

continuavam os estudos regulares e formais. A forma de Zé Renato ministrar aula de capoeira serviu de modelo a esses alunos e ainda é lembrada por Everaldo Ema quando são descritos a “conversaterapia” depois dos treinos e a profunda sensação de relaxamento. Interessante é nos deparar com um aspecto metodológico comum entre professores de Educação Física na elaboração de aulas práticas, em sequência à parte principal da aula finalizar com o que se chama de *Volta à calma e Relaxamento*. Durante o período em que estive no CSU Presidente Médici são comuns relatos de dedicação e aulas bem elaboradas por mestre Zé Renato, de forma que as experiências de pouco mais do que dois anos de docência fossem o suficiente para recepção, internalização e proliferação da capoeira pelos próprios alunos.

[...] então foi assim que a gente recebeu a capoeira e nós fizemos isso e uma coisa a mais porque a vida foi nos ensinando, os contatos, nós aprendemos com as pessoas. Tudo foi somando, somando, somando. Esse lance foi bem legal!(ASSIS, 2013).

3.4.2 Novos professores de capoeira em **Fortaleza**

Nós ficamos à deriva, um monte de guri que já treinava um tempo e nós não tínhamos mais um espelho, então a gente treinava direto [...] O folclore nos garantia apresentações toda semana nos bairros aqui, isso foi mostrando a capoeira em toda Fortaleza e trazendo pessoas interessadas pra fazer a capoeira, gente da região da praia. O João já rapaizinho foi trabalhar na Tamancolândia, trouxe Carlinhos Palhano pra treinar, um grande capoeirista! Tudo já com 17 anos, começamos a difundir, espalhar, dar aula de capoeira. Então, partiu o Zé Ivan para dar aula aqui, ele foi um dos últimos a chegar, ele e Zé Carlos Uchoa, que é um gaúcho que é militar. Zé Ivan foi o primeiro a dar essa iniciativa de dar aula, ele morava pela Varjota e veio dar aula na escolinha do Náutico. (ASSIS, 2013).

É interessante ressaltar o fato de que, mais uma vez, a escolinha do Náutico e o CTCAF foram citados como os primeiros locais de ensino da capoeira dos alunos de José Renato, enquanto o CSU continuava sendo o ponto de encontro dos capoeiristas mais antigos, os quais chamaremos de graduados. Muitos dos capoeiristas formados pelos alunos de Zé Renato ainda hoje não tiveram a oportunidade de conhecê-lo, apesar de muito já ter ouvido falar sobre esse misterioso mestre. De acordo com Assis (2013), Zé Ivan no Náutico, com um público infante juvenil, e Jorge Negão no CTCAF, com um público composto por adolescentes, contavam com o apoio dos companheiros

graduados do CSU por meio de várias visitas. Componentes do público do CTCAF se tornaram capoeiristas lendários da orla marítima de Fortaleza. Exemplificando, podemos citar Fábio, Haroldo, Pelado do Samba e finado Macaúba; esse último chegou ao CTCAF com os conhecimentos prévios das artimanhas da capoeira.

Os níveis de técnica e determinação testemunhado revelam o potencial pedagógico e motivacional dos ensinamentos de Jorge Negão. Além das habilidades múltiplas de um bom capoeirista, vários alunos não apenas de Jorge Negão, como também de Zé Ivan e João Baiano, dedicaram parte das próprias vidas à capoeira, fato que influenciou até mesmo a escolha profissional, tornando-se músicos ou mesmo mestres dessa arte. Posteriormente ao CSU, CTCAF e Escolinha do Náutico, uma nova oportunidade surgiu no Colégio Jenny Gomes. Os irmãos Isaac e João Baiano, filhos de um militar da Aeronáutica, estudavam nesse colégio que, na época, era agregado à Aeronáutica e também conseguiram um espaço para ministrar a capoeira.

Eu e o Isaac fomos ministrar aula lá no Geny Gomes. O João continuava lá no treino. Zé Ivan na praia. João no CTCAF. Mas a gente se reunia lá no Médici pra treinar também, três vezes por semana. [...] O Carlinhos Palhano sabendo que o João fazia capoeira se interessou e passou a ir treinar lá com a gente. O mesmo por sua feita, nos treinos por aqui de rua, trouxe o Paulão e o Canário. Como Zé Renato tinha ido embora, coisa de um ano depois lá no Médici quem tocava os treinos era um dia eu, outro dia Jorge Negão e no outro era o Isaac. Nós três tocávamos os treinos para os colegas antigos e para os iniciantes. Esse pessoal que treinava lá com Jorge Negão sempre ia lá pra treinar. Depois Carlim trouxe esse pessoal da praia, que também ficaram indo lá treinar. Ninguém ensinava ninguém, apenas a gente se juntava pra treinar [...] (ASSIS, 2013).


3.4.3 Um professor de capoeira com carteira assinada



Conforme vimos na página 82 desta dissertação, um colega que morava na mesma rua de Everaldo Ema, conhecido como mestre Lula, propiciou uma apresentação de capoeira no Colégio Júlia Jorge, em 1977. Após esse episódio, começou o ensino da capoeira em mais uma escola de Fortaleza, momento relevante da história, já que por

mais uma vez na década de 1970 é confiado a um jovem capoeirista o papel de professor (figura 25).

A minha carteira foi assinada, eu tenho a carteira assinada como professor de capoeira do Júlia Jorge. Primeiro dei aula avulso, era pago por aula, então eles me chamaram pra assinar a carteira como professor de capoeira e me deram uma bolsa de estudo para terminar o segundo grau lá. [...] Aconteceu que começamos a espaçar mais de vir ao Médici, era muito distante e tal, cada qual com seu espaço [...] (ASSIS, 2013).

REGISTRO DE EMPREGADOS N.º 2.613

	INSTITUCIONAL DE ESCOLAS DA COMUNIDADE C.G.C. 33.621.384/0004 R. ONÍO BANDEIRA, 50 - JACARECANGA Localidade FORTALEZA Estado CEARÁ	
	Nome do Empregado: EVERALDO MONTEIRO DE ASSIS	
ILLIAÇÃO Pai: George Bezerra de Assis Mãe: Geralda Monteiro de Assis		POLÍCIA DIRETA (Análise)
ANTERAS Trab. Prev. Social N.º 44.086 Série 00002-C6 Tit. Eleitoral N.º 126.379 Zona 82A Reservista N.º _____ Saúde N.º _____		
Data da Admissão 01 / 04 / 1979 Data do Registro 02 / 04 / 1979 Data Nascimento 15 / 07 / 1959 Lugar do Nascimento Campo Grande-Paraíba Estado Civil Solteiro Instrução 2º Grau Residência Rua Gilberto Câmara N.º 884 Bairro Monte Castelo Filiado ao Sindicato dos Professores do Ceará Carteira N.º _____		
QUANDO ESTRANGEIRO Carteira _____ Casado com Brasileira? _____ Tem Filhos Brasileiros? _____ Data que Chegou _____ E Naturalizado? _____		
Admitido na função de PROFESSOR- Aulas de Capoeira Salário Cr\$ 51,91 p/aula c/ 03 aulas Forma de Pagamento Mensal Horário de Trabalho: das _____ p/ semana _____ horas Com Intervalo de _____ horas para refeição. Descanso _____		
Beneficiários: _____		PIS Cadastrado em 20 / 12 / 1979 Sob N.º 10884955793 Banco Caixa Econômica Agência Fortaleza - Ceará Cód. Ag. 104/0031 End. Banco R. Guilherme Rocha, 45 CPF 163186503/00-9 Ident. 1.126.342-SFSP-Ce.
FÉTS Data da Opção _____ Data da retratação _____ Conta no Banco _____		
Data da saída 31 / 12 / 1979 C. Educ. Júlia Jorge Assinado por: <i>Everaldo Monteiro de Assis</i> Ass. do Empregado		

ATENTIFICAÇÃO - A presente cópia fotostática confere com o original exibido nesta Notar. Dou fé Fortaleza, 06/08/2012 Em testemunho da verdade
 Maria Jacilene da Silva - Escrevente Autorizada
 Vanessa Pipentel Landim - Escrevente Autorizada
 Válida somente com selo de autenticidade

FIGURA 25- Documento comprobatório referente à contratação de Everaldo Ema como professor de capoeira em 1979, no Colégio Júlia Jorge. Fonte: Arquivo pessoal de Everaldo Ema.

Outro fato relevante foi a promoção de Bernardo Portela a uma coordenação da FSF, que geria os CSUs, e já mencionado no discurso de Zé Ivan. Atendendo a demanda de muitos jovens, uma das ações desse sociólogo foi a implantação da capoeira nos centros sociais. No CSU César Cals, a capoeira passou a ser ministrada por Jorge Ceará, que era funcionário da FSF e conhecido dos capoeiristas mais antigos por ter feito alguns treinos no CSU Presidente Médici. Com pouco tempo depois, Jorge

Ceará pediu licença da função e partiu para Brasília, momento em que Everaldo Ema conversou com a diretora e pediu para assumir a capoeira nesse Centro. De acordo com Assis (2013), não havia possibilidade de contratá-lo profissionalmente, no entanto o espaço foi cedido e, por mais de um ano, ministrou a capoeira sem receber salário. A influência de Bernardo Portela foi determinante para o contrato dos primeiros professores de capoeira do Estado. Ocorreu que mestre Everaldo foi finalmente contratado para o CSU César Cals no Henrique Jorge; Demóstenes implantou a capoeira no CSU Aduino Bezerra do José Walter; Zé Ivan foi contratado para o CSU do Conjunto Ceará e do Conjunto Palmeira; João Baiano permaneceu no “Médici”; e Jorge Negão não assumiu nenhum centro, pois já era funcionário da Prefeitura, desempenhando a função de mecanógrafo, entretanto ele sempre se fazia presente dos centros.

[...] Comecei a fazer faculdade de Educação Física na UNIFOR. Em 83, nessa mesma época, implantei a capoeira no CSU Virgílio Távora no Pirambu, depois passei pro Lula que é meu aluno. O Esquisito chegou aqui como funcionário da Serpro em 79, dar aula mesmo foi só em 80 no DCE da UFC. Tem alunos dele renomados, como Moreno e Bulldog, um grande campeão em lutas! Um aluno massa dele. Com essa distribuição de pólos houve uma massificação da capoeira aqui em Fortaleza. Começou o pessoal do Rio, São Paulo, Piauí chegar a vir pra cá. Aí tem uma multidão fazendo capoeira em Fortaleza, éramos nós! Tocamos o rebuço na cidade!(ASSIS, 2013).

Por volta de 1983, o grande Pirambu é agraciado com aulas de capoeira no Centro Social Urbano Virgílio Távora. Quanto à formação profissional desse mestre, ela parece cada vez mais solidificar-se em um discurso que perpassa método, postura e educação. Isso ocorre em consequência do seu ingresso na faculdade de Educação Física.

3.4.5 O início do sistema de graduação de capoeiristas em Fortaleza

A década de 1980 inicia-se com a capoeira amplamente divulgada e sem um sistema de graduação, fato mudado com a chegada de mestre Esquisito a Fortaleza. A influência de Esquisito na capoeira de Fortaleza não se restringe apenas à implantação

da graduação, pois o estilo regional de jogar capoeira mais em pé e com golpes rodados parece ter exercido influência no estilo de jogo predominante em Fortaleza, que era de essência mais angoleira no sentido de muitos golpes e defesas partirem de uma postura de cócoras e utilizando-se bastante as mãos. Para entender a forma como Esquisito chegou aos mestres mais antigos da cidade, é preciso lembrar que, por meio de Carlím Palhano, Mestre Paulão Ceará e o primo Canário, capoeiristas conhecidíssimos em Fortaleza, estabelecem contato com os quatro mestres formados por Zé Renato.

Conforme Assis (2013), aos sábados, os primos sempre frequentavam tanto a capoeira do Júlia Jorge como a do CSU do Henrique Jorge. *Canário e Paulão sempre iam no sábado... Lá no Júlia Jorge, no sábado era um pega, o pau quebrava! Era eu, Paulo Neto, Canário, Isaac, Jorge Negão. Era uma coisa legal pra gente entendeu?* As rodas da orla marítima de Fortaleza também eram marcadas pela presença de Paulão e Canário, até que, em determinado dia, o capoeirista conhecido por Esquisito veio morar em Fortaleza e criou laços de amizade com capoeiristas cearenses, em especial Paulão e Canário. Ao verificar o grande número de capoeiristas na cidade e a inexistência de um sistema de graduação, tomam-se algumas iniciativas.

Houve uma convocação para discutir isso com os grandes nomes da capoeira da cidade. Sabe-se que Everaldo Ema, Paulão Ceará, Canário, Dingo, Zé Ivan, Gurgel, Jorge Negão e João Baiano participaram dessas reuniões. Uma carta foi escrita, por Everaldo Ema, ao mestre Zé Renato, pedindo orientação sobre esse assunto. O posicionamento de Zé Renato foi a favor do sistema de graduação, pois ele mesmo já tinha ciência da evolução e da proliferação da capoeira nesse território.

[...] Tinha uma multidão de alunos e uma hora eles iam cobrar. O karatê é organizado, o judô é organizado, nós tínhamos que ser organizados também! Aí vamos estudar a graduação, qual que era... Passamos a aderir o sistema de graduação usada pelo Esquisito, que tem como patrono mestre Tabosa de Brasília, que por sua vez é do Grupo Senzala. Mestre Tabosa teve um tempo aqui, é um cara muito cabeça, uma pessoa maravilhosa, fez a diferença, ele dava palestra sobre graduação [...]. Quando eu fazia exame de graduação lá no César Cals, convidava João Baiano, Jorge Negão ia lá, Zé Ivan, Paulão ia, eles examinavam meus alunos. Era uma tensão nervosa da gurizada, aí eu dizia cada dupla vai analisar um grupo de alunos. Cheguei a ver, lá no sábado, 500 alunos! Ficava gente fora, aí dava aula de 8 da manhã até 1 da tarde, para poder dar pra todo mundo. Era uma multidão. Quando tinha exame aí eu dizia dia tal vai ter exame de corda tal... Aí botava Jorge Negão para uma turma, João

Baiano, Paulão para outra. Sempre para analisar o pessoal. Isso foi muito benéfico porque tínhamos uma capoeira crescendo no mesmo nível. Era por amizade né, vamos avaliar... (ASSIS, 2013).

Aderindo ao sistema de graduação, os exames ocorriam de forma integrada com o objetivo de se manter bom nível e maior cobrança. Na primeira fase, os professores avaliavam. Sendo aprovados, iam para a segunda fase na qual jogavam entre eles, estabelecendo um parâmetro. Havendo diferença de nível e reprovação, os alunos eram convidados a tentar a corda em outro momento. O sistema de graduação em Fortaleza inicia-se de forma rigorosíssima, havendo uma espécie de colegiado entre os maiores nomes das rodas de capoeira na cidade e destinado a avaliar determinado grupo de adeptos à prática nos mais diversos níveis. O sistema de graduação e a consequente formação de mestres na atualidade em muitos grupos são motivo de crítica, sendo a falta de critérios o maior problema que envolve essa temática.



Figura 26- Capoeiristas, utilizando-se de faixas de graduação, e um grande público no Centro Social Urbano César Cals, no início da década de 1980. Fonte: Arquivo pessoal de Josenir Almeida.

3.4.6 Os troféus de mestre Everaldo Ema e o Grupo Favela de Capoeira

[...] Foi muito legal pra todo canto que a capoeira ia, a gente ia, pra todo canto que você pensar. Conjunto Palmeira, Conjunto Ceará, a gente fazia apresentação de manhã, de tarde e de noite

e a capoeira foi massificando. Disso aí surgiram os troféus, alunos como o Lula, o Wladimir e o Mirim. (Assis, 2013)

Exibir um ex-aluno como troféu é no mínimo uma atitude de exímia grandeza para qualquer educador. O fato de haver permanecido a educação da periferia e ter um discurso pautado em exemplos de jovens que conseguiram se afastar das drogas é uma das formas como a capoeira é exibida para a sociedade. Atualmente, Assis (2013) cita especialmente Pedrinho, Ulisses e Lula como exemplos de mestres que fazem um trabalho voltado para a periferia, no entanto, sabemos de outros grupos de capoeira na cidade de Fortaleza que também assumem filosofia semelhante.

Lula e Wladimir foram dos primeiros alunos de mestre Everaldo. O primeiro é o mestre que se faz presente na liderança do grupo Zumbi de capoeira e o segundo ministra capoeira em Amsterdã, Holanda, e também é fotógrafo profissional e músico. Espirito Mirim, fundador do Grupo Cordão de Ouro em Fortaleza, é um capoeirista formado em São Paulo por mestre Suassuna e também teve os primeiros ensinamentos com mestre Everaldo Ema; um exemplo de quem emergiu socialmente por meio da capoeira, pois este capoeirista de alto nível chegara ao Júlia Jorge ainda na infância, tendo como fonte de renda a ocupação de tomar conta de carros na rua.

A capoeira sempre usa um apelido para dar aquele chama e aquele escracho, então ficou Mirim. Quando ele foi pra São Paulo que ele me ligou e *Olha tô em São Paulo mestre Suassuna me abraçou aqui, quer me graduar! Eu disse: Pode graduar com ele, o importante é a capoeira!* Ele também não quis perder e botou Espirito Mirim. Mas o Mirim foi daqui, denominado menino de rua. Daí veio o Ulisses, Wladimir, Jean todo esse pessoal colocou grupo de capoeira e aumentou a consideração. Zé Ivan tem um aluno, o Pedrinho, que dar aula no Conjunto Ceará esse cara. É do grupo Muzenza, é um excelente professor, o Conjunto Ceará tudo é dele! O Pedrinho é um aluno dum nível maravilhoso, o nível dos mestres formados por nós, pelo menos esses primeiros, era tudo do mesmo nível. Nós tínhamos o Paulão que batia pra caralho, Canário e Soldado que foi aluno meu e já faleceu, quando foi aluno meu ele tava pra entrar no exército!(ASSIS, 2013)

Em última entrevista, antes do falecimento, concedida ao professor Gerardo Vasconcelos, mestre Soldado narra o momento em que viu a capoeira pela primeira vez. Conforme Everardo Carlos Pereira (2009), mestre Soldado, o encontro ocorreu aos 14

anos de idade, época em que até ele mesmo revela ter sentido relativo preconceito em relação a essa prática. A ida ao Colégio Júlia Jorge e à capoeira liderada por mestre Everaldo Ema ocorreu por intermédio de um amigo, no ano de 1978. Ao chegar a esse local, deparou toda a musicalidade, movimentação, plasticidade de movimento e expressão corporal que a capoeira pode oferecer, atrativos que o levaram a sentir grande fascínio pela prática. De 1978 a 1980, mestre Soldado treinou três dias por semana e frequentou as rodas de sábado do Júlia Jorge. Lula, Paulão Ceará, Canário e Dingo são capoeiristas renomeados na cidade e já treinavam por lá aos sábados. Espirro Mirim chegou num momento posterior. O grupo de Everaldo Ema também era um grupo folclórico, em que eram ensaiados a dança do coco, o maneiro-pau, dança do Zumbi, maculelê e a dança de facão, para apresentações nos colégios da CEBEC. Foi relatada uma viagem ao Icó, na qual foi preciso ficar por mais um dia na cidade, em virtude da insistência dos organizadores em mostrar o espetáculo de novo, um momento áureo do Grupo Favela de Capoeira.

O Grupo Favela de Capoeira nasceu em 1977, no Colégio Júlia Jorge (figura 27). O nome era uma forma de valorizar a força e a habilidade do jovem da periferia, assim como agredir a sociedade, criando uma espécie de orgulho em relação à vida nesse local. O preconceito produzido em torno desse nome e uma nova fase na carreira da capoeira de mestre Everaldo que se iniciara ao chegar em 1979, no CSU César Cals, foram fatores determinantes para a mudança de nome do grupo, que passaria a se chamar Associação Zumbi de Capoeira. Outra instituição relevante do ponto de vista das ações protagonistas de liderança de um jovem que buscou satisfação pessoal e profissional por intermédio da capoeira foi a Associação Cearense de Capoeira.



Figura 27- Capoeiristas no Colégio Júlia Jorge, no início da década de 1980, com os seguintes mestres: Wlisses, Lula, China, Everaldo, Jorge Negão, Espirito Mirim e Aluisio Ceará. Fonte: arquivo pessoal de Josenir Almeida.

O objetivo dessa Associação era criar um organismo capaz de agregar os capoeiristas da cidade e garantir maior representatividade perante investidores, que poderiam ser de natureza pública ou privada. De acordo com Assis (2013), havia estatuto, logomarca, papel timbrado e vários projetos: Capoeira na Praça e Capoeira na Praia são exemplos. Esse último se manteve por muito tempo na praia da Barra do Ceará, aos domingos, e com patrocínio de camisetas e instrumentos. Uma vez instituída essa Associação, foi possível penetrar a imprensa, órgãos públicos, e conseguir patrocínio de determinada loja de esporte famosa na cidade.

Dizia: Tenho que permanecer na periferia, nós temos lá grandes pérolas na capoeira. O cara que cai da escada, que tropeça na rua, esse cara aprende com mais velocidade porque ele tem essa atitude de se desvencilhar mais fácil de uma amarrada, de uma ginga [...] O que a gente conseguiu com isso afastar os meninos das drogas, que apanhavam dos pais. O que foi feito foi maravilhoso! [...] A gente vê como um retorno você resgatar a identidade de uma pessoa. Um dos grandes desafios meus foi no Pirambu, quando cheguei lá na Areia Grossa, era perigosíssimo. Nos combobós o pessoal ficava fumando maconha e eu dizia vamo fumar aqui agora não, tá tendo aula! Esses meninos vieram todos para capoeira! Alguns morreram, Formigão por exemplo, mas o que a gente conseguiu tirar da marginalidade, que tava à mercê da marginalidade, puxar pro nosso lado. E a

capoeira servir como trampolim para que ele tenha uma vida social normal, sendo garçom, seja motorista, qualquer coisa. Esse benefício que a capoeira faz com esse pessoal não tem preço. Me emociono. A capoeira é uma coisa mágica, com a musicalidade dela, com a ginga dela, a pessoa libera os problemas, esquece tudo e se iguala com o outro. Não existe ninguém superior, vive num mundo mágico, a capoeira é um mundo mágico entendeu. E esse elemento agregador de valores pras comunidades carentes não tem coisa melhor, não conheço nada melhor [...] No presídio hoje em dia, sou policial federal, tem duas coisas: é cheia de pastor e capoeira. Ninguém meche com capoeirista! São respeitados, tem os treinos de capoeira, tem a magia dela. É um presente que nós recebemos e temos que cuidar muito bem dela. (ASSIS, 2013).

3.4.7 Conflitos

O convívio entre capoeiristas da cidade já demonstrava certo grau em divergências, no final da década de 1970, entre as diferentes filosofias, estilos e públicos. Foi possível averiguar nas pesquisas de campo determinado receio por parte dos mestres em comentar determinado assunto. Tratando-se de uma dissertação de mestrado, escrita com base numa concepção histórica valorativa de personagens das diferentes camadas sociais, tantos os feitos como os conflitos se mostram inseridos em um âmbito repleto de ideologias e situações diferenciadas, mediante as quais uma pequena parte do complexo universo da capoeira foi constituída e que também constitui aprendizado. O objetivo não é formular qualquer juízo de valor, mas se trata de expor fatos e explorar significados desde uma perspectiva reflexiva sobre as diferentes experiências que possam contribuir com o debate da educação na capoeira, além de honrar o compromisso com a veracidade histórica.

A fim de entender melhor as divergências selecionamos os discursos de mestre Everaldo, mestre Paulão Ceará e mestre Soldado, a respeito desse assunto, informando previamente que as divergências começaram a surgir à medida que se iniciou uma fase de autoafirmação profissional como professor de capoeira- assunto que faz parte da história da capoeira cearense e da história de vida de Everaldo Ema. De acordo com Assis (2013), apesar de admitir que o sistema de graduação, ou avaliação dos capoeiristas, até então fosse feito em espírito de equipe pelos principais nomes da

capoeira cearense, alguns alunos do grupo Zumbi, antigo grupo Favela, se mostravam descontentes com o discurso, de características “segregadoras”, do mestre Paulão Ceará.

Porque ficou uma divisão, a capoeira da elite e a capoeira da periferia. Paulão dizia *Essa capoeira é da periferia, dou aula no Christus sei o que mais lá. Aí o que acontece, o pau comia! < risos>*. Quando ia alguém daqui pra lá o pau comia, quando vinha de lá pra cá a mesma coisa! Quando ele queria testar, pegava um bocado de aluno e ia pra lá, aí o pau comia! Era assim, hoje nós somos amicíssimos, troca abraço, manda beijo, aquela coisa, a gente conversa. Porque houve amadurecimento, foi uma fase que era interessante, foi bom pra capoeira também! A vida foi nos ensinando, os contatos, nós aprendemos com as pessoas. Tudo foi somando, somando, somando. Esse lance foi bem legal. (ASSIS, 2013).

Quando chegamos aqui, a rivalidade era o seguinte: o estilo Senzala e o Subúrbio [...]. Não era questão de favela, era o estilo deles lá, a gente era mais técnico. [...] Logo em seguida vim para Aldeota dar aula, foi onde eu fui mais criticado. Eu sabia que se não viesse para Aldeota eu não ia conseguir crescer, meu objetivo não ia atingir. Porque tinha que tirar a discriminação [...] Era minha luta de mudar a imagem e mostrar à sociedade que a capoeira era nossa cultura, nosso esporte. Fazia exposições por todas as escolas [...] Dei aula em todas as escolas particulares daqui, e fui pra fora de todas elas. Chorei duas vezes em mesa de diretor porque não aguentava mais, quando tinha problema com a indisciplina de um aluno capoeirista, quem ia pra fora era a capoeira [...]. (SALES NETO, 2013)

[...] Paulão sempre trabalhou com pessoal de poderes financeiros mais elevados até por que ele vivia de capoeira, foi a política que ele adotou, não acho errado. Hoje nós temos academias em vários níveis sociais de capoeira [...] a maioria dos mestres do Ceará são do subúrbio, são pessoas de regiões carentes [...]. Paulão tinha um negócio, só o pessoal do subúrbio e só o pessoal da Aldeota, então tinha esse negócio também que irritava o pessoal do subúrbio. Tudo isso acabou servindo tanto de crescimento pra nós quanto pra ele, hoje nós não podemos questionar o trabalho que o Paulão fez, o nome que ele elevou, a Capoeira do Ceará, muito pelo contrário, tenho grande respeito pelo Paulão, grande amizade por ele, e isso é coisa do caminho [...] As diferenças que existiram elas foram com o tempo sendo aplanadas e favoreceu a capoeira como um todo. (PEREIRA, 2009).

Havia certa rivalidade entre os dois públicos, hoje analisada de forma positiva para ambos os lados, pois motivava a autossuperação de todos os envolvidos. Houve um momento-ápice dessas divergências que ensejou um conflito, intitulado por Everaldo Ema como *A Tomada do Líbano*, tornando-se necessário um cauteloso registro. Segundo Pereira (2009), mestre Soldado, *É coisa do passado, hoje virou folclore! A verdade virou folclore, hoje a gente conta rindo.*

Ocorreu que houve um evento realizado por mestre Paulão Ceará no Clube Líbano, em Fortaleza, e espalhou-se um boato de que ele tinha pegado um papel da Associação Cearense de Capoeira para conseguir patrocínio. Esse assunto ensejou uma repercussão imensa entre uma vasta gama de capoeiristas, pois era de conhecimento de todos que o referido mestre não fazia parte dessa Associação. Houve intensa mobilização marcada para ir de encontro a esse evento, realizado em um local nobre da cidade. De acordo com Assis (2013):

Primeiro teve a Associação Cearense de Capoeira... Aí teve a história do papel... A tomada do Líbano... mais de 300 capoeiristas. Posso citar um monte de pessoas que participaram. Espirro Mirim participou, Lula participou, finado Soldado participou, Pedrinho participou, Zé Ivan participou. Teve esse negócio do papel, nós descobrimos, a investigação descobriu <risos>. Ele fez um evento no Líbano, era pago e só a elite! Falei com Zé Ivan, Jorge Negão e reunimos mais de 300 meninos, nós viemos de ônibus lá do Henrique Jorge, do Alto do bode, Conjunto Ceará, José Walter, mais de 300 alunos desceu aqui na Beira Mar. Na hora de começar o evento nós invadimos, teve uma briga do Soldado com ele. Houve um bate-boca, isso foi um momento [...]. Hoje admiro Paulo Neto, quando venho pra cá a gente conversa, me manda convite, umas fotos. Tivemos uma briga ferrenha [...] (ASSIS, 2013).

É interessante ressaltar que esse episódio foi citado com o intuito de expor os momentos históricos da capoeira cearense, e que os principais nomes envolvidos nesse conflito demonstram respeito e até carinho ao falar do outro. O principal conflito que sempre existiu e ainda hoje há dentro da prática da capoeira é a questão do preconceito.

Você era discriminado! Certa feita saí de casa para uma apresentação no domingo, aí tava num ponto de ônibus com meu berimbau, passou um cara e falou *Vai pescar aonde?* A gente fazer as camiseta, e dizer nós somos

capoeira era tão difícil isso na década de 70, era muito difícil!(ASSIS, 2013).

A capoeira na sociedade cearense logra inúmeros avanços no que tange a superação de preconceitos e autoafirmação. Atualmente houve um momento de questionamento em relação à conceitualização da capoeira como prática cultural cearense. Referimo-nos, nesse momento, ao fato de a Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, após ter negado o título de Tesouro Vivo da Cultura ao mestre Zé Renato, por duas vezes consecutivas, proferir nas respectivas justificativas que a capoeira não é tradição cearense. Com relação a esse assunto mestre Everaldo Ema, Assis (2013), menciona :

A Secretaria de Cultura é apenas uma secretaria. Ela não cuida da cultura na realidade, porque a cultura de um povo é aquilo que brota do povo naturalmente. Se brota aqui a capoeira hoje, ela é a cultura do povo daqui. Como a festa junina é do povo. A capoeira é sim, ela tá aqui! [...] Se é arte marcial ou não, se é cultura. O quê que é? A capoeira é um misto disso tudo, de arte e esporte. Porque ela tem os dois pilares dela baseados nisso. Ela é completa, você tem o lado esportivo, desportivo, que não tá bem definido, e tem o lado cultural dela [...] Vejo aqui no Ceará dessa forma, a Secretaria de Cultura tem que evoluir (ASSIS, 2013).

Esse discurso reporta-se a alguns elementos do debate da educação na capoeira. A alusão à cultura e ao esporte como pilares dessa prática faz com que percebemos a amplitude desse universo educativo e, conseqüentemente, a concepção de mestre Everaldo com relação a esse assunto. Finalizando com os aspectos da história de vida desse protagonista no ensino da capoeira, foram sete anos de trabalho com carteira profissional assinada como professor de capoeira, até que, ao terminar a faculdade de Educação Física, Everaldo prestou concurso para agente da Polícia Federal conseguindo resultado positivo em 1987 e assumindo o cargo público em 1989. A questão da educação na capoeira, mais especificamente a inserção social de muitos jovens da periferia de Fortaleza, especificamente na região da Barra do Ceará, parece ter sido herdada por mestre Lula, um dos alunos mais antigos. Atualmente a aproximação de mestre

Everaldo com a capoeira parece não indicar qualquer vínculo profissional, apenas um *hobby*, um lazer, um sentimento de agradecimento e devoção.

Existe um trabalho, Lula pegou uma carga muito pesada: a questão da educação na capoeira. Ela ainda é um pouco crítica, fico chateado, [...] Lula foi um dos primeiros alunos. O Wladimir e o Lula, eles tem uma base muito boa da história da capoeira. [...] Conseguir diferenciar essa geração da capoeira mista, que tem a angola, a regional, e tem a capoeira. Ele vem todo ano aqui, mora na Holanda, em Amsterdã. Mora lá há muito tempo, eu vou lá dar palestra, dar curso. De vez em quando vou lá, mas nada profissional, [...] Porque a capoeira já me deu o que tinha que dar e eu não tenho como pagar, nada paga! O que eu faço é conversar com as pessoas, motivar. Tentar mostrar os bons exemplos, como foi legal esse lance de dizer pra você que era todo mundo junto, guri. Dizer que um aluno adotou a capoeira como meio de vida, um meio que ele elegeu. ASSIS (2013).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo que existem registros iconográficos e documentais da prática da capoeira a partir do século XVI, e que a hipótese, respaldada pela tradição oral, de tal prática estar presente em solo brasileiro desde o início da colonização, é bastante pertinente, percebemos que este trabalho traz uma contemplação histórica que se insere em um período recente. Observamos também a predominância da oralidade e da subjetividade dos sujeitos envolvidos na história da capoeira cearense.

Como já expressei, é possível que possam ter passado, ou mesmo residido, no Ceará inúmeros capoeiristas em algum dos diferentes períodos históricos brasileiros. Temos ciência de que alguns estudantes cearenses que foram à Bahia para estudar Medicina, e que também foram alunos de mestre Bimba, se tornaram capoeiristas. Catalogamos lideranças na prática da capoeira na orla marítima de Fortaleza em um período bem próximo aquela em que Zé Renato iniciou o ensino dessa arte em diversas escolas da capital do Estado.

Ainda há muitas questões a serem exploradas na história da prática da capoeira em território cearense. Este trabalho deteve-se no processo formativo dos primeiros

mestres de capoeira do Ceará por meio da história de vida de quatro ex-alunos de Zé Renato. A relação mestre-discípulo, ou professor-aluno, que se estabeleceu no início da década de 1970 desde Zé Renato, representa um impulso inicial que propagou uma prática educativa deveras significativa para muitos jovens da cidade. No momento em que os alunos do Centro Social Urbano Presidente Médici obtiveram o apoio de professores e gestores, esses mesmos puderam se articular e dar continuidade ao grupo de capoeira, mesmo quando Zé Renato se foi. As inúmeras experiências vivenciadas de lazer-aprendizagem continuaram a fazer parte da rotina desses jovens.

A combinação desses fatores educacionais, tão importantes para a formação de qualquer pessoa, propiciou uma identificação tão grande com a prática da capoeira que garantiu um significado especial para vida de todos os envolvidos. O valor da experiência prática que se expressa nas diferentes histórias de vida revelam a proximidade entre vida e educação, abordando um sentido de vida, não restrita apenas aos aspectos biológicos, mas também relacionada à existência social em que decorre a educação propriamente dita. As relações entre natureza e experiência aproximam-se de tal forma que podemos considerar toda a existência de uma pessoa como uma grande experiência, ao contrário de uma visão exacerbadamente racionalista, em que se considera a experiência de forma passageira, transitória e alheia ao mundo real.

Aproximamo-nos, nesse momento, do conceito de educação de John Dewey, que, após ter vivido o contexto social de duas guerras mundiais, se propôs pensar uma educação isenta de qualquer tipo de opressão social. A garantia de um meio democrático e a valorização da reconstituição e reorganização da experiência atribuem sentido e habilidade para um melhor direcionamento das experiências futuras.

Conforme Dewey (1965), existem cinco condições por que se processa a aprendizagem que se integra diretamente na vida.

- 1) Aprende-se o que se pratica, seja habilidade, ideia, controle emocional ou valores.
- 2) Não basta praticar, pois a intenção de quem vai aprender tem singular importância.
- 3) Aprende-se por associação, pois muitas coisas podem vir associadas com o objetivo mais claro da atividade.
- 4) Não se aprende nunca uma coisa só.
- 5) Toda aprendizagem deve ser integrada à vida, adquirida em uma experiência real de vida, garantindo uma real conexão entre pensamento e ação.

O início da prática pelos protagonistas no ensino da capoeira mostrou-se conivente com as condições expostas há pouco. Primeiramente porque habilidades, ideias, controle emocional e valores são constantemente exercitados no aprendizado de lutas. Em segundo lugar, porque com origem na identificação e motivação da prática da capoeira, houve intencionalidade no aprendizado. Em terceiro, foram citados inúmeros aprendizados advindos associadamente a essa prática, tais como maculelê, confecção de variados instrumentos musicais, história brasileira, ginástica, etc. O quarto item, que se refere ao fato de não aprender somente uma coisa por vez, também foi explicitado na fala dos mestres, em especial quando se reportam à junção de arte, luta e dança em um mesmo instante. Por último, no que se refere à experiência real de vida, é inquestionável a integração da capoeira nas histórias de vida dos mestres selecionados a participar desta pesquisa.

As histórias desses protagonistas no ensino da capoeira no Ceará exemplificam realmente a relação prazerosa e significativa de seres que tiveram uma capacitação profissional advinda de vivências práticas. A inserção profissional nas escolas e clubes ratificou, já naquela época, a relevância da capoeira como um elemento educacional. Observamos que três dos quatro mestres entrevistados tiveram as carteiras profissionais assinadas ainda na década de 1970 como professores de capoeira.

De acordo com os depoimentos sobreditos, percebemos que a inserção profissional ocorreu numa época em que havia uma valorização das atividades dos grupos folclóricos na cidade. Sendo vista como dança ou como arte marcial, a capoeira se iniciou em Fortaleza por meio de apresentações que representavam artisticamente esse elemento cultural do povo brasileiro. Na Bahia, nesse mesmo período, a relação do folclore com a prática da capoeira representou uma fase de decadência, na óptica de muitos pesquisadores e estudiosos, em virtude da submissão aos órgãos públicos e descaracterização da capoeira como um folguedo para os instantes de folga. As representações folclóricas, como modo de exposição do trabalho dos Centros Sociais Urbanos e da política de governo, foram cruciais para infiltração de capoeiristas nas instituições formais de ensino em Fortaleza.

Portanto, a visibilidade da capoeira em território cearense teve expansão desde o início da década de 1970. Não nos referimos a registros midiáticos, porque estes são praticamente inexistentes, mas sim às recordações e lembranças da memória coletiva

dos mestres mais antigos de Fortaleza. O recurso da memória e o registro dessas trajetórias de vida tornam-se relevantes para captação dessas informações. Em razão do grande número de grupos de capoeira neste Estado, a preservação da memória dos feitos dos primeiros professores e mestres de capoeira do Ceará proporciona maior criticidade relacionada à filosofia da prática entre inúmeros grupos e praticantes.

As instituições e formações de inúmeros profissionais da capoeira, aclamados mestres pela comunidade em que vivem, são provas da capacidade e potencialidade do ensino desses protagonistas. Há unanimidade em admitir que a formação de um mestre ocorra por um período superior a 20 anos de engajamento com a prática, havendo uma espécie de dom, sacerdócio e misticismo para total consagração. A preocupação com a quantidade de pessoas que não passaram pela capacitação necessária e se intitulam mestres de capoeira é recorrente, e um grave problema na atualidade. Quanto ao estilo de jogo praticado em solo cearense, podemos dizer que, apesar de catalogarmos influências diferenciadas entre os mestres pesquisados, há uma afirmação em comum de dizer que há um diferencial na capoeira cearense. Portanto, a peculiaridade da história local, no discurso dos mestres pesquisados, deve ser respeitada e valorizada pelas novas gerações de mestres no Estado.

Atualmente, o exercício da capoeira está presente em centenas de países, sendo o maior divulgador da Língua Portuguesa. Em se tratando de um genuíno patrimônio cultural imaterial brasileiro, é relevante que em um estado brasileiro, com poucos e recentes registros históricos da prática local, haja esse tipo de esforço em coletar diversas informações. A contraposição com a historiografia tradicional, pautada nos grandes acontecimentos e na valorização exacerbada a personagens políticos, faz-se evidente. Os dados acumulados por essa pesquisa, no entanto, proporcionam um agrupamento de informações que contribuirão para uma futura análise genealógica de vários grupos de capoeira do Estado, hoje nomes conhecidos na capoeira nacional e internacional.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3 ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005.

ALBUQUERQUE, Carlos Vinícius Frota de. **Tá na água de beber: Culto aos ancestrais na capoeira**. Fortaleza, 2012. Dissertação (Mestrado em Sociologia)-Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará.

ARAÚJO, Benedito Carlos Libório Caires. **A capoeira na sociedade do capital: a docência como mercadoria-chave na transformação da capoeira no século xx. Dissertação de mestrado em educação**. Florianópolis: Centro de Ciências da Educação /Universidade Federal de Santa Catarina. 2008

ARAÚJO, José Ivan de (mestre Zé Ivan). **Entrevista concedida a Sammia Castro Silva sobre a própria história de vida, englobando aspectos específicos da capoeira**. Fortaleza- CE, 02 de dezembro de 2012.

ARAÚJO, Paulo Coêlho de; JAQUEIRA, Ana Rosa Fachardo. A luta da capoeira: reflexões acerca da sua origem. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, ano III, no 9. Coimbra, 2006.

ASSIS, Everaldo Monteiro de (mestre Everaldo Ema). **Entrevista concedida à Sammia Castro Silva sobre a própria história de vida, englobando aspectos específicos da capoeira**. Fortaleza-CE, xx de junho de 2013.

AZEVEDO, Fernando. **A cultura brasileira**. 4 ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.

BARROS, José D`Assunção. **Teoria da História: Volume I–Princípios e conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Vozes (2011).

BARROSO, Oswald. Folgedos afro-brasileiros no Ceará: uma aproximação com a capoeira no Ceará. In: HOLANDA, Cristina Rodrigues (org.). **Negros no Ceará: história, memória e etnicidade**. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secult/ Imopec, 2009.

BOLA SETE, Mestre. **A capoeira angola na Bahia**. 3 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. **Dossiê: Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil**. Brasília, 2007.

_____. **Carta do Folclore Brasileiro**. 1951. Disponível em: <http://culturadigital.br/setorialculturaspopulares/2010/02/04/carta-do-folclore-brasileiro-cnf/>. Acesso em: 20/03/2013.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Diário Oficial, 1988.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 6. ed. Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011.

_____. **Constituições do Brasil:** de 1824, 1891, 1934, 1937, 1946, 1967 e suas alterações. Senado Federal/Subsecretaria de Edições Técnicas, v. 1. Brasília, 1986.

_____. Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei de diretrizes e bases da educação Nacional 9394/1996 e inclui Ensino da História e cultura Afrobrasileira e Africana no Currículo Oficial e outras Providências. Sancionada pelo Presidente Luís Inácio Lula Da Silva. Brasília: **Diário Oficial da União**, v. 10, n. 01, 2003.

_____. 1º GRUPAMENTO DE ENGENHARIA MILITAR. **Histórico do primeiro grupamento de engenharia Lyra Tavares.** Disponível em: <http://www.1gec.eb.mil.br/historico.html>. Acesso em 08 de novembro de 2012.

BRITO JÚNIOR, Manoel. **Mulher:** múltiplos papéis e diferentes gerações. A biografia de Lyrysse Porto de Araújo orgulha o Ceará e o seu trabalho é prova dessa assertiva. SINDISCOCE, Fortaleza, Abril de 2004. Disponível em: www.sindscoce.org.br/.../fckeditor/.../jornaljanfevmarabr2004.pdf. Acesso em: 20 de janeiro de 2013.

CÂMARA, Samara Amaral. **Práticas educacionais transmitidas e produzidas na capoeira angola do Ceará:** história, saberes e ritual. Dissertação de Mestrado em Educação Brasileira- Núcleo de História e Memória da Educação. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010. .

CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira:** os fundamentos da malícia. Rio de Janeiro: Record, 1998.

CARLOS, Luís (mestre Lula). **Entrevista concedida a José Gerardo Vasconcelos sobre a própria história de vida, englobando aspectos específicos da capoeira.** Fortaleza-CE, 27 de abril de 2004.

CARVALHO, José Renato Vasconcelos (mestre Zé Renato). **Entrevista concedida a Sammia Castro Silva sobre a própria história de vida, englobando aspectos específicos da capoeira.** Fortaleza-CE, 29 de outubro de 2012.

CAVALCANTI, Nireu Oliveira. **Crônicas do Rio colonial.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

CUNHA FILHO, Francisco Humberto. **Direitos Culturais como direitos fundamentais no ordenamento jurídico brasileiro.** Brasília: Brasília Jurídica, 2000.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis:** para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DECÂNIO FILHO, Ângelo. **A Herança de Pastinha.** Salvador: São Salomão, 1997-a.

_____. **A Herança de Mestre Bimba.** Salvador: São Salomão, 1997-b.

_____. **Dr. José "Cisnando" Lima,** a pedra fundamental da regional. Disponível em: <http://capoeiradabahia.portalcapoeira.com/content/view/234/182/>. Acesso: 5 de março de 2005)

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. São Paulo: Editora 34, 1999.

DEWEY, John. **Vida e educação**. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

DIAS, Luís Sérgio. **Quem tem medo de capoeira?** Rio de Janeiro (1890- 1904). Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas, Departamento geral de documentação e informação cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Divisão de Pesquisa, 2001.

DUMAZEDIER, Jofre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva. 2001

ELKONIN, Daniel B. **Psicologia do jogo**. 2 ed. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2009 Coleção: Textos de psicologia.

FERREIRA, Mairson. **Entrevista concedida à Sammia Castro Silva sobre a prática da gafeira na Barra do Ceará**. Fortaleza-CE, 17 de novembro de 2012.

FREITAS, João Araújo de (mestre João Baiano). **Entrevista concedida à Sammia Castro Silva sobre a própria história de vida**. Fortaleza-CE, 20 de novembro de 2012.

HOLANDA, Maristela Ataíde de Holanda. **Entrevista concedida a Sammia Castro Silva sobre a capoeira no Centro Social Urbano Presidente Médici**. Fortaleza-CE, 24 de janeiro de 2013.

FLORENTINO, Manolo. **A paz nas senzalas: famílias escravas e tráfico atlântico**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

FLORENTINO, Manolo. **Alforrias e etnicidade no Rio de Janeiro oitocentista: notas de pesquisa**. **Topoi**, n. 5, p. 9-40, 2002.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.

_____. Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal**. J. Olympio, 1961.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Breve arqueologia da história oral. **História Oral**, v.1, 1998. P. 61-65. Disponível em: <http://revista.historiaoral.org.br>. Acesso em: 12 de agosto de 2012.

GOMES, Laurentino. **1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil**. 6. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HEBEISEN, K. Paulo. **Jogo da capoeira: 24 desenhos de Carybé**. Coleção Recôncavo n.3. Salvador: Livraria Turista. 1951

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. Perspectiva: São Paulo, 1999.

IPHAN. **Os sambas, as rodas, os bumbas, os meus e os bois: A trajetória da salvaguarda do patrimônio cultural imaterial no Brasil**. Brasília Artes Gráficas. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2006.

JALES, Paula Raquel da Silva. **Uma mulher na gestão pública: o caso de Aldaci Nogueira Barbosa**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Curso de Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade, Fortaleza, 2012.

JOUTARD, Philippe. **História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos**. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro, 1808-1850**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, pp. 109-112;

LE GOFF, Jacques. Memória. In: **História e Memória**. 6 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012.

LIMA, Eliomar de. Em tempo de espera. Diário do Nordeste, Fortaleza, 29 de abril de 2010. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=776339>. Acesso em: 12 de janeiro de 2013.

LUSSAC, Ricardo Martins Porto. **Desenvolvimento psicomotor fundamentado na prática da capoeira e baseado na experiência e vivência de um mestre da capoeiragem graduado em Educação Física**. Monografia apresentada ao curso de pós-graduação *lato sensu* em Psicomotricidade. Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, 2004.

MARQUES, M.O. et alii. **4 vidas, 4 estilos, a mesma paixão**. Ijuí: Unijuí, 1996.

MATOS, Augusto Oliveira. **A proteção multifacetada: as ações da Guarda Negra da Redemptora no ocaso do Império (Rio de Janeiro 1888-1889)**. Dissertação mestrado em História. Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília. Brasília, 2006.

MEES, Leonardo. **Nietzsche e o jogo de interpretação do acontecimento de mundo (vontade de poder)**. Rio de Janeiro: , 2011.

MEIHY, B., & Sebe, J. C. (1999). **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1998.

MOOG, Viana. **Bandeirantes e Pioneiros: paralelos entre duas culturas**. 11 ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1974.

MOTA, João Nogueira. **Fundação do Serviço Social de Fortaleza: dezoito anos de Política Social**. Fortaleza, 1982.

NASCIMENTO, Luís Luciano do. **Entrevista concedida a Sammia Castro Silva sobre as experiências com a capoeira na década de 1970.** Fortaleza- CE, 12 de março de 2013.

NANOSO, Antônio. **Entrevista concedida a Sammia Castro Silva sobre a prática da gafeira na Barra do Ceará.** Fortaleza-CE, 17 de novembro de 2012.

NOGUEIRA, Mário. **Entrevista concedida a Sammia Castro Silva sobre a prática da gafeira na Barra do Ceará.** Fortaleza-CE, 17 de novembro de 2012.

PALHANO, Carlinhos. **Bem sambado:** uma trajetória musical contada e cantada em mesa de bar. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012.

PASSOS NETO, N.S. **Ritual roda, mandinga x tele-real.** Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, ECO-UFRJ, 1966.

PEREIRA, Everardo Carlos (mestre Soldado). **Entrevista concedida a José Gerardo Vasconcelos sobre a própria história de vida.** Fortaleza-CE, 16 de junho de 2009.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **A capoeira no jogo das cores:** criminalidade, cultura, e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937). Campinas: Dissertação Mestrado em história, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1996.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

PRADO JÚNIOR. **História econômica do Brasil.** 17 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1974.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola:** ensaio socioetnográfico, Salvador: Editora Itapuã, 1968.

REIS, André Luiz Teixeira. **Educação física & capoeira:** saúde e qualidade de vida. Brasília: Thesaurus, 2001.

REIS ,Letícia Vidor de Sousa. **O mundo de pernas para o ar:** a capoeira no Brasil. 3 ed. Curitiba: Editora CRV, 2010.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro.** São Paulo: Companhia das Letras, v. 12, 1995.

ROCHA, Gilmar. Cultura popular: do folclore ao patrimônio. In: **Mediações:** Revista de Ciências Sociais. V.14, n.1, p. 218-236. Londrina: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes>. Acesso em: 19 de abril de 2012.

SALES NETO, Paulo (mestre Paulão Ceará). **Entrevista concedida à Sammia Castro Silva sobre a capoeira na década de 70.** Fortaleza- Ceará, 23 de janeiro de 2013.

SCHILLER. Friedrich. **A educação estética do homem.** São Paulo: Iluminuras, 2002.

SILVA, Gladson de Oliveira. **Capoeira do engenho à universidade**. 2. ed. São Paulo: O autor, 1995.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A capoeira escrava no Rio de Janeiro: 1808-1850**. Tese de doutorado em História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1998.

SODRÉ, Muniz. 1983. Capoeira, um Jogo de Corpo. In: A Verdade Seduzida. Por um conceito de cultura no Brasil . Rio de Janeiro: Codecri.

SOUSA, Fábio Cláudio de. **Entrevista concedida à Sammia Castro Silva sobre a capoeira na década de 70**. Fortaleza- Ceará, 10 de março de 2013.

SOUSA, Francisco Haroldo de (mestre Haroldo). **Entrevista concedida à Sammia Castro Silva sobre a capoeira na década de 1970**. Fortaleza-CE, 22 de março de 2013.

TAVARES, Júlio César. **Dança da Guerra**: arquivo-arma. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Brasília: Universidade de Brasília. 1984.

_____. **Jogo corporal e comunicultura, a capoeira como fenômeno civilizatório com real aptidão comunicativa e transcultural**. Rio de Janeiro: Tese de doutorado, ECO-UFRJ, 2001.

UNESCO. **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Paris:UNESCO, 2003. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540por.pdf>>. Acesso em: 12 de agosto de 2012.

VASCONCELOS, José Gerardo. **Besouro cordão de ouro**: o capoeira justiceiro. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

VIEIRA, Luiz Renato; ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. Os desafios contemporâneos da capoeira. **Revista Textos do Brasil**, v. 14, p. 9-19, 2008.